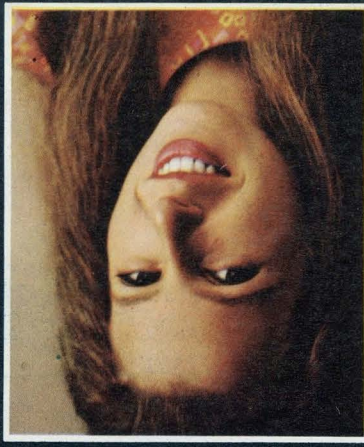


DE INGLATERRA
ANA
A PRINCESA



FEZ
DEZANOVE
ANOS

OS PORTUGUESES NÃO SABEM COMER
INQUÉRITO DESTE NÚMERO:

BEATLES
REVELAMOS EM 10 PAGINAS
O QUE É O IMPÉRIO DOS



AMADEU DOS ANJOS:
"LUCES" PARA PATRÍCIA



A CORES



O PAPA
NO UGANDA

FLAMA
N.º 1119/ANO XXVII/15 DE AGOSTO DE 1969/7.50

423



um
"homem"
nunca
chora

...Põe o penso Hansaplast® e ... pronto!



Rápido, lavável e da cor da pele
o penso

Hansaplast® strips
e p'ra miúdos e graúdos

SUMÁRIO

COR

Princesa Ana	27
Paulo VI no Uganda	28-35
Beatles	45-57

NACIONAL

Os portugueses não sabem comer	14-19
Festas de Guimarães	22-25
Amadeu dos Anjos é pai	42-43
A profissão de banheiro	44-46
Transistor na primeira pessoa	64-66
Álvaro Guerra	68-69

INTERNACIONAL

O caso Kennedy	38-40
Britt Ekland	70-71

CRÓNICA

Toiros	58
--------	----

RUBRICAS

Em foco	4-10
Cartas ao Director	12
TV programas	41
Flama/Leitura	60-63
Crocodilo	73
Humor	74
Palavras cruzadas	74

CAPA: Paulo VI no Uganda

EDITOR: ANTÓNIO DOS REIS / CHEFE DA REDACÇÃO: M. BEÇA MÚRIAS / SUBCHIEFES DA REDACÇÃO: CARLOS CASCAIS e J. SILVA PINTO / PROPRIEDADE DA UNIÃO GRÁFICA, S.A.R.L.

Redacção, Administração e Publicidade: Rua de Santa Marta, 48 — LISBOA-2 — Telef. 44191/2-46174/5. Imprime-se na «União Gráfica», S.A.R.L., Fotogravura Nacional e na Neogravura, Limitada.

A «FLAMA» declina toda a responsabilidade acerca dos documentos que lhe sejam enviados. Os originais não publicados não serão devolvidos. A colaboração, geralmente, é pedida pela Direcção.

DIÁLOGO COM O LEITOR



DUAS GRANDES REPORTAGENS

Mais um número da «Flama» chega às mãos dos leitores, e eis novo motivo de diálogo. Repare-se, porém, que o diálogo que desejamos estabelecer com os leitores não se limita (não pode limitar-se) a estas palavras de abertura. Fazemos, semanalmente, um esforço de qualidades, procurando que todas as páginas da revista sejam objecto de *diálogo*. É essa a razão da nossa existência.

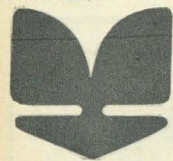
Este número é dominado por duas grandes reportagens: a da visita do Papa Paulo VI ao Uganda, numa missão de paz sem precedentes, e uma incursão ao império que os «Beatles» construíram, na sequência dos seus êxitos musicais. Qualquer dessas reportagens surge com o selo da mais flagrante actualidade: se a primeira refere um facto histórico, cuja importância real só o futuro poderá assinalar mas que se deve desde já inserir no «aggiornamento» da Igreja, a segunda diz respeito a uma empresa humana que também (quer se queira, quer não) deixará as suas marcas no tempo que nos coube viver.

Nas restantes páginas da revista, encontrará o leitor reportagens, entrevistas, crónicas, e fotos capazes de lhe fornecer informação, recrear o espírito e contribuir para a formação das suas ideias. Nesse tríplice sentido não de ser entendidas as páginas que dedicamos ao escritor Álvaro Guerra, à maneira como se deve realmente comer, à nova civilização do transistor, às festas do Norte do país, e a outros temas de interesse. O leitor verá.

Mas não podemos fechar esta introdução ao nosso diálogo desta semana, sem exprimir aqui, vivamente, a nossa gratidão pelas centenas de mensagens que à nossa redacção chegaram, acompanhando-nos na dor que veio causar-nos a morte do nosso camarada José Nunes Correia. A esses amigos, assim como à Imprensa, à Rádio e à Televisão, que, em notícias e comentários, se referiram ao infausto acontecimento, a nossa gratidão.

DOUTORES E BACHARÉIS

EMÍLIO FELGAR



Segundo as estimativas do Projecto Regional do Mediterrâneo, elaborado em 1963, o número de estudantes universitários em Portugal atingirá 37 mil no próximo ano lectivo. Este número, todavia, parece estar já ultrapassado, uma vez o I. N. E.

rem provenientes de famílias ricas ou bastante remediadas a maior parte desses estudantes. Interessa-nos, porém, agora, acentuar apenas o aumento progressivo do número de universitários que de ano para ano vão enchendo as escolas, algumas das quais já superlotadas.

Ainda recentemente os jornais noticiaram que cerca de três mil jovens prestaram provas de exame de aptidão à Universidade, em Lisboa, Porto e Coimbra. É claro que os «caloiros» do pró-



Nos corredores de uma das faculdades de Lisboa

assinala a existência de 35 935 em 1966/67, após recordar que as inscrições em 1960/61 atingiam 24 050 e, em 1964/65, tinham subido para 29 mil. A falta de elementos mais concretos levamos, pois a fixar em cerca de 40 mil o número de estudantes este ano matriculados nas Universidades portuguesas e em escolas que, pelo menos para fins estatísticos, funcionam como tal.

Quer isto dizer que a população universitária está a aumentar muito nos últimos anos, o que, se nos pode levar a pensar numa melhoria das condições de vida da população, por outro nos obriga a meditar no facto de se-

ximo ano lectivo serão mais, muitos mais, se tivermos em conta as dispensas daquele exame (agora mais facilitados) e os exames da época de Outubro.

Mas já nestes primeiros números, Lisboa vem à frente de todas as outras cidades universitárias, com mais de 1700 estudantes em exames de aptidão. E a sua nova Cidade Universitária torna-se cada vez mais pequena para albergar os que a procuram.

É certo que muitos dos problemas que hoje são postos à consideração de quem de direito, estão, pensa-se, a um passo da resolução, com a anunciada reforma do ensino superior.



Um receptáculo humano com a sua gentil moradora do ano 2000.



CASAS PARA O FUTURO

«L'EUROPEU»

O arquiteto Ico Parisi realizou em Como uma exposição de «receptáculos humanos», primeiro passo para a casa do homem do ano 2000. Parisi afirma que a habitação do futuro deve ser totalmente reinventada a partir do interior. E explica: «A casa do nosso tempo continua a surgir vinculada a um desenho preconcebido de paredes interiores, prisioneiro de um esquema adquirido, esclerótico, petrificado e imutável, através dos séculos; isto é, nasce sem liberdade e bem longe das dimensões psicológicas e sociais do homem do ano 2000. «No pensamento do seu criador, que realizou obras arquitectónicas em Milão, Roma, Paris, no Kuwait, em Aquisgrana e em Argentário, os «receptáculos» deverão ser responsáveis pelo indivíduo e caber-lhes-á isolá-lo, tornando-o auto-suficiente e deixando-lhe o máximo espaço, livre.

O «momento notivo» no interior da casa do futuro.

OS POETAS E O DISCO

ALEXANDRE MANUEL

Quando autêntica, a poesia é comunicação e diálogo, é encontro e vida. Ao escrever, o poeta projecta nos outros um pouco de si e da sua vida. Só assim ele poderá encontrar a sua verdadeira realização. («A comunicação é uma das minhas constantes preocupações» — afirmou-nos António Gedeão).

Igual aos outros homens, lutando com as mesmas dificuldades, sofrendo idênticas paixões, o poeta (como, aliás, todo o artista) deixa, a partir de determinado momento, de se pertencer a si para ser dos outros. E mais o será quanto mais perto puder estar do seu semelhante. A sua missão será mais cabalmente atingida quando ele (sem se mitificar ou permitir que o mitifiquem) buscar cada vez mais e melhor os meios de comunicação ao seu alcance.

A partir de agora, três nomes da actual poesia portuguesa estarão à disposição do público, através duma forma diferente de comunicação: o disco.

Alexandre O'Neill, Natália Correia e António Gedeão gravaram em disco alguns dos seus poemas, que nos oferecem na interpretação das suas próprias vozes.

«As pessoas que já ouviram o meu disco — disse-nos António Gedeão — sentiram-se muito mais penetradas pela poesia do que pela leitura pessoal dos poemas». Por seu turno Alexandre O'Neill (que já havia gravado um disco há cerca de dez anos) considera que «a poesia é, por enquanto, demasiado oral — sobretudo a minha — e, portanto, é natural que assim possa beneficiar duma nova recepção».

Saudemos, pois, com esperança, este novo modo de divulgação poética. A bem da Poesia.

COOPERATIVISMO FLORESTAL

O fogo é o mais implacável inimigo das florestas. Em poucas horas pode destruir completamente extensas zonas arborizadas que demoram muitos anos a formar-se e representam valiosos patrimónios. Combater e dominar as chamas levanta problemas.

Agente não pode abalar daqui. Enquanto um de nós dorme, o outro fica a vigiar», disse-nos o sr. Amável com um sorriso largo no rosto anguloso. Vive com a mulher e dois filhos de 6 e 3 anos, no posto de vigilância florestal de Nafarros, uma torre que, vista da estrada de Fontanelas, parece uma ermida. A zona residencial ocupa uma única divisão soalhada. No alto, alarga-se uma câmara de vidro equipada com binóculos e aparelho de rádio. Durante todo o dia e toda a noite, sem horário e por 3000\$00 mensais, ora o sr. Amável, ora a mulher, espreitam a serra de Sintra. E se avistam algures na extensão verde uma nuvem de fumo, um foco de incêndio comunicam imediatamente à central que, por seu turno, avisa os bombeiros indicando-lhes a localização exacta do sinistro.

A central está situada em plena floresta no alto da calçada de St.ª Maria. Subordinada à Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, possui patrulhas móveis dotadas, também, de emissores-receptores, que percorrem as matas numa constante e atenta fiscalização, cujo principal objectivo consiste em evitar a repetição da tragédia que, há anos, ocorreu na serra.

«Atenção, experiência, atenção, posto 9. Escuto»...

A voz roufenha do operador pede informações. Para o sr. Amável, trata-se de uma comunicação de rotina. Maquinalmente, olha, de novo, o arvoredo ao longe, pega no auscultador, faz girar, os botões do aparelho entre o polegar e o indicador, e responde.

«Estou aqui vai para um ano e já dei três ou quatro alarmes», conta-nos depois.

Com o Verão, ressurgiu o inimigo principal das matas. A intensa irradiação solar, o vento forte, uma carência extrema de humidade, nos troncos e nas folhas, constituem, em conjunto, um quadro de condições óptimas para o desenvolvimento das chamas eventualmente provocadas por faúlhas, fogueiras, ou pontas de cigarros.

Os fogos destroem, anualmente, em Portugal, cerca de 967 hectares de terra arborizada, causando prejuízos da ordem dos 2160 contos, matando o gado e destruindo a caça, inutilizando estradas e linhas de transporte de energia, telefónicas e telegráficas.

As florestas representam entretanto uma importante parcela do património do País. Basta lembrar que, em 1963, segundo as últi-



Torre de vigia de fogo. Prevenção em novo estilo.

mas estatísticas conhecidas, o sector florestal contribuiu, com 2 912 410 contos para o produto nacional bruto. Na verdade, a madeira desempenha um papel valioso na construção e no fabrico do papel de matérias plásticas e celulósicas e tem larga aplicação como combustível. Por seu turno, as matas permitem o aproveitamento dos solos estéreis, evitam que as chuvas arrastem a camada arável dos terrenos, e impedem, assim, o assoreamento dos cursos de água e a deslocação das areias da costa para o interior.

O incêndio da serra de Sintra desencadeou no País uma onda de emoção. Ao que parece, a insuficiência do pessoal dos serviços florestais, profundo conhecedor da técnica especial de combate aos fogos em regiões montanhosas onde as chamas se propagam com uma rapidez insuspeitada, determinou a necessidade de recurso aos Bombeiros e ao Exército. Houve divergências quanto aos métodos a utilizar e o incêndio reacendeu-se no momento mesmo em que se encontrava já praticamente dominado. Morreram 25 soldados, os prejuízos materiais foram incalculáveis e a serra ficou marcada por clareiras castanhas que

lhe roubam frescura e um pouco da beleza que o lord Byron cantou. O que levou centenas de anos a formar desapareceu em três horas. E, no entanto, em relação à maioria dos 72 grandes fogos que atingem, anualmente, as matas do país, podem considerar-se reduzidas as proporções do fogo de Sintra.

De uma maneira geral, não é possível determinar, com rigor, as causas dos incêndios. Sabe-se, porém, que 30 por cento resultam de negligência (fumadores, queimadas, fogueiras); 24,9 por cento de actos criminosos e 11 por cento de factores diversos entre os quais se contam os raios, fogos-de-artifício, tiros de pedra, fo-

tempo os jornais concederam várias colunas a um fogo que se prolongou por dois dias e duas noites, nas florestas do Carregal. Os trezentos camponeses dos arredores que lutaram contra as chamas, utilizando ramos verdes e terra, à míngua de água e material adequado, não conseguiram impedir a destruição de dezenas de milhares de eucaliptos e de pinheiros (note-se que um pinheiro só é rentável a partir dos 20 anos) muitos hectares de mata e 400 metros cúbicos de madeira.

A organização de sistemas de prevenção não tem sido, entretanto, possível fora das zonas incluídas no património do Estado.

«A Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas encontra-se espartilhada na sua actividade por uma legislação que não lhe permite obrigar os particulares a adoptar disposições de segurança», explicou-nos o sr. eng.ª Sousa Veloso.

Na verdade, para obstar à propagação dos incêndios é necessário abrir aceiros — zonas vazias em plena floresta — dividir as matas em talhões e construir vias de comunicação que permitam um acesso rápido aos locais dos sinistros. Os pequenos proprietários não podem, contudo, suportar os encargos decorrentes de tais disposições e, em geral, calculam apenas os prejuízos que resultam do desbaste do arvoredo em áreas demarcadas, esquecendo ou ignorando, simultaneamente, as vantagens do parcelamento, no plano da exploração florestal, e as consequências de um incêndio que se declare numa mata densa.

«Para os pequenos proprietários a solução está no movimento cooperativo. Enquanto a floresta se encontrar fragmentada, integrando árvores de várias idades e amanhadas ou não, a exploração não rende, nem há possibilidade de combater, eficazmente os fogos», afirmou o eng.ª Sousa Veloso. «As cooperativas florestais, agregando muitas pequenas propriedades, num conjunto bem dimensionado, tornariam mais fácil a sua própria defesa e comportariam o recurso a corpos de técnicos que racionalizariam a exploração. Mas o cooperativismo florestal desenvolve-se lentamente, entre nós. As florestas não dão lucros diários, nem sequer anuais e os proprietários são refractários ao agrupamento.»

VINTE VALORES: UMA RÉSTIA DE AZUL

ALMEIDA MARTINS



Uma determinação notável num rosto firme. José Baptista vê, para lá de nós próprios, o seu mundo racional.

Chama-se José Joaquim dos Santos Baptista e é invisual. Nasceu há 27 anos nos arredores dos Lagos e acaba de se licenciar em Matemática Pura pela Faculdade de Ciências de Lisboa com a classificação de 20 valores. Entre estas duas balizas, todo um caminho de sacrifícios percorrido com a sólida ajuda de uma grande força de vontade.

Quando se transporta um sólido objectivo no centro do raciocínio — não há barreiras, nem montes, nem vales (neste caso, não há noite de breu com seus fantasmas) que nos afaste da linha preconcebida. Para José Joaquim dos Santos Baptista não houve cegueira alguma que o desviasse do seu sonho contínuo: estudar, ir estudando matemáticas, mais e mais, aprofundar, saber, conhecer. Resultado da primeira escala: 20 valores no debate sobre uma dissertação incidindo em «Os Espaços Lp e a Transformação de Fourier». Licenciado com distinção.

«Eu só quero realçar a extraordinária simpatia de um grande número de colegas meus, a quem devo este sucesso. Eles fizeram gravações para mim, dispuseram-se a estudar comigo. Foram extraordinários».

Assim vos falou a modéstia de José Joaquim Baptista, que se pronunciou do seguinte modo acerca do sistema de estudo utilizado:

«Deixei de usar o método Braille depois de ter feito o 5.º ano do liceu. É muito difícil encontrar em Braille os livros que pretendemos. Em Portugal há uma editora, no Porto, mas a sua actividade incide quase exclusivamente na publicação de livros de estudo para a Instrução Primária e o 1.º ciclo liceal. Há no estrangeiro certas bibliotecas, como é o caso de uma muito importante, em Paris, que têm livros mais especializados. Por tudo isto, por todas as dificuldades motivadas por uma total carência de livros em Braille, sempre preferi gravar textos de livros que os meus colegas me liam em voz alta».

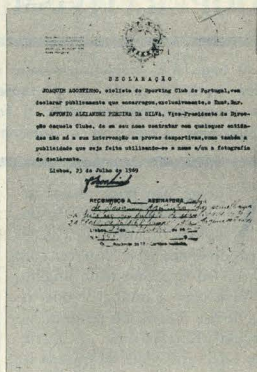
A voz do recém-licenciado é vagarosa e decidida, denotando uma personalidade forte e um conhecimento firme da sua posição no mundo.

«Se alguns professores não consentiam que eu gravasse as aulas (para não ficarem registados possíveis enganos...), essa dificuldade sempre foi suprida com êxito. Mas quero, sobretudo, destacar o nome do sr. dr. Campos Ferreira, que foi de uma simpatia a toda a prova perante o meu caso pessoal».

O sonho de José Joaquim da Silva Baptista é permanente. A sua paixão é a Matemática e a Matemática acompanhá-lo-á pela vida fora.

«Vou ficar como experimentador na Faculdade de Ciências. Trata-se de um cargo novo, que vai ser fundado no próximo ano e cujo objectivo é continuar a estudar, mas com fins científicos. Pretende-se, acima de tudo servir a Matemática, se possível descobrir coisas novas...».

Uma réstia de azul, ou todo um firmamento?



OS NEGÓCIOS DE AGOSTINHO — Joaquim Agostinho que, além de saber correr, como poucos, sobre as rodas de uma bicicleta, já provou não estar no mundo por ver andar os outros, decidiu entregar a defesa dos seus interesses a um especialista. Assim atribuiu, exclusivamente, ao dr. Pereira da Silva, vice-presidente do Sporting, o direito de por si negociar a sua intervenção em provas desportivas e também qualquer publicidade que utilize o seu nome ou a sua fotografia. Joaquim Agostinho meteu «advogado». Esperemos que não lhe levem a mal...



CASAMENTO DE PRINCIPES — Nunca, na sua tão longa existência, Ansonis, pequena aldeia provençal, tinha visto tantas majestades, altezas sereníssimas e menseshores, como por ocasião da cerimónia nupcial em que Gersende de Sabran-Ponteve, filha do duque, senhor de Ansonis e proprietário do castelo medieval de Luberon, uniu o seu destino a Jacques d'Orleans, quarto filho do conde de Paris. Na gravura, os noivos saúdam a multidão à saída da igreja.

SILVA RESENDE: UM PORTUGUÊS TRANQUILO

LUCIO CORVELO

Eu nasci numa cova da Serra de Montemuro, num sítio chamado Tendais, há 42 anos. Fiz o exame da 4.ª classe aos 9, enquanto ajudava o meu professor a debastar os mais novos. Aos 11, fui para o Seminário de Resende, por preferência minha. Fiz o curso de preparatórios em Lamego e terminei o de Filosofia com distinção. Embora tivesse pelo seminário uma grande gratidão, resolvi sair por razões pessoais e já aqui em Lisboa fiz os 6.º e 7.º ano do liceu e matriculei-me em Direito em 1950.

Como muito boa gente, Silva Resende teve de interromper o curso para ganhar dinheiro. Decidiu-se ao ensino secundário e empregou-se num banco. Veio,



Silva Resende

então, a roda da fortuna bafejando, como uma roda dentada singrando na engrenagem:

«No banco, subi rapidamente certos degraus, mas apercebi-me de que faria melhor em continuar os meus estudos. Foi então que alguém me chamou a atenção para o facto de eu fazer mal em não escrever num jornal. A princípio dirigi-me ao *Século*, mas não cheguei a entrar, sequer, no edifício por ter julgado que o trabalho num matutino diário exigiria muitos sacrifícios incompatíveis com a minha situação profissional».

A *Bola* foi o periódico escolhido por Silva Resende. De colaborador passou a redactor e neste entretanto conseguiu terminar o curso.

O dr. Silva Resende é um cruzado:

«Eu tenho uma cruzada, luto contra as injustiças do futebol. Por isso, aceitei a defesa de Eu-

sébio; nas dificuldades que logo previ que surgissem, ir-se-ia desvendar o regime iníquo em que vivem os profissionais do futebol. Só Eusébio serviria bem de exemplo para documentar este estado de coisas. Mas não andei atrás dele. Ele é que veio ter comigo e aceitei a defesa do seu ponto de vista, levando em conta a amizade que nos liga. O futebol nunca contribuiu para o meu possível êxito profissional...»

Estas foram algumas das declarações que nos prestou Silva Resende acerca da sua vida — vida que se pode definir como uma meteórica ascensão dentro deste nosso meio, e nestes dias tumultuosos.

AMIGA DOS ANIMAIS NA OPERAÇÃO «PLUS ULTRA»

A operação «Plus Ultra», destinada a premiar os actos de coragem e valores humanos das crianças, encontrou este ano, como representante de Portugal, uma menina de 13 anos, detentora de uma particularidade altamente individualizadora. Maria Adelaide Tomás — é este o seu nome — não salvou da morte nenhuma pessoa, mergulhando corajosa ou irreflexivamente no leito de um rio caudaloso nem penetrando num edifício em chamas. Maria Adelaide (natural da Figueira da Foz), tem dedicado a sua vida a salvar animais, e o júri, reunido no Rádio Clube Português, entidade representante da operação «Plus Ultra» entre nós, decidiu atribuir-lhe o prémio, que consiste numa viagem à Itália, Jugoslávia e Espanha.

Salvou animais, praticou actos de amor para com cães, gatos, etc. Mas em que consistiu, precisamente a proeza (ou as proezas) da jovem Adelaide? Vejamos exemplos: um dia, esta menina caridosa encontrou uma ninhada de gatinhos e recolheu-os, de outra vez, desceu ao fundo de um poço a fim de salvar um cão (com risco da própria vida); de uma terceira vez tratou de um gato que tinha sido atacado por um cão. Confusão e interpenetração das espécies? Acima de tudo, uma consciência assumida da sua posiçãozinha neste mundo vivo.



Maria Adelaide, natural da Figueira da Foz, a amiga dos «animais nossos amigos».

Maria Adelaide praticou estes actos abnegados sem a miragem da recompensa. Assim, a viagem a Espanha, Itália e Jugoslávia é apenas um acidente. Mas também constitui um bem merecido prémio para uma menina que gosta de animais — e que, certamente, virá a gostar de viajar.

Apenas se põe uma pergunta. Não haverá, entre todos os concorrentes, um autor de feito mais humano, de acto mais corajoso, enfim, uma criança mais de acordo com as tradições da Operação «Plus Ultra»?

Carência de valores humanos entre as crianças — ou zoolofilia por parte do júri?



FALCÃO: ALTERNATIVA CONFIRMADA COM ÊXITO

José Falcão, o mais recente dos matadores lusos, confirmou em tarde grande a sua alternativa. A Monumental de Madrid aplaudiu o toureiro de Vila Franca de Xira e o crítico Rubiera assim escreveu no «Arriba», diário da capital espanhola: «Falcão executou verónicas de muito bom estilo e valor. Luziu, depois, nas bandarilhas, sobretudo no terceiro par. Iniciou a *faena* com muito bons passes por baixo e continuou com estupendo toureiro pela direita. Viu-se no rapaz arte e valor. E no que respecta à lide

do segundo touro: «Assombroso de valor com a muleta. O touro *muy bronco* e a revolver-se com extraordinária rapidez, encontrou-se com um toureiro que lhe fez cara. E foi entregando-se. Se tivéssemos de conceder um prémio à melhor *faena* da temporada em Madrid, deveria tomar-se em conta esta executada por Falcão, porque foi com um touro de verdade e autêntico perigo».

José Falcão saiu da praça em ombros. Estava triunfalmente cumprida uma etapa importante da sua carreira tauromáquica.

UM CERTO TIPO DE BORBULHAS

A acne é uma perturbação das glândulas sebáceas, que estão situadas na profundidade da pele, na camada de tecido chamada derme. Formam muitas vezes conjunto com a raiz de um pelo: é o folículo filosebáceo. Fabricam uma espécie de matéria gordurosa, o sebo, que sai da glândula por um poro da epiderme e vem cobrir a pele de uma fina película que protege contra o frio, os choques, as opressões exteriores. Esta produção de sebo varia consideravelmente de pessoa para pessoa, de sexo para sexo. Daí a distinção entre peles gordurosas e secas.

Estudos recentes de especialistas ingleses mostram que a produção sebácea, muito pobre até à puberdade, aumenta rapidamente nesse momento para diminuir em seguida, depois dos 30 e 40 anos.

Parece que esta hiper-produção contemporânea do período de actividade genital máxima está ligada às hormonas andrógenas e a certas hormonas hipofisárias.

Todos os especialistas de pele chamam a atenção para a necessidade de uma higiene rigorosa, cuidados de limpeza, alimentação simples, tubo digestivo perfeito, sono suficiente, ventilação correcta.

Tudo isto é evidente, mas na realidade a higiene pode ser perfeita e não suprimir o acne, pois que, já o verificámos, a raiz do mal encontra-se num funcionamento hormonal de um tipo particular, sem que se possa real-

mente falar de uma perturbação hormonal. Diga-se de passagem que não é razoável submeter estes doentes a um tratamento hormonal que tem todas as hipóteses de ser ineficaz e por vezes perigoso.

CUIDADOS A TOMAR

Até nível da pele, recomenda-se o recurso a sabões ligeiramente ácidos. A pele deve ser desinfectada regularmente por meio de soluções sulfaminadas, por exemplo, e libertada do seu excesso de sebo por solventes de gorduras, tais como soluções de éter e álcool. Soluções de enxofre dão igualmente bons resultados.

É preciso utilizar antibióticos? Não, em certas formas ligeiras. Pelo contrário, o uso de tratamentos antibióticos por indicação médica, pode ser prescrito quando o acne é causador de abscessos e cicatrizes.

Quanto aos cuidados de estética, muitos institutos de beleza dispõem de um arsenal impressionante de técnicas para tratar o acne, indo desde os raios ultravioletas à alta frequência, passando por múltiplas vaporizações. A especialidade destes métodos não está sempre na medida da sua aparência altamente especializada.

Como curiosidade: acne é uma palavra grega, significa eflorescência. Acne não acma, devido ao erro de um copista que prevaleceu na história.

CUIDADO COM AS CORRENTES E MERGULHOS MORTAIS

SIMEÃO RAMIRES

Além das cautelas que temos vindo a recomendar, no sentido de as férias do leitor não serem estragadas por um acidente grave, outros cuidados se impõem quanto aos banhos em águas do mar, de lagoas, tanques, albufeiras de barragens ou rios. Esses cuidados devem redobrar quando se trate de crianças.

Se uma corrente o apanhar, pense que, as mais das vezes, não

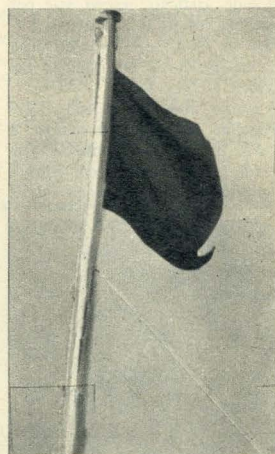
poderá contrariá-la e vencê-la directamente. Se estiver sozinho, deverá procurar safar-se traçando um rumo oblíquo, relativamente ao sentido da correnteza. No mar, os chamados agueiros ocorrem precisamente naqueles pontos em que a água está mais calma.

MATA MAIS O MEDO DO QUE O PERIGO

Cansam mais a apreensão e o medo do que um regresso difícil depois de ter saído para o mar.



O medo do mar mata mais do que o próprio mar. No entanto, «há mar e mar, há ir e voltar» e os salvadores estão (pelo menos assim o esperamos) atentos aos gestos de cada banhista. Mas também são necessárias precauções; a bandeira verde (à direita) só por si não basta.



Quando na linha da rebentação e quando tiver de nadar em mar aberto, procure empre respirar a tempo, antes de a crista da onda desabar sobre a sua cabeça. Com boa provisão de ar e batendo bem os pés, o nadador em perigo será atirado para terra a grande velocidade. Quando sentir que a turbulência da água diminui sobre a sua cabeça e tronco, deverá emergir para nova longa inspiração. Impõe-se, então, um rápido apreciar das condições existentes e um relaxamento total, nadando só para manter a posição perpendicular relativamente à linha de rebentação e para não perder muito com o refluxo da vaga. Controlando os movimentos e determinando o momento do rebentar da vaga seguinte, faça nova longa inspiração antes de mergulhar e bater os pés, para mais uma etapa a caminho do salvamento.

NÃO FAÇA MAL AO SALVADOR

Se forem socorrê-lo, não se agarre freneticamente a quem

arriscou a vida para o salvar. Essa sua atitude desvirada apenas conseguirá pôr em risco duas vidas. A inevitável luta a que esse acto conduzirá vai diminuir as forças de salvador e salvado e tudo se poderá comprometer.

No caso de o salvado: trazer uma bóia e um cabo, procure agarrar esta quando ele lhe der. Depois de lhe deitar a mão, aplique todas as suas energias em segurá-la bem. Mas não se esqueça das condições do meio. Deverá sincronizar a sua respiração com os puxões do cabo e com o rebentar das ondas. Mantenha presença de espírito e saiba que um simples segundo lhe dará para absorver uma quantidade de ar que chegará, pelo menos, para um minuto. Durante esse minuto, você não deixará de ter várias oportunidades para absorver no vo hausto. O que é preciso é que todos os seus sentidos estejam alerta, para não perder essas oportunidades.

MERGULHOS

Nas libeifeiras e tanques, tenha muito cuidado com os mergulhos. Há lodo, vegetação espessa, ou pedras ou raízes que lhe poderão causar a morte. Saltar de mergulho só em locais que tenha previamente experimentado a pé, para determinar bem a profundidade das águas e a ausência de acidentes.

Há quem goste de saltar em pouca água e tenha perícia especial para o fazer. Não se tente, pois essa perícia é muito difícil de alcançar e o mais ligeiro descuido pode ser fatal, mesmo para quem tenha experiência. Não têm conta os *tarzans* de praia que tem morrido no hospital com as vértebras cervicais esmagadas. Muitas vezes não esteve em causa a sua perícia, mas foi a vaidade de dar nas vistas de uma rapariga mais bonita que os levou a agir impensadamente e a dar um mergulho mortal.

Outro cuidado se impõe para quem nada em represas: saber quando (para regas ou produção de energia eléctrica) ...lhe abrem as comportas. É que, se quem nada estiver próximo da conduta de água, poderá ser arrastado pela corrente de sucção.

REGRESSO DIFÍCIL

Uma outra circunstância perigosa poderá registar-se no mar. Queremos referir-nos ao facto de, em praias com areal um tanto inclinado, por ocasião de calemas, as grandes ondas se acastelarem para rebentar subitamente, na praia, com uma pancada brutal. Já verificámos o facto, por experiência própria, na Ericeira e em Espinho. Nestes casos, o nadador entra bem na água, porque tem boa visão e escolhe com facilidade um período de ondas menos fortes para sair. A dificuldade está em que, no regresso, se for apanhado no movimento ondulatorio, pode ser projectado na areia como se tratara de pedra expelida por uma funda. Fracturas de clavículas, de braços, de costelas ou de pernas ainda serão o melhor que poderá esperar. O pior é a fractura da coluna, quando não a morte.

Para regressar à praia é que o nadador deverá fazer apelo a toda a sua inteligência, a toda a sua calma, a toda a sua capacidade de autodomínio.

120 MILHÕES DE EUROPEUS MUDAM DE ARES

PEDRO MIGUEL

Com a chegada do Verão, a Europa, de rosto afogueado e arrepios nas costas, é abalada por convulsivas comichões que lhe são provocadas no corpo pela deslocação de grandes massas humanas. Com efeito, o êxodo é quase total nesta época, seguindo o itinerário das grandes invasões que puseram cobro ao Império Romano. De automóvel, de comboio ou de avião (quase sentimos vontade de escrever «a pé, a cavalo e de automóvel»...) os «bárbaros» atacam de novo — porém desta vez em busca, não de melhores e novas terras, mas, pura e simplesmente, de sol.

Vêm do Norte, dos países em que o Verão é pouco ameno (para não dizer invernos...) e é mesmo curioso constatar que quanto mais um país se situa a norte mais os seus cidadãos (ou súbditos) vivem na miragem do calor, do sol, do mar muito azul com bolhinhas de espuma, de bronzeamento natural.

Da Suécia sai anualmente 7% da população com esse fito nos



Elas (e eles) encontram o País, descobrindo o Portugal que nós esquecemos.

olhos, da Dinamarca 66%, do Reino Unido 44%. E a proporção vai diminuindo com a proximidade do Trópico de Câncer, até ao ponto de, em Portugal e Espanha, a percentagem de veraneantes não ultrapassar os 20%.

Os Alemães, mantendo no subconsciente a herança dos Godos, dos Saxões e dos Alanos monopolizam para a sua galeria nacional um terço das saídas, o que, evidentemente, é também reflexo de um alto nível de vida. O Instituto de Ciências Económicas, da Universidade de Munique, afirmou que 30% deles se dirigem para a Austrália, 22% para a Itália e uma percentagem bastante razoável para Portugal, Grécia, Roménia, Bulgária, Turquia, etc. As regiões menos visitadas são a Irlanda e os fiordes noruegueses.

Quanto aos milhões de britânicos que fazem as malas e abalam das suas ilhas durante a quadra estival, são seduzidos, na sua maioria (22%) pelos castelos de Espanha e, em segundo e terceiro lugares, pela Itália e pela França. Esta última é sobretudo visitada por belgas e italianos.

No que toca aos meios de transporte, os escandinavos e os britânicos preferem o avião. Os restantes dividem-se entre o automóvel e o comboio. Apenas 0,8% dos turistas europeus faz as suas deslocações de barco.

A «invasão» é breve. Com as aragens de Setembro os países do sol são novamente abandonados aos seus indígenas. A miragem do Sul é condicionada, muito ao contrário daquela que o Norte exerce sobre nós.

OS APRENDIZES DO ALPINISMO

CÁCERES MONTEIRO



O prazer radia da vida ao ar livre. Quem disse que a mochila era um peso?

Equipamentos inadequados, desrespeito pelos caminhos balizados e desatenção relativamente às condições meteorológicas, são causas frequentes de quedas. Uma escorregadelada na erva molhada, uma rocha mole, um galho que, afinal, não resistiu e lá vai o alpinista por serra abaixo. O problema em Portugal não tem foros de gravidade, porque os alpinistas caseiros (estrelistas, na opinião de alguém mais avesso aos galicismos) são, infelizmente, bem poucos. Mas em países como a França têm sido estudadas medidas para obstar aos frequentes acidentes, 40 por cento dos quais se registam na alta montanha. Recomenda-se, assim, que os aprendizes de alpinismo se façam acompanhar por um guia profissional titular de credencial oficial ou participem em estágios organizados por colectividades especializadas. Recentemente a Federação Francesa

de Montanhismo e o Clube Alpino lançaram campanhas de cartazes no sentido de materializarem os candidatos a sinistrados do perigo em que incorrem.

As faltas pessoais são ainda as principais responsáveis pelos acidentes registados e muitos jovens alpinistas lançam-se em aventuras demasiado difíceis para eles; por outro lado, o equipamento nem sempre está devidamente experimentado e os aprendizes de alpinistas desconhecem ainda os perigos da altitude, do tempo, da neve e do gelo. Por isso, se o leitor candidato a alpinista quiser experimentar este desporto, deverá começar por pequenas colinas ou montes de areia esquecidos pelos homens das obras, de preferência em dias primaveris, munido de rigoroso equipamento. Só mais tarde se poderá aventurar a escalar a Estrela ou a Garduinha.

TV PROGRAMAS

SEXTA-15

1.º Período

- 12.30 — ABERTURA E MISSA.
13.05 — FECHO.

2.º Período

- 19.00 — ABERTURA.
19.02 — GINASTICA.
19.30 — TELEJORNAL — 1.ª edição.
19.50 — VIDA SÁ EM CORPO SÁO. — Pelo Dr. Ramiro da Fonseca.
20.05 — CARTAZ TV — Os principais programas da próxima semana apresentados por Jorge Alves.
20.35 — TURISMO.
21.00 — TELEJORNAL — 2.ª edição. Inclui o boletim meteorológico.
21.35 — LITERÁRIO.
22.05 — NOITE DE CINEMA — «A Minha Espia Favorita» — com os seguintes intérpretes principais: Bob Hope, Hedy Lamarr e Francis Sullivan.
23.50 — VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA.
00.05 — A MARCHA DO MUNDO — Serviço informativo.
00.20 — MEDITAÇÃO E FECHO.

SÁBADO-16

- 19.00 — ABERTURA.
19.02 — NOS BASTIDORES DA ABERTURA.
19.30 — TELEJORNAL — 1.ª edição.
19.45 — DIÁLOGOS DE SABADO.
20.30 — AO SERVIÇO DA NAÇÃO — Um programa das Forças Armadas.
21.00 — TELEJORNAL — 2.ª edição. Inclui o boletim meteorológico.
21.35 — TV CUBE — Com Maria da Fé que interpreta: «Indicativos», «Valeu a Pena», «Rosa e o Chico», «Saúde do Meu Fado», «Desculpa mas é assim», «Amor ao Vento», «Diz-me a Verdade», «Não irás longe». Acompanhada pela Orquestra de Manuel Viegas.
22.00 — TV 7 — Revista da semana.
22.30 — O FUGITIVO — Série dramática com David Jansen no papel do dr. Richard Kimble.
23.30 — VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA.
23.45 — A MARCHA DO MUNDO — Serviço informativo.
00.05 — FECHO.

DOMINGO-17

1.º Período

- 12.30 — ABERTURA E MISSA DE DOMINGO.
13.05 — FECHO.

2.º Período

- 19.00 — ABERTURA E DESENHOS ANIMADOS — Série «Kimba».

- 19.30 — TELEJORNAL — 1.ª edição.
19.45 — BARREIRA DE SOMBRA — Programa de actualidades taumomáquicas.
20.05 — TV RURAL — Pelo Eng.º Sousa Veloso.
20.35 — NOTÍCIA DO ESPECTACULO — Magazine do teatro, cinema, música e bailado.
21.00 — TELEJORNAL — 2.ª edição. Inclui o boletim meteorológico.
21.35 — TV MUNDO — Frank Sinatra.
22.30 — O CHEFE IRONSIDE — Série policial com Raymond Burr, Don Calloway, Barbara Anderson e Don Mitchell. Ironside encontra numa loja um quadro de um pintor amigo, Dendy Fielder, sem assinatura e Fielder fora dado como morto, após um desastre de automóvel e em seguida a um homicídio de que ele se acusou.
23.30 — DOMINGO DESPORTIVO — Reportagens dos principais acontecimentos do dia.
23.50 — VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA.
00.05 — A MARCHA DO MUNDO — Serviço informativo.
00.20 — MEDITAÇÃO E FECHO.

SEGUNDA-18

- 19.00 — ABERTURA.
19.02 — SÉRIE JUVENIL — «O Bom Gigante».
19.30 — TELEJORNAL — 1.ª edição.
19.45 — RELATÓRIO DA CIÊNCIA E DA TÉCNICA.
20.10 — MOMENTO DESPORTIVO — Entrevistas e comentários aos principais acontecimentos da actualidade desportiva.
20.30 — TEMPO INTERNACIONAL.
21.00 — TELEJORNAL — 2.ª edição. Inclui o boletim meteorológico.
21.35 — IMAGENS DA POESIA EUROPEIA — Por David Mourão-Ferreira.
21.55 — «ZIP-ZIP» — Programa realizado no Teatro Villaret. — Produção de Raul Solnado, Carlos Cruz e Fialho Gouveia
23.30 — VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA.
23.45 — A MARCHA DO MUNDO — Serviço informativo.
00.00 — MEDITAÇÃO E FECHO.

TERÇA-19

- 19.00 — ABERTURA.
19.02 — TV EDUCATIVA — Educação Musical — Música em Férias.
19.30 — TELEJORNAL — 1.ª edição.
19.45 — EXPEDIÇÃO.
20.15 — TV SOCIAL — Programa da Junta da Acção Social.
20.40 — SE BÉM ME LEMBRO — Pelo Prof. Dr. Vitorino Nemésio.

- 21.00 — TELEJORNAL — 2.ª edição. Inclui o boletim meteorológico.
21.35 — NOITE DE ÓPERA — «1.ª PARTE DA ÓPERA D. JUAN DE MOZART» — A Radiotelevisão Francesa ofereceu para a Eurovisão a Ópera «D. Juan» de Mozart do Festival Internacional de Aix-en-Provence.
23.15 — VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA.
23.30 — A MARCHA DO MUNDO — Serviço informativo.
23.45 — MEDITAÇÃO E FECHO.

QUARTA-20

- 19.00 — ABERTURA.
19.02 — DESENHOS ANIMADOS.
19.30 — TELEJORNAL — 1.ª edição.
19.45 — QUER SABER?... ENTÃO PERGUNTE — Por Diamantino Faria.
20.00 — PROGRAMA FEMININO.
20.30 — PORTUGAL DE HOJE.
21.00 — TELEJORNAL — 2.ª edição. Inclui o boletim meteorológico.
21.35 — NOITE DE ÓPERA — «1.ª PARTE DA ÓPERA D. JUAN DE MOZART» — A Radiotelevisão Francesa oferece para a Eurovisão a Ópera «D. Juan» de Mozart do Festival Internacional de Aix-en-Provence.
23.00 — O GRANDE VALE — Com os seguintes intérpretes principais: Barbara Stanwyk, Richard Long, Peter Breck, Lee Majors e Linda Evan.
23.55 — VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA.
00.10 — A MARCHA DO MUNDO — Serviço informativo.
00.25 — MEDITAÇÃO E FECHO.

QUINTA-21

- 19.00 — ABERTURA.
19.02 — TV EDUCATIVA — Ginástica.
19.30 — TELEJORNAL — 1.ª edição.
19.45 — ULTRAMAR — Um programa da Agência-Geral do Ultramar.
20.05 — EUROVISÃO — Festival Internacional de Música de Bergen por Ingrid Bjoner que interpreta «Chants sous les étoiles» de Doerumgaard e «Chants Tziganes» de Dvorak.
20.30 — PARADA DA INDÚSTRIA — Programa do Gabinete de Divulgação Económica.
21.00 — TELEJORNAL — 2.ª edição. Inclui o boletim meteorológico.
21.35 — TV CLUBE — Com Maria José Valério, Mirene Cardinalli e Paulo Jorge — Acompanhados pela orquestra de Tavares Belo.
22.00 — REPORTAGEM DO EXTERIOR.
23.45 — VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA.
00.00 — A MARCHA DO MUNDO — Serviço informativo.
00.15 — MEDITAÇÃO E FECHO.



Neste verão
tudo o que você
sentirá
é frescura

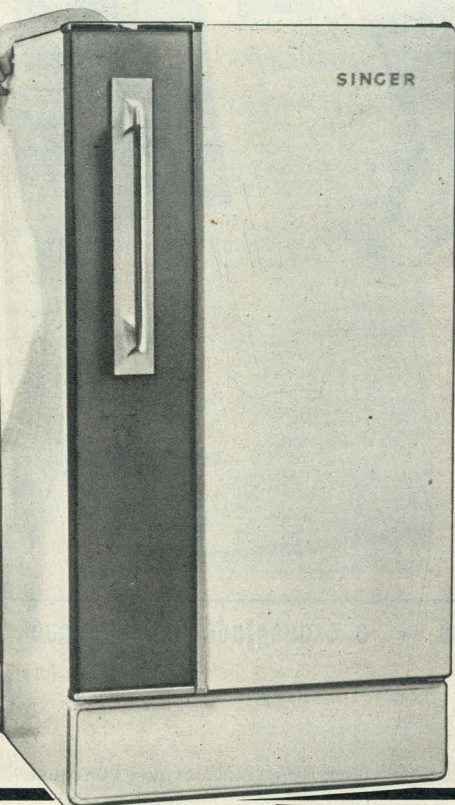
Os vestidos não têm costas. Os dias são despreocupados. Mas você ainda tem uma melhor maneira de lutar contra o calor do verão. Com os tampões Tampax, o meio mais moderno de protecção higiénica interna, você dificilmente notará a diferença entre os dias do mês. Eles não podem ser sentidos quando colocados. Eles deixam-na completamente livre e despreendida. Eles evitam odor e irritação. E nunca apresentam qualquer problema para o fazer desaparecer. Agora, que você se está a sentir tão calma, não se sente limpa e fresca também?



PROTECÇÃO HIGIÉNICA PARA USO INTERNO

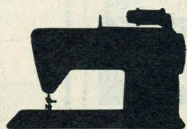
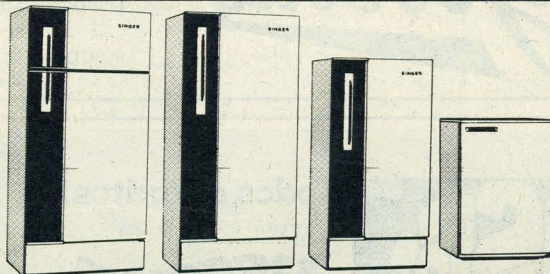
PEÇA UMA AMOSTRA A:
ANTÓNIO PACHECO AGOSTINHO, LDA.
R. RODRIGUES SAMPAIO, 15-2 - LISBOA

**OLHE!...
são só 105\$00
por mês**



Motivo de orgulho e satisfação — um frigorífico Singer. Modelos de 135 l. a 315 l., desde 2.990\$00, todos com descongelação automática. Elegantes, espaçosos e seguros. E aliciantes facilidades de pagamento: crédito a 3 anos, sem pagamento inicial.

Adquira um frigorífico Singer e terá um comprovado motivo de orgulho e satisfação.



No seu lar tudo

SINGER*

* Uma marca de fábrica de The Singer Company

parece feito para si...
e foi!



Especialmente concebido para ambientes modernos, na cozinha dos seus sonhos, GODÉSIA é o conforto que deseja.

Nos seus vários modelos, o esquentador GODÉSIA enquadra-se perfeitamente entre os armários actuais e limpa-se com enorme facilidade.

o esquentador que não esquece • o esquentador que aquece

COINTRA

Godésia

Distribuidores exclusivos para PORTUGAL:

LISBOA — RÁDIO INDÚSTRIAS, LDA.
Rua Pascoal de Melo, 127

PORTO — RÁDIO ATLÁNTICA
Rua de Santa Catarina, 615



Todos os êxitos!

estão à venda na

discoteca

ASTROTÉCNICA

Rua dos Anjos, nº 71 b
Av. Antº A. Aguiar, 58b
LISBOA

OS MELHORES
OURIVES
DE TODO O MUNDO
RECOMENDAM

Nagerty
anti-oxidante
para pratas

para
limpar
pratas

procure nas ourivesarias

CARTAS AO DIRECTOR

SUGESTÃO

Sendo a «Flama», a melhor revista nacional, e «nacional» quer dizer, desde Santa Maria (Açores), até Timor, gostaria de ver publicado uma reportagem acerca dos Açores, à semelhança do que tem feito com outras terras que muito tenho apreciado.

Julgo que o número de leitores que a «Flama» tem nos Açores, justifica esta minha sugestão. — M. ADELINA PEIREIRA — NEW BEDFORD.

«LAVOU A CARA»

Já há muito tempo que ao ouvir na rádio um disco de Nuno Filipe, em que se cantam estes versos: «e o meu amor, pela manhã, lavou a cara com a sua lá», me interrogava sobre o que queria dizer a autora. Ao ler a «Flama» n.º 1117 encontrei uma entrevista com o artista que canta essa balada e com a autora dos versos, a poetisa Maria Teresa Horta, e qual não foi o meu espanto ao verificar que também a autora não soube explicar o que aquilo queria dizer, nem nunca pensou que lho viessem a perguntar.

Achei graça à descontração e à franqueza da resposta, mas gostaria antes de ver a autora descer à liça em defesa da sua «dama», que neste caso é a sua inspiração ou o seu «sentir» íntimo das coisas. Se não há naquele verso simbolismo, então terei de pensar que houve apenas a intenção de rimar. Sendo assim, dizer que «o meu amor, pela manhã, lavou a cara com a sua lá», será o mesmo que dizer «o meu amor, pela tardinha, lavou a cara na tabuinha», ou ainda «o meu amor, já pela noite, lavou a cara com um açoitete».

Posto isto, devo acrescentar, que não pretendo fazer espírito nem tirar o valor aos trabalhos de muito merecimento já apresentados por Maria Teresa Horta. Isto é apenas um desabafo e a expressão do meu aborrecimento por verificar que não soube fugir à rasteira que o redactor da «Flama» lhe pregou. FRANCISCO SANTOS — LISBOA.

LAPSO DE QUE
PEDIMOS DESCULPA

Ao contrário do que dizia a «Flama» no n.º 1117 o príncipe Afonso, morto tragicamente no Estoril, não era o primogénito. Esse era e é, o príncipe João Carlos. — ANA MARIA ALMEIDA — LISBOA.

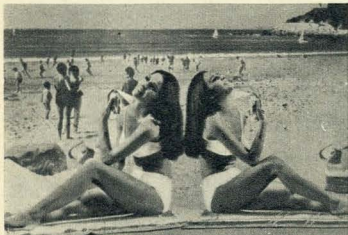
A Verdade acerca dos efeitos do sol e dos produtos para bronzear

Uma franca declaração acerca daquilo que tem direito a receber contra o seu dinheiro, quando compra produtos das grandes marcas de bronzeadores e, também, acerca das consequências da sua escolha para a beleza da sua pele, feita por «Spray-Tan», uma das principais marcas de produtos solares que pode encontrar em qualquer mercado da Europa.

Bronzear com ou sem sol?

Atenção: não confundir os produtos para bronzear naturalmente com os produtos cosméticos, para bronzeamento artificial (sem sol). O bronzeamento natural é o da verdadeira beleza e da saúde da pele. No entanto, não se deve expor a mesma ao sol sem empregar um verdadeiro produto de protecção solar: senão a pele «queima-se» e acaba por cair ou envelhecer antes de tempo.

As embalagens «Spray-Tan» ou creme «Spray Tan» são autênticos produtos científicos para um bronzear saudável e natural.



Hoje em dia, já é possível o fabrico de produtos para bronzear de duplo efeito, os quais pigmentam a pele desde a primeira aplicação dando-lhe um tom dourado protegendo-a do sol.

O «Bronze Solaire» é um deles. Apresenta-se sob duas formas: tubos e óleo-filtro em frascos. A sua acção é, de facto, sensacional. Pode parecer inacreditável, mas é verdade: com «Bronze Solaire» a pele começa a bronzear antes dos primeiros banhos de sol e, depois, intensifica o seu processo de pigmentação natural de forma espectacular. Desde a primeira aplicação, a pele reveste-se de um lindo pré-bronzeado dourado que evita as queimaduras e lhe dá um aspecto imediatamente atraente. Sem maquilhagem, sem bronzeamento artificial!

Uma vez que o «Bronze Solaire» é um concentrado de óleos tropicais impermeáveis à água, a sua acção protectora só se elimina completamente com a utilização de sabão, ficando o rosto e o corpo totalmente protegidos do Sol durante todo o dia.

Para intensificar o seu bronzeamento

Quanto melhor a sua pele estiver protegida do sol mais intensos e duradouros serão os efeitos do bronzear. Mas, para isso, o produto escolhido deve conter um filtro. Tais substâncias são mais ou menos activas (segundo

a intensidade de isolamento dos raios que queimam e a facilidade de passagem aos raios que bronzeariam) — e a sua actividade pode determinar-se com rigor e exprimir-se cientificamente através de gradações precisas: Percentagem de transmissão de raios bronzeadores e índice de protecção contra as queimaduras.

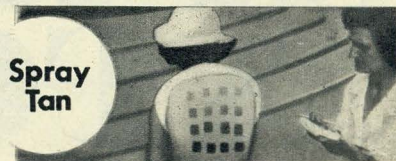
O filtro «F 29: 31» contido nos produtos Spray Tan (e somente nestes produtos) é de tal forma eficaz, que a sua actividade foi detalhadamente comentada nas revistas médicas e dermatológicas. Graças a este filtro de alto poder, o Creme especial Spray-Tan é hoje aquele que possui o índice de protecção mais forte e o único vendido com garantia de eficácia e segurança. No caso das peles ultra-sensíveis (a pele das loiras e das ruivas) ou no de um sol muito intenso (mediterrâneo ou montanha) aconselha-se o creme Spray-Tan, que tem dado resultados surpreendentes e conseguido o que até aqui tinha sido impossível com qualquer outro produto.

Experimente: seja onde for que aplique o creme Spray-Tan a sua pele bronzeará como nunca. Porém onde não o aplicar, «queimar-se-á».

Para acelerar o bronzeamento

Quanto menos esforços pedir à sua pele para se adaptar ao sol, mais depressa se bronzeará. Assegure-se de que adquire um produto solar perfeitamente adaptado aos problemas particulares da sua pele — pois que nem todas as peles reagem da mesma maneira aos efeitos do sol.

Não faça da sua pele uma «vítima do sol». Melhore, sim, as condições de receptividade aos raios bronzeadores do sol e obtenha pig-



mentação natural e surpreendente. Escolha, desde já, o produto Spray-Tan, especialmente concebido para o seu tipo de pele.

Pele normal com tendência para secar?

Spray-Tan Hydratante (espuma de lanolina). Hidrata as células cutâneas à medida que o sol as desidrata.

Pele com tendência para engordurar?

Spray-Tan não gorduroso, loção solar com vitamina A. Protege a pele sem a engordurar e resiste à água.

Pele seca ou delicada?

Spray-Tan extra macio, óleo. Alimenta a pele e evita a formação das rugas de Verão.

Pele extra-sensível ao sol?

Creme especial Spray-Tan (ultrafiltrante): o máximo de protecção para um bronzear intenso.

Uma marca diferente das outras

Presentemente, todas as grandes marcas de perfumaria ou de cosmética fabricam também produtos solares mas, se a maior parte destes produtos são bons, os da marca «Spray-Tan» são obrigados a serem ainda melhores que bons, sob pena de perderem a sua reputação mundial de produtos diferentes dos outros. Com efeito, «Spray-Tan» ocupa-se unicamente de produtos solares destinados em especial a uma elite exigente e vendidos a preços relativamente acessíveis.

À venda em farmácias, perfumarias e todos os grandes estabelecimentos.

F. LIMA & C.ª SUCCR., LIMITADA
Avenida Fontes Pereira de Melo, 17.4.º — LISBOA



Toda a gama de produtos solares — e só produtos solares

VAMOS APRENDER A COMER?

Portugal come, mas não sabe comer. A sua alimentação é desordenada e assenta em conceitos antiquados que primam por andar longe da verdade. Na época em que dedicam uma grande atenção á comida dos animais, os homens esquecem-se da sua própria máquina interna e alimentam-se como há séculos atrás. Assunto de importância vital, este é quase sempre desprezado por ignorância ou por falta de meios. Portugal come, mas ainda não sabe levar a comida à boca. É urgente que todos nós nos comecemos a compenetrar da acuidade deste assunto. Vamos aprender a comer?

REPORTAGEM

LUÍS ALMEIDA

MARTINS

FOTOS

JOAQUIM LOBO

E ARQUIVO

Debaixo do sol cru, a sombra de uma lona resguardando um homem e um tacho ao lume. A cena passa-se junto de um prédio em construção numa avenida periférica, à hora em que o calor começa a fazer-se sentir sobre os ombros.

«Boa tarde, que há hoje para o almoço?» — perguntámos ao operário.

O homem olha-nos desconfiadamente, franze a testa, examina-nos de alto a baixo, e resolve abrir-se:

«Ah, são batatas cozidas!»

As batatas voltam a tornar-se o seu exclusivo interesse, o fulcro da atenção: mexe-as com um longo garfo de ferro, remexe-as, sopra-as.

«Batatas? Só batatas? Então porquê?» — perguntámos nós sem verdadeiro espanto.

«Porquê? Porque é que há-de ser? Porque é preciso comer, e é mais barato do que a carne.»

E, após uma breve pausa:

«Isto, o que interessa é encher o estômago... o senhor sabe, isto do corpo é uma máquina. Sem «gasóleo» não trabalha... O que interessa é encher o estômago...».

Num restaurante dos arredores de Lisboa, o Sr. X despe o casaco e arregaça as mangas da camisa. É de riscas coloridas, a camisa, com uma certa percentagem de *nylon*, «tão feia — tão feia», diz a esposa, ao lado, descrevendo gestos abundantes. Para lá da janela corre o Tejo, mais estreito do que em Lisboa. O Sr. X está bem disposto: pede a ementa, mas já sabe muito bem o que vai comer: primeiro, creme de camarão; depois, um aperitivo de amêijoas à Bulhão-Pato; seguidamente, a essencial caldeirada; e, para finalizar, uma dobrada com feijão branco, verdadeiro móbil da deslocação àquela vila de onde avulta um restaurante sobre o Tejo.

É difícil fundamentar com dados concretos traduzidos por cifras os tipos de alimentos que os portugueses

SEGUE



São razões de ordem económica e não dietética que orientam a alimentação de parte dos portugueses, desconhecedores, por outro lado, dos fundamentos da alimentação equilibrada, que lhes não são fornecidos devido a uma certa estratificação destes conceitos já velhos, gastos e muito ultrapassados.

VAMOS APRENDER A COMER?

ses ingerem, por carência de dados estatísticos. Podemos, no entanto, afirmar que, mesmo pondo momentaneamente de parte as diferenças alimentares ditadas pelo nível de vida dos indivíduos, as preferências da população nacional inclinam-se para os pratos «de encher». Conso-me-se muita batata, importa-se muito arroz, devoram-se toneladas de feijão. Também o gosto pela «boa mesa» está enraizado na mentalidade portuguesa. Outros pratos tornam-se usuais por serem baratos, mas o que é certo é que eles se constituíram em fenómeno cultural, uma vez que também as classes favorecidas usam e abusam deles. Estão neste caso, por exemplo, o bacalhau e as sardinhas..

A cozinha chamada portuguesa caracteriza-se sobretudo por todos os requintes da sua confecção, que se vêm a traduzir num festival de molhos complicados, de explosivos refogados, de excitantes gostinhos e agudos paladares.

A exuberância de molhos foi uma

Na província quem cultiva batatas e couves, come batatas e couves; quem produz feijão e rabanetes, feijão e rabanetes come.



descoberta do século XIX, da época em que ainda não tinham sido inventados os frigoríficos; com eles se pretendia disfarçar o sabor dos alimentos já ligeiramente estragados (peixe menos fresco, carnes a apodrecer ...) e, simultaneamente, «valorizar os alimentos. Claro que hoje, com a democratização do gelo, tal medida já se não justifica. Simplesmente, não só o costume criou raízes de árvore, como também a falta de informação das pessoas lhes permite prosseguir numa senda ilógica e prejudicial. Esta falta de informação pode traduzir-se na seguinte frase, mais ou menos lapidária e extremamente ilustrativa de uma situação:

O passado alimentar tem o seu peso. A população desta faixa que é o nosso país habituou-se a puxar a cadeira para junto da toalha quadriculada, a arregaçar as mangas até o cotovelo e a devorar os mesmos «petiscos» que os seus avós já digeriam (mal, evidentemente ...). Restaurante ou casa de pasto que não tenha na ementa um prato de dobrada com feijão branco ou de

cozido à portuguesa — não presta. É, mesmo, uma atitude típica da média burguesia deslocar-se a este ou àquele ponto (muitas vezes fora da própria terra em que vive) exclusivamente para saborear determinado pitéu em não menos determinado, escolhido a dedo e recomendado, restaurante bem escondido nas dobras de uma ruela de vilória. A «boa mesa» é exclusiva de alguns, mas o «prazer da mesa» (ambas estas expressões muito correntes) é universal ao nível nacional. Não vamos bater de novo neste ponto na tecla da ausência de informação, mas é curioso notar que um dos pontos específicos do arrivismo da pequena burguesia é, precisamente o *eldorado* dos «bons pitéus». Quem não os consegue alcançar (trabalhadores urbanos e rurais) delicia-se numa taberna com alguns copos de vinho, pastéis de bacalhau, carapaus fritos e açorda. Pretendemos com este exemplo ilustrar um vício de alimentação, mas o problema é mais de uma determinada situação económica.

O pão é dispensável e a açorda é feita de não. Tanto os carapaus como o bacalhau têm fraco valor energético. Mas os carapaus, o pão e o bacalhau são mais baratos do que a carne e os ovos ... As leis de produção e do consumo explicam as deficiências.

**No nosso país
consome-se cinco
vezes mais vinho
do que leite:
125 litros anuais
de vinho para
26 litros de leite
(per capita)**

Na província, as pequenas sociedades rurais são praticamente auto-suficientes. Quem cultiva batatas e couves, come batatas e couves; quem produz feijão e rabanetes, feijão e rabanetes come. De vez em quando, em datas mais ou menos festivas, mata-se um carneiro: então come-se carne de carneiro com batatas e couves ou com feijão e rabanetes — consocantes os casos. Perigos evidentes: a monotonia alimentar, a avitaminose. Causas: insuficiências de planeamento e de informação das populações.

O pequeno diálogo verídico com que abrimos o presente inquérito ilustra bem a mentalidade portuguesa em relação a este assunto de capital importância, que é o da alimentação. Na verdade, está arreigada entre nós a ideia errónea de que «o que interessa é comer bastante e, sobretudo, comer do que é saboroso», em vez do conceito acertado de que o que convém é saber comer.



Evidentemente que se trata, como já referimos, de um problema de informação, situado mais ao nível das estruturas nacionais do que da psicologia (ou não fosse a questão psicológica um reflexo das primeiras). Nesta linha, a mudança de alimentação implica uma renovação da agricultura e da pecuária. Um bom exemplo é o do consumo de vinho em comparação com o de leite (segundo as informações amavelmente fornecidas pelo ITAU — Instituto Técnico de Alimentação Humana). Os números falam inteiramente por si: actualmente, no nosso país, consome-se cinco vezes mais vinho do que leite, ou seja, 125 litros anuais de vinho *per capita* para 26 litros de leite (...). Curioso é notar que, além da esmagadora diferença de propriedades nutritivas entre estes dois líquidos (o vinho é, mesmo, um *antialimento*, segundo a terminologia da Escola Dietética Francesa, na medida em que rouba ao organismo o complexo B, que já falta aos portugueses), o vinho é, também, mais caro do que o leite! ... Fenómeno cultu-

Domina o espectro dos cozinheiros e dos taberneiros que, pura e simplesmente, desconhecem o que seja a alimentação.

Só um urgente planeamento poderá modificar os hábitos alimentares dos portugueses.

ral? De certo modo; porém, há que levar em conta na sua explicação a falta de leite que se regista entre nós. Medidas a tomar: aumento da produção deste precioso alimento; para já — e antes de ser atingida a quantidade ideal de leite produzido — importação do mesmo. Sómente, sucede que esta última solução encontra obstáculos por parte das autoridades, a fim de não prejudicar as poderosas empresas de produtos lácteos da nossa terra. Aliás, em 1968, a alta nos produtos lácteos foi geral, o que anima a pensar numa possível progressão nos anos futuros. Cifras: leite em pó, + 24 %; manteiga, + 38 %; natas, + 34 %; queijo, + 8,7 %; produtos dietéticos, + 16 %.

Por outro lado, lamentável é a quebra do peixe congelado (— 14%) que representa um alimento fresco rico em proteínas, em contraste com a subida das conservas de atum em + 24 %.

Outra quebra sensível ocorreu nos concentrados de tomate, o que é indício de uma falta de planeamento, de uma produção mais ou menos arbitrária.

Estes números, embora referidos à produção e não ao consumo, são bastante elucidativos, mau grado o seu âmbito restrito, na medida em que o consumo é mais ou menos equivalente à produção, uma vez que a exportação destes produtos (à parte as conservas) é praticamente nula, assim como a importação dos mesmos.

Apesar de um ou outro «bom sinal», o livre arbítrio continua a ser rei e senhor neste delicado e fundamental campo da alimentação. Repetimos: falta de informação? É certo. Mas também necessidade urgente de certas alterações ao nível amplo da nação.

O valor calórico dos alimentos determina-se queimando cada um dos alimentos dentro de um aparelho que se chama calorímetro. No interior do nosso corpo, os alimentos também como que se queimam; mas a combustão é lenta, apenas produz calor, com total ausência de chama. É da combinação do oxigénio que respiramos com a alimentação que surge a *energia*. Sem a energia, não haveria vida.

Se todos os alimentos possuem valor calórico, nem todos contêm em si os elementos específicos de que o nosso organismo necessita para executar tarefas sem que o cansaço sobrevenha, para manter os reflexos indispensáveis e para nos defender das doenças.

Num país como Portugal, não são as calorias o que mais interessa analisar. Estas são necessárias a um nível primário, são elas que permitem que o organismo não sucumba de fome. Se na Índia ou no Vietnã o problema pode ser calórico, em Portugal já o não é: não se

SEGUE

VAMOS APRENDER A COMER?

morre de fome entre nós, o que devia o problema para o campo específico das proteínas, vitaminas e sais minerais. O problema é, portanto, mais qualitativo do que quantitativo. Vejamos um exemplo: supondo que uma pessoa ingere 3000 calorias diárias, estas podem ser quase exclusivamente provenientes de hidratos de carbono (farináceos) ou de gorduras, sendo gritante a carença das essenciais proteínas, vitaminas e sais minerais.

São as seguintes as necessidades básicas diárias:

- Alícidos* — 60 % (açúcares, farináceos, doces);
- Lípidos* — 25 % (gorduras);
- Prótidos* — 15 % (carne, peixe, ovos, cereais);
- Vitaminas*;
- Minerais*;
- Oligo-elementos*.

Muitos nomes ficaram célebres com a descoberta de um novo processo de grelhar linguados ou de temperar bifes.

E eis que surge de novo um dos principais motores da alimentação deficiente: as carenças económicas. Com efeito, o mais caro da alimentação são os prótidos, tão necessários ao bom funcionamento da máquina humana: o leite, a carne, o peixe e os ovos são apenas consumidos por uma minoria privilegiada. Os alimentos cujo consumo é maior e mais sistemático são as couves e as batatas, paupérrimos por si só — mas baratos e tão de acordo com a ideia corrente de que «o que interessa é atafulhar o estômago».

O prazer da mesa, já atrás referido, traz ao organismo os seguintes inconvenientes: gordura para o sangue, podendo provocar colesterol; aumento dos acidentes cardiovascular (em estreita relação com a alimentação); colite; úlceras (as mais das vezes provocadas, além do factor psíquico ou conjugado a este, pela alimentação deficiente, desordenada ou ingerida a horas arbitrarias, que está na base da acidez que vai atacar as paredes do estômago).

Acima de tudo isto, pairando sobre nós como uma presença fatal, domina o espectro das cozinheiras (óptimas mulheres) e dos taberneiros (tipos fixos), que, pura e simplesmente, desconhecem o que seja a alimentação.

Vejamos o que se deve comer no decorrer de um dia, dividindo os alimentos a ingerir pelas tradicionais quatro refeições. Uma das regras a levar em conta, aliás,

no planeamento de uma alimentação de tipo racional é fazer com que este não entre *demasiado* em choque com os hábitos alimentares oriundos de todos os factores já apontados. Segundo recentes conclusões, o critério da distribuição das necessidades *calóricas* deve ser o seguinte:

- Pequeno almoço — cerca de 20 %;
- Almoço — cerca de 40 %;
- Lanche — cerca de 15 %;
- Jantar — cerca de 25 %.

Já se realizaram algumas experiências de alimentação racional — e os resultados mostraram-se muito interessantes.

Especificando, obteremos as seguintes porções, tomando como *pi-*

	Gr.	Prot.	Lip.	Glúc.	Cal.
1 sumo de laranja ou uma peça de fruta ..	100	0,9	0,4	10,2	51
1 ovo cozido	55	5,9	5,7	0,3	76
2 fatias de pão integral	100	6,9	2,0	54,4	233
1 dose de mel	50	0,5	—	78,0	157

Só um urgente planeamento poderá modificar, a nível geral, os hábitos alimentares actualmente tão arreigados à «massa do sangue» dos portugueses, um dos quais escravos da sua produção auto-suficiente, outros (ou todos) sujeitos a flutuações radicalmente alheias aos seus interesses vitais de seres humanos.

E convém sempre não esquecer o problema da má informação (ou da não-informação): «De lautas ceias estão as sepulturas cheias».

Comer é uma das necessidades vitais absolutamente imprescindíveis, a ponto de só encontrar importância paralela no sono. Levar os alimentos à boca, mastigá-los e engoli-los é condição *sine qua non* para que o homem se mantenha vivo. Outros seres não mastigam — mas alimentam-se de igual modo. Com efeito, é este o processo de o organismo encontrar os meios necessários para reparar as perdas plásticas resultantes do funcionamento dos órgãos e, ao mesmo tempo, a energia de que carece para o exercício cabal desse funcionamento.

O homem é um primata que, ao longo da sua longa história de animal esperto, foi modificando os seus hábitos alimentares. De vegetariano passou a carnívoro, mudança esta (que se vem processando ao longo de milhares e milhares de anos) motivada pela extinção da maior parte das grandes florestas e consequente necessidade de adaptação ao novo *habitat* sobre o solo. Havia que rivalizar com os carnívoros natos, havia que superá-los. Sem dentes apropriados, sem garras aguçadas, só restava um caminho a esta curiosa espécie que é a humana: usar o seu privilegiado cérebro, criar instrumentos, tornar-se um animal caçador. Claro que os hábitos vegetarianos, reminiscência de tempos passados, nunca deixaram de subsistir — o que dá à nossa espécie a bizarra característica de omnívora: o homem como de tudo (ou quase tudo) um pouco.

Outra particularidade que nunca



se extinguiu é a de o homem saborear a comida, gostar de comer, ter o prazer da mesa. Se um carnívoro puro (um gato, um cão, um tigre) come exclusivamente por necessidade, triturando os alimentos apenas o necessário para não prejudicar o aparelho digestivo — o homem manteve o hábito puramente primata e vegetariano de gostar do paladar dos alimentos, mesmo (e talvez agora sobretudo) quando come carne.

Esta última característica é fundamental para a concepção humana de alimentação. Criaram-se complicadas ementas com não menos bizarras designações. Surgiram as cozinhas regionais, variando de país para país, embora modernamente se venha registando uma tendência para a uniformização embora esta, em muitos aspectos, não seja «racional». Surgiu, enfim, uma autêntica ciência: a gastronomia, e muitos nomes ficaram célebres numa florescente história da culinária, por terem encontrado um novo processo de grelhar linguados ou de temperar bifes.

É este o processo que conduziu ao lamentável estado de coisas constituído pelos hábitos de alimentação dos portugueses.

Se entre as tentativas esporádicas que têm sido feitas no nosso país no sentido de modificar o panorama caótico da alimentação, destaca-se a acção do ITAU (Instituto Técnico de Alimentação Humana), à testa do qual o Dr. Júlio Roberto prossegue na campanha iniciada há anos, quando ainda estudante da Faculdade de Ciências de Lisboa. Eleito para a direcção da Cantina da Associação dos Estudantes de Ciências, o Dr. Júlio Roberto levou a cabo um excelente trabalho de racionalização da comida aí servida. Infelizmente, desde há uns anos para cá, e por razões externas das quais derivou um mais deficiente funcionamento da Associação, a Cantina de Ciências deixou de servir alimentação de tipo racional. Mas da experiência nasceu o ITAU, que se tem dedicado activamente a tentar modificar os hábitos alimentares racionais por meio de correcções nas dietas. Deste modo, abriu um curso de Alimentação Racional, frequentado por bastantes pessoas que, felizmente, se têm vindo a interessar pelo assunto. Também algumas empresas privadas têm recorrido aos seus serviços para uma completa reforma da alimentação dos trabalhadores ao seu serviço.

Os resultados têm sido satisfatórios. Com efeito, se devidamente alimentado, o operário produz mais e é menos receptivo às doenças; daí, menor absentismo. Será curioso observar um esquema que ilustra todo este círculo vicioso:

Baixa produção — salários baixos — Deficientes condições de alimentação, educação e alojamento —

doença — Pobreza — Menor energia e capacidade de trabalho — *Baixa produção*. Por outro lado, a doença determina elevados gastos curativos — redução dos investimentos em saneamento e preservação — mais doenças — maior incapacidade — *Baixa produção* (a que, fatalmente, somos sempre conduzidos neste círculo vicioso em que uma mola-real muito importante é a má alimentação. Recordemos, a propósito, o aforismo de Sarraut acerca dos indígenas tropicais: «O indígena não trabalha bastante porque não come o suficiente e não come o suficiente porque não trabalha bastante».

Também vários cursos-piloto para universitários têm sido realizados pelo ITAU, a pedido da Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico e do Conselho das «Repúblicas» (de Coimbra). As cantinas do Técnico e de Económicas contam com o apoio do ITAU, sendo de lamentar que a alimentação na maioria das restantes seja tão deficiente. Por outro lado, uma secção editorial vai divulgando obras com interesse sobre alimentação em geral.

As experiências em escolas, fábricas, escritórios, revestem-se de um interesse extraordinário, na medida em que criam nas pessoas os hábitos da alimentação equilibrada. Chegado a sua casa, o trabalhador ou o estudante tenta introduzir na família os mesmos hábitos que ele já adquiriu.

De igual modo, a experiência da Escola-Piloto do IMAVE (Instituto de Meios Audio-Visuais de Ensino) tem sido bem aceite e os resultados positivos saltam à vista; reconhece-se a carência, por parte das crian-



ças, de proteínas, vitaminas e minerais, foi concebida uma merenda para ser distribuída à hora do almoço que suprimisse essa lacuna e, simultaneamente, fornecesse uma dose razoável de hidratos de carbono e de gorduras. Os resultados positivos têm-se traduzido por um menor absentismo (resultante da maior resistência às doenças) e por um maior e mais rápido crescimento. Mas sucede que a Escola-Piloto do IMAVE é um oásis no centro do deserto.

É este o processo mais eficaz: começar pela infância e pela juventude, a fim de que os nossos hábitos alimentares se introduzam naturalmente entre nós, sabido como é que «burro velho não aprende linguas».

**É necessário
começar pela
infância e pela
juventude para que
se introduzam novos
hábitos alimentares
em Portugal.**

SENSACIONAL EXCLUSIVO PARA PORTUGAL

A LUA

AO NOSSO ALCANCE

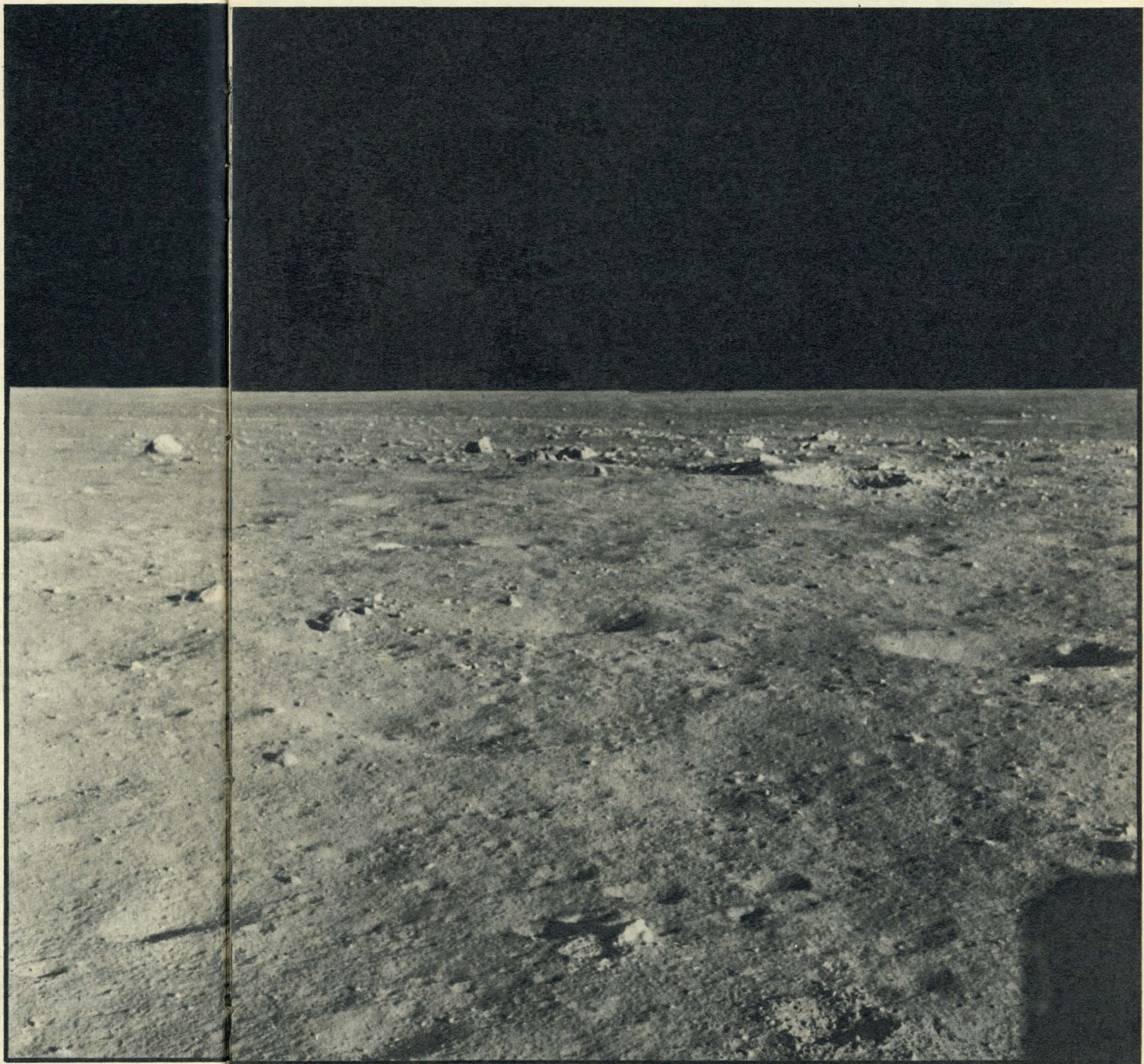
16 PÁGINAS
A CORES

**COM AS FOTOGRAFIAS
FEITAS PELOS
ASTRONAUTAS**

UM NÚMERO HISTÓRICO PARA ESGOTAR

No próximo número, a FLAMA oferece aos seus leitores um inolvidável documento: uma separata de 16 páginas com as fotos a cores que os astronautas Armstrong e Aldrin obtiveram durante quase duas horas que passaram na Lua, na histórica jornada de 21 de Julho passado. A aquisição dessas fotos, que publicaremos, em exclusivo para Portugal, e que foram adquiridas à «World Book Encyclopedia Science Service» através da Agência Dias da Silva, representa, obviamente, mais um desejo de bem servir os nossos leitores. Naturalmente, é a importância do serviço exclusivo que asseguramos a justificação desta chamada de atenção.

RESERVE JÁ O SEU EXEMPLAR DA 'FLAMA'



Aspecto do cortejo,
atravessando as
ruas da cidade. O
público seguiu
com interesse a
evocação histórica.
Apenas o tempo
não colaborou com
o luzimento do
desfile.



TEXTO
PINTO GARCIA
FOTOS
JOSÉ RUIZ



Símbolo de lealdade e de fidelidade, Egas Moniz, levando a mulher e os filhos de corda ao pescoço, apresenta-se ao rei de Leão.

GUIMARÃES: HISTÓRIA NAS RUAS EM DOMINGO DE AGOSTO

Guimarães pode orgulhar-se do seu Cortejo Histórico. Número grande das festas de cidade, das famosas «Gualterianas», merece transformar-se, pela força de uma propaganda bem conduzida, numa verdadeira atracção internacional. E agora, que tanto se fala em promoção turística, aí está um excelente pretexto para chamar a atenção sobre uma cidade que possui um recheio artístico e histórico como poucas entre nós se poderão ufanar.

Por causa de chuva que inesperadamente caiu num dia de Agosto, o cortejo saiu com mais de uma hora de atraso sobre o horário previsto, mas foi seguido com entusiasmo por milhares de pessoas que se apinharam nos passeios ao longo do percurso, soltando exclamações de admiração ao identificarem esta e aquela figura pertencentes ao passado.

O Cortejo Histórico transfigurou as ruas de Guimarães. Duas centenas e meia de figurantes, vestidos a

rigor, proporcionaram não apenas um espectáculo de beleza singular como também recordaram, com a maior correcção histórica, várias épocas. Mas o motivo principal do Cortejo foi a evocação do chamado «Voto de Aljubarrota». Como se sabe, foi justamente a meio deste mês de Agosto, há 584 anos, que se travou a batalha de Aljubarrota. O seu desfecho trouxe a Portugal a garantia de ser livre, abrindo um novo capítulo na nossa His-

SEGUE

GUIMARÃES: CORTEJO HISTÓRICO

tória, a da Idade de Ouro. Vencedor, D. João I decide cumprir, como agradecimento, uma singular promessa. Com efeito, o rei caminhou descalço pelas ruas de Guimarães, do padão de S. Lázaro até à Oliveira, para agradecer a Nossa Senhora da Oliveira o triunfo alcançado contra os castelhanos.

Evocando o «Voto de Aljubarrota», o artista João Xavier de Carvalho, que realizou o Cortejo Histórico, aproveitou para recordar uns séculos de Portugal, justamente os primeiros. Assim, dividido em vários quadros, o Cortejo, abrindo com um grupo de arautos, com guiões e trombetas, começava por lembrar, através das figuras do Conde D. Henrique e de D. Teresa, a fundação do Condado Portucalense. Depois apresentava a figura de Mumadona, a condessa que se aponta como uma mulher de dotes invulgares, que fundou Guimarães, criando o Mosteiro e a Capela de Santa Maria.

Outro quadro tinha D. Afonso Henriques como figura dominante, querendo recordar que foi em Guimarães, nos campos de S. Mamede, que Portugal começou a desenhar-se vigoroso. Atrás do primeiro rei, aparecia um homem que ficou como símbolo de fidelidade à palavra dada: Egas Moniz, com mulher e filhos, vestidos de burel e com corda ao pescoço.

Seguia-se a evocação da batalha de Aljubarrota, recordada pela presença no desfile de Nuno Álvares Pereira e da Ala dos Namorados. Em seguida, a evocação desta «Terra de Santos», fazendo entrar no Cortejo S. Dâmaso, o Papa vimaranense, S. Torcato, e S. Gonçalo. A «Terra de Santos» sucedia a «Pátria de Guerreiros», com a apresentação de vários nobres da corte do primeiro soberano. Atrás deles, o primeiro autor do teatro português, Gil Vicente, que Guimarães se orgulha de apresentar como um dos seus filhos.

Tendo elevado o burgo vimaranense à categoria de cidade, D. Maria II, filha de D. Pedro (que renunciou ao trono de Portugal para ser imperador do Brasil), foi distinguida do Cortejo Histórico, que a seguir evocou a época dos Descobrimentos, da civilização e



O primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, em cima, que partiu dos campos de S. Mamede, da protecção do castelo, para a conquista de novos territórios. À DIREITA: — D. Nuno Álvares Pereira e a Ala dos Namorados, os vencedores da batalha de Aljubarrota, travada em 14 de Agosto de 1385.

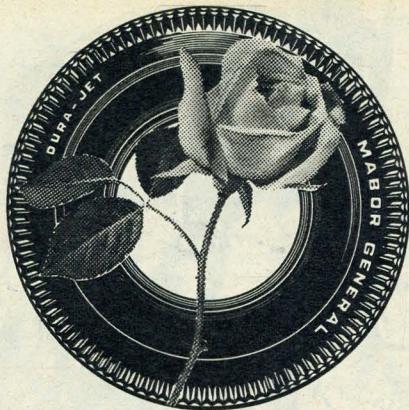


evangelização (o Infante D. Henrique, Afonso de Albuquerque, D. João de Castro, S. Francisco Xavier e S. João de Brito), exaltada nos «Lusíadas» por Luís de Camões (que desfilou ladoado por figuras do seu tempo).

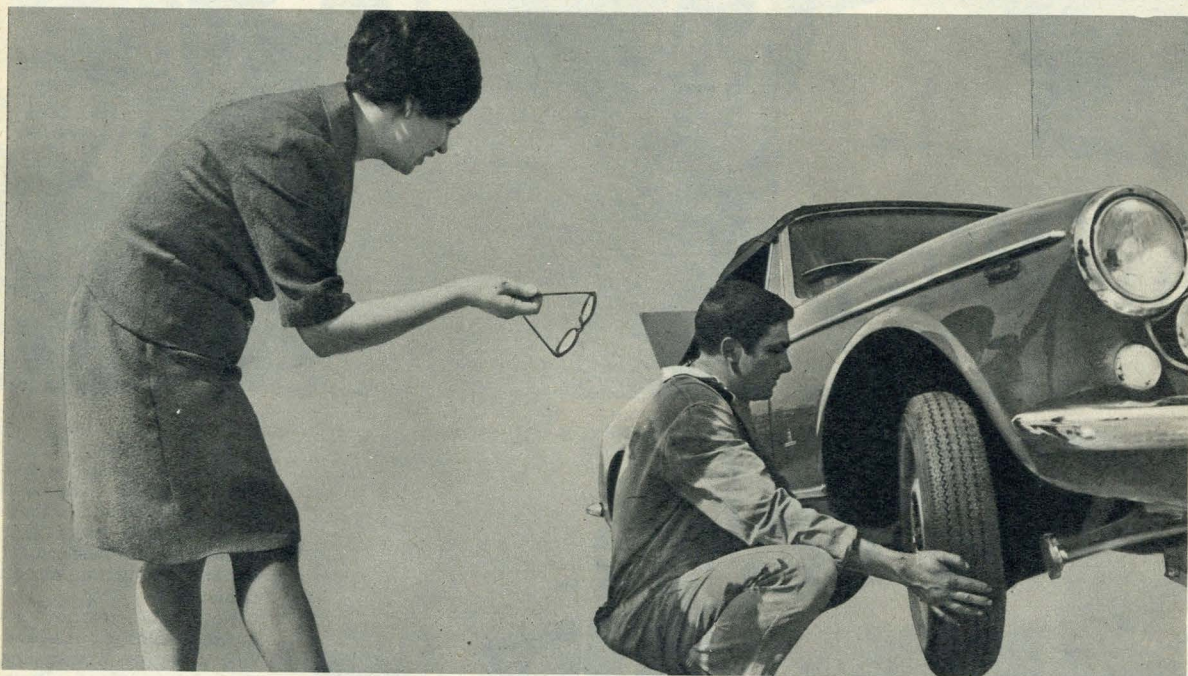
No quadro «A cruz e a espada», soldados, missionários e negros, testemunhavam a expansão de Portugal no Mundo. E depois foi a apoteose, com o «Voto de Aljubarrota». D. João I, caminhando descalço debaixo do pálio (nas ruas escorregadias pela chuva impertinente), rodeado de nobres, foi cumprir a sua promessa à Senhora da Oliveira, oferecendo a pelote, a lança e uma meada de ouro.

Figurantes recrutados em todas as classes sociais, homens e mulheres, rapazes e raparigas, conduziram-se com uma compostura rara, encarando com bom humor a desagradável contrariedade que foi um domingo de mau tempo no mês rei do Verão.

Caminhando descalço, D. João I atravessou as ruas de Guimarães para cumprir a promessa por ter vencido a batalha de Aljubarrota.



A segurança também é feminina...



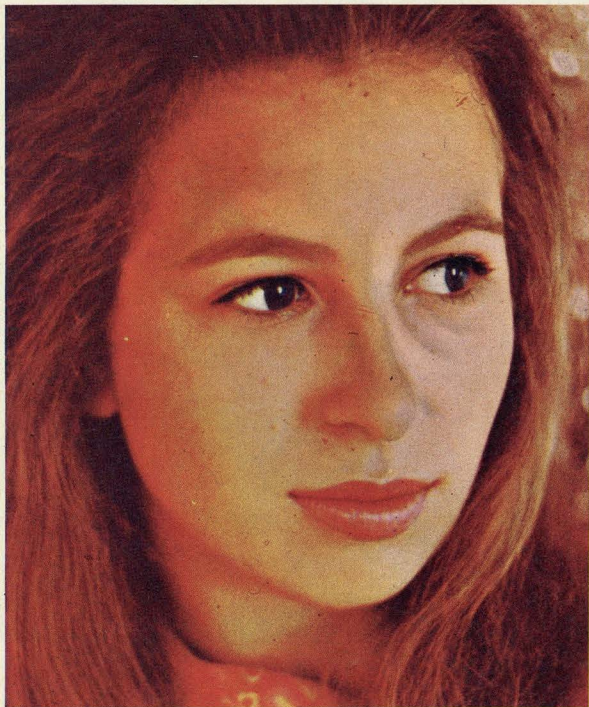
Sim, é verdade, eu preocupo-me com a segurança. O meu bom senso diz-me que ela depende, também, dos pneus (pensarão assim todos os homens...)

Por isso escolhi DURA-JET, um pneu que me oferece a garantia de milhões de quilómetros rodados em estradas portuguesas. Com um piso que se "agarra" ao solo e "segura" o carro nas travagens e curvas. E me dá a vantagem da assistência técnica da MABOR, que resolve todos os meus problemas. Sem perdas de tempo.

Costumo dizer às minhas amigas que as mulheres que sabem o que querem escolhem DURA-JET. Porque não faz como eu

DURA-JET SEGURANÇA COMPROVADA
MABOR GENERAL **MABOR**

ANA DE INGLATERRA ADEUS À ADOLESCÊNCIA



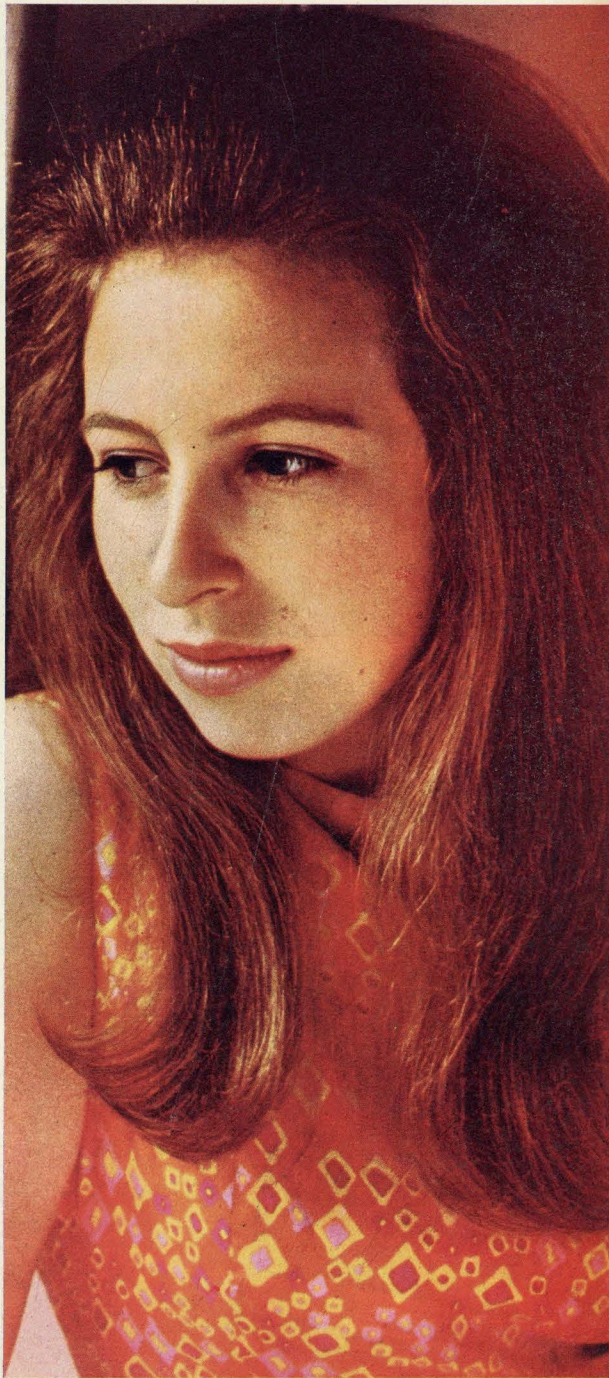
Um ano e cerca de nove meses após o nascimento do actual príncipe de Gales, a rainha Isabel II de Inglaterra era mãe pela segunda vez. Em 15 de Agosto de 1950, nascia a princesa Ana, que agora completa dezanove anos.

A infância da princesa, a despeito da preocupação manifestada pelos pais de que a sua educação seguisse os moldes da moderna pedagogia, esteve sempre longe de ser uma infância igual à de qualquer outra criança. Cedo começou a aparecer em cerimónias oficiais, cedo também começou a encarar, com a seriedade que lhe era imposta, todo o cerimonial da corte.

No entanto, isto não obstou a que Ana fosse vista passeando pelas ruas de Londres, na companhia de jovens da sua idade vestida como eles, partilhando das suas conversas e, possivelmente, dos seus ideais.

Agora que Ana inicia a última etapa da casa dos «teens», continuará ela a conviver com os seus companheiros ou irá, pelo contrário, enfronhar-se, definitivamente, numa vida orientada, na sua totalidade, pelo protocolo?

*Aos
19 anos,
o rosto de
Ana
apresenta-se-nos
com uma
expressão
diferente em
que se
adivinha já
o final
da adolescência.*



PAULO VI NO UGANDA: A ÁFRICA É UM ALTAR

Pela primeira vez na história, um Papa visitou a África, tentando reafirmar a presença da Igreja Católica num continente onde as religiões animistas congregam 80 milhões de praticantes e os muçulmanos ascendem a 70 milhões, enquanto os católicos não passam, actualmente, de 30 milhões, número considerado muito razoável, se nos lembrarmos de que, no princípio do século, atingiam um milhão.

Desde há muito que Paulo VI — o Papa mais viajado de sempre — pensava nesta viagem a África onde já tinha estado, quando era arcebispo de Milão. Nessa altura, o cardeal Montini demorou-se algum tempo na Nigéria, agora a braços com a guerra da secessão do Biafra. E na visita que fez agora ao novo hospital de Kampala, quando anunciou a fundação, na Nigéria, «logo que as circunstâncias o permitam», de dois estabelecimentos destinados às crianças vítimas da guerra nesse país, Paulo VI referiu-se à sua primeira viagem a África, com um misto de tristeza e alegria.



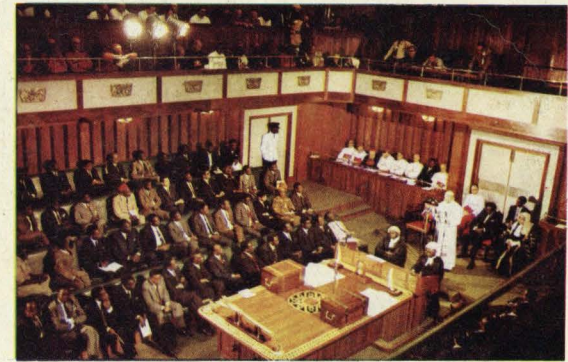
Paulo VI, no trajecto entre o aeroporto de Kampala e a cidade, recebe as aclamações do povo ugandense.

Mas a viagem de Paulo VI constituiu, essencialmente, uma jornada de missão. E da colina de Namugongo, a quinze quilómetros ao norte de Kampala, onde, há noventa anos, morreram os primeiros mártires negros da Cristandade — os 22 mártires do Uganda, há cinco anos, elevados aos altares — o Papa pensou nos problemas de toda a África e rezou pela paz em todo o continente. Ali, na colina de Namugongo, junto da qual há um lago e uma ilha onde foi celebrada missa.

E ainda neste cenário de Namugongo, onde foram sacrificados os mártires do Uganda, Paulo VI realizou o acto mais verdadeiramente missionário da sua visita de três dias: baptizou 22 catecúmenos (15 receberam o nome de Paulo) aos quais administrou, depois, a Confirmação e a Comunhão.

Mas Paulo VI não olvidou o caminho ecuménico que a Igreja Católica está a trilhar e, antes de chegar a Namugongo, deteve-se numa pequena capela protestante, erguida em memória de dez jovens que também foram martirizados. E ali, Paulo VI, juntamente com o arcebispo anglicano, rezou pela unidade ecuménica.

A primeira viagem de um Papa à África



Paulo VI concelebrou missa campal, em Ktoloto, com 12 cardeais e bispos africanos, presidindo, também, à consagração de novos bispos africanos. À esquerda: o Papa pronunciando, no Parlamento do Uganda, o seu mais importante discurso desta jornada africana. Em baixo: o Papa, ladeado pelo presidente do Uganda, à chegada a Kampala.



SEGUIE



Ao discursar junto do Santuário dos Mártires do Uganda, Paulo VI afirmou: «a vida cristã tem importância para toda a actividade humana e para a convivência social».



PAULO VI NO UGANDA: A IGREJA PROCURA A NOVA ÁFRICA

ficará sem dúvida na história da Igreja Católica. É que, apesar de se terem gozado os esforços para conseguir a paz na Nigéria, Paulo VI reafirmou o princípio evangélico da não-violência, referiu-se abertamente aos problemas maiores da África, tendo indicado duas possibilidades de esperança para as questões actuais, «a da liberdade dos territórios nacionais e a da igualdade de raças.»

Mas enquadrando a sua visita na orientação actual da Igreja Católica, os observadores viram a necessidade de «africanizar a Igreja», uma vez que a Igreja Católica (universal) não tem ainda, em África, o prestígio que seria de esperar, após tantos séculos de missionação.

O VOO ATÉ KAMPALA

Sob chuva miudinha, o avião papal levantou voo do aeroporto romano de Fiumicino na madrugada de 31 de Julho



Um dos mais importantes momentos da visita de Paulo VI ao Uganda foi aquele que o Papa passou no Parlamento de Kampala, onde pronunciou um discurso em que reafirmou a «política» da Igreja, nomeadamente perante os grandes problemas do mundo: paz e guerra, progresso e subdesenvolvimento. Em cima e em baixo: Imagens colhidas à chegada de Paulo VI ao Parlamento ugandês.

último, com destino às nascentes do Nilo. O Papa Paulo VI dirigia-se ao Uganda, mais precisamente a Kampala (a capital deste jovem estado africano) a fim de inaugurar um Santuário e encerrar uma conferência de bispos daquele continente.

A presença em Kampala de representantes nigerianos e biafreses fazia desde logo supor que o Pontífice iria tentar congarçar os dois lados em guerra — o que, aliás, já manifestara ser seu desejo numa alocução proferida na véspera em Castelgandolfo.

O Papa gozou de boas condições meteorológicas durante as horas de voo que separam Roma de Kampala, cidadezinha tropical junto ao Lago Vitória, onde uma vistosa recepção aguardava o Sumo Pontífice. Dois caças a jacto da força aérea do Uganda escoltaram o avião papal durante a última parte do percurso e avionetas rebocavam cartazes de boas-vindas. Numerosas bandeiras engalanavam as ruas, um letrado rezava: «Pepsicola saudável o Papa» e registaram-se enormes vendas de camisas à «Papa Paulo» com as cores nacionais do Uganda e da Santa Fé e as fotografias de Paulo VI e do presidente Obote. Na cidade em festa, nem os templos hindu e sikh escaparam àquela euforia, resplandecendo sob uma potente iluminação eléctrica.



As crianças foram acarinhadas pelo Papa, sorrindo para ele intimidadas e maravilhadas

O presidente Obote saudou Paulo VI num discurso de boas-vindas, a que o Papa respondeu vibrantemente, salientando a sua intenção de não se manter alheado da evolução da África. E salientou: «É a primeira vez que um sucessor de Pedro pisa solo africano».

Ao som de tambores de pele de búfalo, Paulo VI dirigiu-se seguidamente para o centro de Kampala num automóvel luxuoso que dificilmente conseguia romper a multidão contida por um serviço de ordem. Algumas pessoas sopravam em chifres de boi, outras sentavam-se sobre os formigueiros existentes ao longo da estrada (alguns com três metros de altura) para verem melhor o rosto do Papa. Este parecia bastante comovido.

As 7.30, Paulo VI chegou à residência do arcebispo de Kampala, antes de ter ido presidir ao encerramento do primeiro sim-

PAULO VI NO UGANDA: "EM VÓS SAUDAMOS TODA A ÁFRICA"

pósio de bispos africanos na catedral de Rubaga; junto desta, vários jovens entoaram cantos selvagens. O cardeal Rugambwa, da Tanzânia, proferiu o discurso de boas-vindas ao importante forasteiro, no qual salientou o alcance da visita de Paulo VI ao Uganda. O Papa voltou a agradecer as palavras daquele dignitário da Igreja, prestando uma homenagem verbal ao Uganda. «Esta nação é particularmente cara à Igreja Católica» — salientou.

SAGRAÇÃO DE NOVOS BISPOS AFRICANOS

No dia seguinte, Paulo VI, durante uma cerimónia a que assistiram mais de 108 000 pessoas, fez a sagração de doze novos bispos africanos em Kololo, antigo campo de aviação, onde se tinha improvisado um altar. O Papa parecia fresco e bem disposto. Aí, após a sagração, rezou missa auxiliado pelos novos bispos, sob um pálido sustido por quatro colunas metálicas. O

populoso, mas não se registaram acidentes. É certo que Paulo VI se viu embaraçado no meio da multidão e cambaleou uma ou duas vezes, dentro de nuvens de poeira e cacarejos de galinhas assustadas pela multidão abrindo alas.

O Sumo Pontífice aproveitou as visitas que fez a estabelecimentos hospitalares e sociais de Kampala para anunciar que iria patrocinar duas importantes realizações em África.

Mais tarde, Paulo VI foi recebido pelo parlamento ugandês, que se reuniu em sua honra. Obote salientou que a presença do Papa naquele lugar será uma «fonte de inspiração para os deputados». Paulo VI respondeu com um longo discurso de natural índole pacifista.

TENTATIVA DE PAZ GORADA

À noite, o Papa iniciou uma série de conversações com o presidente Obote e com representantes da Nigéria e do Biafra, a fim de tentar conseguir um cessar-fogo no conflito entre as duas partes envolvidas na tristemente célebre guerra que corta em dois a recém-formada república da Nigéria. As conversações decorreram em casa do nuncio apostólico, onde o Papa se instalou. Pela primeira vez na história moderna, um Papa sentava-se a uma mesa de conferência com os delegados das duas partes envolvidos numa contenda, a fim de conseguir a paz. Porém, como era de esperar, todas as diligências de Paulo VI foram infrutíferas: os delegados da Nigéria e do Biafra não chegaram a um acordo quanto ao cessar-fogo. A atitude biafrense pareceu, mesmo, um tanto indiferente a novas discussões deste tipo.

Mais tarde, Paulo VI dirigiu um apelo à unidade de acção entre os cristãos e os muçulmanos, numa alocução que proferiu perante os representantes do Islão.

Antes de regressar a Roma, o sucessor de S. Pedro dedicou o santuário de Namugongo, situado a 16 km da capital do Uganda, à memória dos mártires do último século.

A tarde, Paulo VI partiu de novo, rumo ao aeroporto de Kampala, a fim de regressar à Cidade Eterna. Muitas pessoas encheram mais uma vez as ruas do percurso até ao aeroporto, onde grupos de africanos voltaram a entoar cânticos e a dançar em honra do visitante. Quando o aparelho privativo do Papa levantou voo, soaram uma vez mais os chifres de boi numa toada plangente de despedida. As 22.11 o avião papal aterrava no aeroporto de Fiumicino, em Roma, após uma visita de 52 horas ao continente africano. Ao descer do avião, o Sumo Pontífice parecia fresco e alegre, à despeito da sua avançada idade e das características esgotantes do programa da sua viagem. Durante o voo, Paulo VI enviou telegramas de cortesia aos chefes de estado dos países que ia sobrevoando: Uganda, Sudão, R. A. U., Malta e Itália.

No aeroporto, Mariano Rumor dirigiu uma saudação ao Papa, a que este respondeu declarando-se feliz pelo sucesso da viagem sob o ponto de vista religioso e missionário.

«UM HOMEM PEQUENO E DÉBIL»

«Quem somos nós? Não se deixem enganar pela opinião que uma mentalidade corrente tem de nós, somos um homem pequeno e débil, como todos os outros ou até talvez mais. Compadecí-vos da exiguidade da Nossa pessoa».

Assim falou o Paulo VI no Parlamento de Kampala, perante os chefes de Estado ali reunidos, no discurso que ficou a constituir um dos documentos mais importantes da sua jornada de três dias e em que, depois de justificar a visita, se referiu aos grandes problemas da África, não escondendo (antes pelo contrário) uma grande simpatia por este continente.

Com efeito, apesar da anunciada debilidade, Paulo VI foi enérgico e breve ao enunciar os motivos que o levaram ao Uganda: «No entanto, possuímos a coragem de nos apresentarmos aqui, com um duplo objectivo, em nome de um nobre ideal: um é pessoal e é o Nosso grande amor à África, a vós e aos povos que governais e representais; e o outro, que



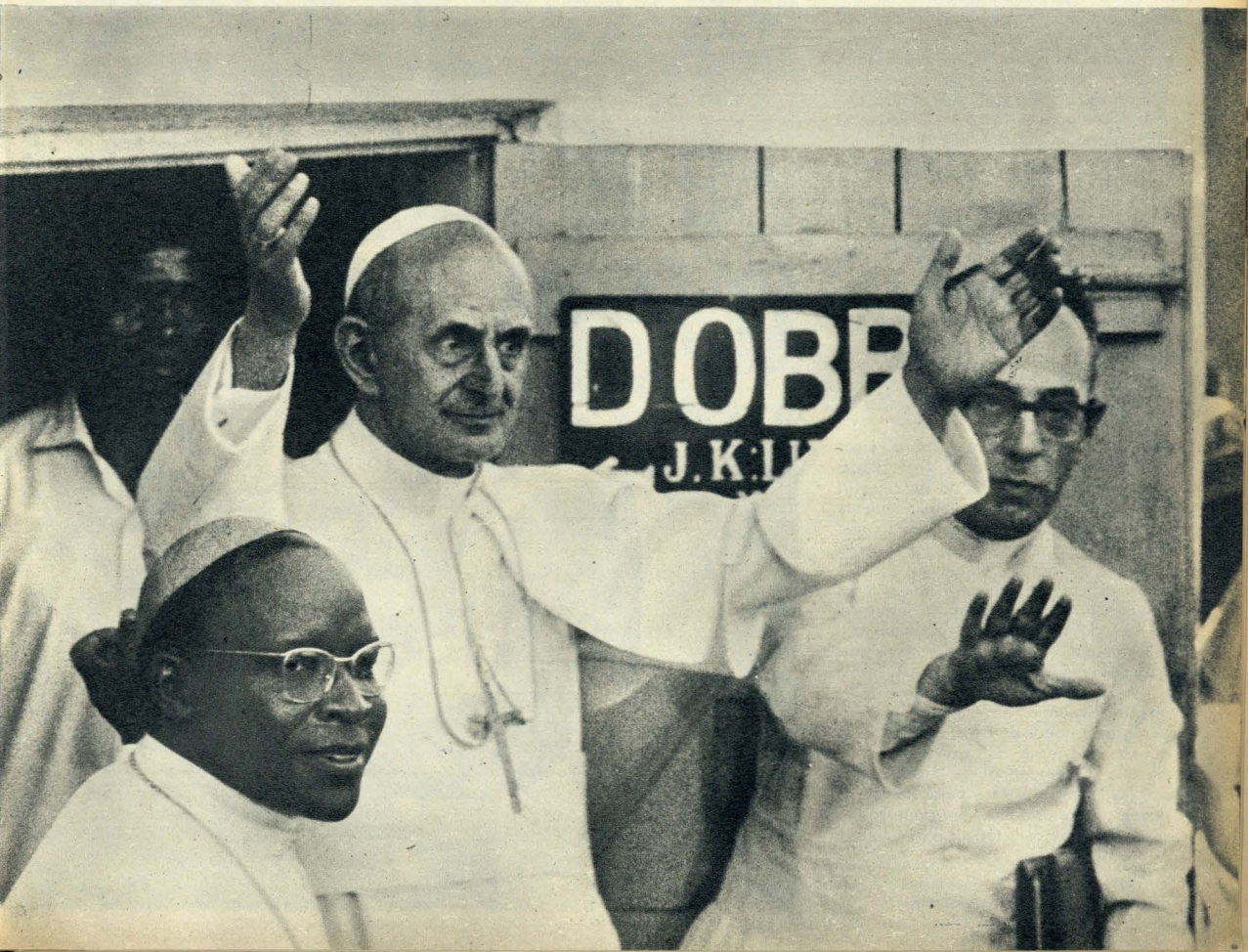
Durante a sua estada no Uganda, Paulo VI não quis deixar de ocupar-se dos problemas dos pobres. Numa visita simbólica esteve num dos bairros mais miseráveis de Kampala.

não é pessoal, foi-Nos conferido e é o título que Nos dá a humildade e o valor para Nos encontrarmos no meio de vós, é o título que conheceis, o de Papa, que significa Pai». E depois: «Aqui estamos como

pastor da Igreja Católica e nos apresentamos para repetir aquela sua simples frase, simples e solene: a paz seja convosco». E ainda: «Em vós saudamos a vossa África,

SEGUE

Paulo VI à saída da morada de um dos habitantes mais pobres do bairro de Kampala, agradece as manifestações



PAULO VI NO UGANDA: 52 HORAS A ADVOGAR A CAUSA DA PAZ

toda a África, mesmo aquela não representada aqui fisicamente».

E Paulo VI escolheu, mais uma vez, o «leit-motiv» das suas afirmações na Colômbia, referindo-se à juventude do continente e aceitando implicitamente tudo o que o vocábulo comporta de dinamismo, de drama, de esperança, de movimento para o futuro, de tal modo que pode dizer-se que foi a «nova África» que Paulo VI quis encontrar, a nova África que «libertada dos tempos passados e amadurecida para os novos tempos, obterá um valor histórico e profético para os seus melhores destinos». Dir-se-á, ainda, que o seu entusiasmo perante esta nova África o levou a pronunciar um «viva» que os chefes de Estado presentes receberam com agrado: «Consenti que suba do coração aos Nossos lábios, no Nosso sentido mais pleno e verdadeiro: viva a África».

A IGREJA CATÓLICA E A «CULTURA OCIDENTAL»

Pode considerar-se notável, sob diversos aspectos, o discurso de Paulo VI no Parlamento de Kampala. Ele serviu para reafirmar a «política» da Igreja, nomeadamente perante os grandes problemas do mundo que podem resumir-se em paz e guerra, progresso e subdesenvolvimento.

Nesta ordem de ideias, Paulo VI foi mesmo a pormenores de muito interesse, como quando se referiu à «chamada cultura ocidental», expressão que encerra hoje um conceito muito discutível: «A Igreja não tem interesses temporais próprios, não faz política no sentido específico da palavra. Dai a César o que é de César e dai a Deus o que Lhe pertence. E nem sequer pretende, no desempenho da sua missão, impor as características particulares da chamada cultura ocidental, em prejuízo das boas e humanas características da cultura



O ritmo forte dos tambores foi também uma oração que acompanhou as preces de Paulo VI no Uganda

africana. Não temais a Igreja; ela vos honrará, torna-vos cidadãos honrados e leais, não fomenta rivalidades nem divisões, trata de promover a santa liberdade, a justiça social, a paz».

CONTINENTE ATRAVESSADO DE BALAS MAS TAMBÉM DE ESPERANÇA

«Mas a Igreja, hoje, também segue um programa de ordem temporal» e o Papa, de visita ao continente onde os problemas se acumulam e alguns se não de arrastar por muitos anos, citou as últimas encíclicas, afirmando: «O desenvolvimento é, na verdade, uma exigência indiscutível da justiça. Nem colonialismos, nem neocolonialismo, mas apenas ajuda e impulso para as gentes africanas, para que saibam exprimir com as suas características e forças próprias as estruturas políticas, sociais, económicas e culturais, proporcionais às suas necessidades e coordenadas com a

Diante de uma multidão fervorosa, o Papa-celebrou missa ao ar livre, rodeado pelos bispos africanos que pouco antes haviam terminado o seu simpósio. EM BAIXO —No exacto local em que foram queimados os mártires ugandeses, santificados em 1964, Paulo VI recolheu-se por alguns momentos em oração.



sociedade internacional e com a sociedade moderna».

Mas o discurso de Paulo VI foi, essencialmente, um apelo à paz, a pensar, sem dúvida, nas guerras que assolam a África e das quais nem sempre os africanos são os culpados. O continente negro é atravessado de balas, mas também de esperança: «Ninguém se quer considerar, observava o nosso venerado predecessor, súbdito dos poderes políticos estranhos à própria comunidade nacional ou étnica. Por esse ideal, os povos da África assumiram as responsabilidades dos seus próprios destinos. A Igreja saúda com satisfação tal facto, pois assinala, sem dúvida, um passo decisivo no caminho da civilização humana».

E foi pela paz — «palavra humana e cristã, digna de ser compreendida e vivida pela jovem África» — que Paulo VI rezou a Deus, diante do altar imenso que a própria África constitui.

FRANCISCO RAMADA CONDECORADO EM OVAR



O sr. Francisco Ramada recebe das mãos do Chefe de Estado a comenda de grande oficial da Ordem de Mérito Industrial, justo galardão para uma vida de intenso trabalho.

«A condecoração que Vossa Excelência, senhor presidente da República, me entregou, calou fundo no meu coração, não só pela deferência de me ter sido entregue pessoalmente, como também por ter sido entregue aqui, na minha terra, onde lutei toda a minha vida. Na minha idade, em que já as ambições falecem, peço licença, senhor presidente, para considerar esta condecoração a mim concedida, como o prêmio ao trabalho de todos os que ajudaram a construir esta casa, onde o amor à obra, a realização se tem sobreposto ao interesse material...». A voz do sr. Francisco Ramada embargou-se. Emocionado profundamente, teve um momento de pausa, para recuperar em seguida e terminar o seu agradecimento ao Chefe de Estado. Francisco de Oliveira Gomes Ramada completa no penúltimo dia deste mês nada menos de 81 anos. Com raízes mergulhadas na ria, o ovariense, que foi um dia tentar fortuna a Lisboa onde apenas acabou por trabalhar duramente como marçano, encontrou afinal na sua terra, mercê de um esforço aturado e de um raro sentido para o negócio, as razões da sua vida, o caminho para o êxito. Madeireiro, depois viajante internacional ao serviço de uma fábrica de cortiças, Francisco Ramada descobriu numa feira internacional em Bruxelas uma fita de aço de serra sueca que o obrigaria a mudar uma vez mais de rumo. A sua grande indústria, que seria pioneira em Portugal, teria início aí. Trinta e cinco anos depois, F. Ramada, Aços e Indústrias, S.A.R.L., com um capital social superior a cem mil contos, tem em Ovar as suas fábricas. Foi aí que o Sr. Almirante Américo Tomás esteve

no último fim-de-semana, acompanhado pelos ministros do Interior e da Saúde e Assistência, pelo secretário de Estado da Indústria e pelo governador civil de Aveiro.

Tendo percorrido demoradamente a grande unidade industrial, o Chefe de Estado, guiado pelos membros do conselho de administração da firma F. Ramada, interessou-se pela laminagem e estiragem de aço a frio, parando, observando, interrogando. A laminagem é apenas um dos cinco departamentos da empresa de Ovar, a primeira (desde 1958) a iniciar em Portugal o fabrico de cantoneira perfurada (Dexion), que fabrica ainda serras e ferramentas, chapa de poliéster, botões de poliéster e madreperola.

«Acabou de percorrer as instalações desta empresa (disse o governador civil de Aveiro, dr. Vale Guimarães, na pequena sessão com que culminou a visita do Presidente da República) que é das mais expressivas do distrito de Aveiro, e das que mais validamente concorrem para o desenvolvimento da economia nacional. Esta unidade industrial foi essencialmente obra de um homem, Francisco Ramada, homem que nasceu verdadeiramente para ser industrial, dotado de poder criador, capacíssimo na acção, firme nas decisões, corajoso perante as dificuldades. Realizou-se vivendo apaixonadamente o seu sonho de industrial...».

Foi então que o Sr. Almirante Américo Tomás procedeu à entrega da comenda de grande oficial da Ordem de Mérito Industrial, concedida a Francisco Ramada por uma vida inteira de trabalho constante e produtivo.



F. Ramada deu início há onze anos à fabricação de cantoneira perfurada (Dexion), a primeira a ser fabricada no nosso país. Com departamento de aços, laminagem, serras, ferramentas e poliéster, a grande unidade industrial é das mais importantes do distrito de Aveiro. EM BAIXO — O Chefe de Estado visitou demoradamente a laminagem e estiragem de aço a frio, interessando-se por todos os pormenores.



Comovido, Francisco Ramada agradece ao Chefe do Estado: «Na minha idade, em que já as ambições falecem, peço licença, Senhor Presidente, para considerar esta condecoração a mim concedida, como o prêmio ao trabalho de todos os que ajudaram a construir esta casa».

FOTOS JOSÉ RUI!

EXCLUSIVO

Fala o polícia que interrogou TED KENNEDY



*Dominick Arena,
o polícia
que interrogou
Ted Kennedy,
a primeira pessoa
a ser informada
do acidente.
Segundo Arena,
o senador Kennedy
não terá dito toda
a verdade durante
esse primeiro
interrogatório.*

«Porque deixou Ted Kennedy passar oito horas antes de comunicar à Polícia o lugar em que Mary Jo ficara afogada? Tenho muitas dúvidas de que Kennedy tenha dito a verdade: mas é um senador e eu sou obrigado a acreditar nele».

por DUILIO PALLOTTELLI

Ted Kennedy foi condenado a dois meses de prisão (que, no entanto, serão passados em liberdade condicional) por ter abandonado o local do acidente em que perdeu a vida Mary Jo Kopechne, a jovem que tinha trabalhado, durante três anos, com seu irmão Robert. A lei do estado de Massachusetts foi aplicada de um modo bastante suave e o público americano ainda não formou uma opinião concreta sobre esta intrincada história.

As declarações feitas por Ted, na televisão, poucas horas depois de ter sido condenado, suscitaram uma onda de simpatia entre o público, embora tenham mantido na obscuridade muitos pormenores relativos ao acontecimento. O senador demonstrou uma certa coragem, dizendo, claramente, que todo o seu comportamento após o acidente é inexplicável e injustificável. Só é de lamentar que a coragem tenha chegado com uma semana de atraso, e depois de a família ter sido consultada. Em todo o caso, aqueles que desejam ver claro no assunto teriam ficado perplexos se as declarações de Kennedy tivessem respondido, verdadeiramente, às muitas interrogações levanta-

das pelo seu estranho comportamento da noite de 18 de Julho.

Na noite de sexta-feira, 18 de Julho, o senador Edward Kennedy não se encontrava em frente do «écran» de um aparelho de televisão, seguindo o histórico voo da *Apolo-11*, que estava, então, a entrar na sua fase crucial. Após um passeio num barco à vela, que durou o dia inteiro, Edward Kennedy descansara, na quietude de Chappaquiddick, uma pequena ilha arenosa, situada a pouca distância do Cabo Cod, tendo ao lado uma garrafa de *whisky*. Com ele, numa pequena vivenda alugada à época, estavam, seu primo Joe Gargan, quatro jovens absolutamente fiéis ao clã e seis encantadoras raparigas, entre as quais a fidelíssima colaboradora ou ex-colaboradora dos Kennedy. Cerca da meia-noite (o senador disse «onze e um quarto», enquanto a Polícia e algumas testemunhas insistem em que «era quase uma hora») Ted deixou a festa, acompanhado por uma jovem — Mary Jo Kopechne. Poucos minutos depois, o automóvel de Ted precipitava-se de uma ponte de madeira, sem guardas, e afundava-se em dois metros de água.

O senador conseguiu escapar, mas a jovem ficara irremediavelmente prisioneira da máquina destruída. O que aconteceu exactamente, entre o momento em que o *Oldsmobile* preto desapareceu nas águas, até às dez horas da manhã seguinte, hora em que Teddy finalmente se decidiu a ir à Polícia para comunicar o facto, não se sabe. São também desconhecidos os acontecimentos que precederam o acidente. Os participantes da festiva reunião, antigos membros do círculo de amigos e partidários de seu irmão Bob, segundo disse o próprio Ted, são personagens envolvidos em mistério.

Os dois únicos factos tristemente certos são a morte, por afogamento, de Mary Jo e a suspeita provocada pela demora na comunicação às autoridades. E tudo quanto Teddy declarou, na televisão, após ter sido condenado, em lugar de fazer um pouco de luz sobre o problema, veio complicar ainda mais e levantar novas dúvidas.

O continuador do mito, o sucessor dos dois mártires, o mais digno da «dinastia», segundo a opinião corrente de alguns eminentes políticos de Washington, deixou-se



apanhar de surpresa por um acontecimento imprevisto e pôs em jogo todo o seu futuro político, suscitando um escândalo sem limites. Ted Kennedy, que passeava românticamente com a ex-secretária de seu irmão era considerado melhor político que qualquer dos seus irmãos.

Antes do acidente, em Washington, poucos punham em dúvida a segurança do futuro político de Teddy. Segundo se esperava, antes do final de 1976, Edward Kennedy alcançaria o lugar de Presidente. Aqueles que recebavam um terceiro assassínio, aqueles que recebavam por Ted, talvez possam, agora, ficar descansados. Por outro lado, Ted passará, a partir de agora, a dispor de mais tempo para dedicar aos seus seus filhos e aos filhos dos seus irmãos. Mas, enquanto a Polícia não terminar o seu inquérito, pouco mais se poderá acrescentar. O público tem já uma ideia geral de como ocorreram os acontecimentos. A digestão dos factos é difícil para os americanos. Um jornal de Washington comentou: «Teddy is seen as poing no-where now», «Teddy é visto como alguém que não chegará a parte alguma».

Dominick Arena, o chefe da Polícia de Edgartown, tem sérias dúvidas, aliás justificáveis, sobre o acontecimento, mas dispõe de apenas um dado para prosseguir no seu trabalho: o inexplicável lapso de tempo ocorrido entre a tragédia e o momento em que Ted Kennedy se apresentou para a comunicar. Este procedimento, embora não seja considerado como crime, é, no entanto, uma falta muito grave. O abandono do local de um acidente mortal é punível, no estado de Massachusetts, com uma pena que pode ir até dois anos de prisão, consoante a gravidade do caso. O que aconteceu imediatamente antes e depois desta última tragédia que se abateu sobre os Kennedy não é de fácil reconstituição. As pessoas que participaram na festa abandonaram precipitadamente a ilha, sem fazerem quaisquer declarações. Dominick Arena viu-se obrigado a solicitar o auxílio da Polícia de Estado para procurar encontrar os vários personagens, a fim de poder interrogá-los. «Mas, por agora — disse — estamos, simplesmente, a tentar indagar o que diz respeito ao acidente. Acidente de automóvel e chega, compreende? Tudo o resto

é fruto da fantasia e especulação gratuita».

Dominick Arena é uma espécie de gigante que, até há alguns dias, levava uma vida mais que tranquila, dirigindo os homens da Polícia de Edgartow. Agora, mal-diz o momento em que a bomba lhe reventou nas mãos. Recebeu-me no seu pequeno gabinete. A modesta divisão pareceu ficar, completamente cheia com a sua figura.

— *Arena, pensa que o senador Kennedy se encontrava ébrio, no momento do acidente?*

«Quem poderá sabê-lo? Quando se apresentou no meu gabinete não estava ébrio. Disso tenho a certeza. Parecia muito abatido, mas ébrio não estava. Nem sequer o submetemos aos testes habituais para sabermos se tinha álcool no sangue, porque isso seria absurdo visto que já tinham passado mais de oito horas. Não seria, sequer, legal submetê-lo a uma tal prova».

O senador declarou, numa primeira ocasião, que se tinha enganado na estrada e tomara a direcção oposta àquela que pre-

O incidente KENNEDY

tendia, e que o teria conduzido directamente ao «jerry-boat» que o levaria a Martha's Vineyard. Acredita nesta versão?

«Segundo a minha opinião, é muito difícil a uma pessoa enganar-se na estrada em Chappaquiddick. A ilha tem apenas cinco milhas de comprimento e é atravessada por uma única estrada asfaltada. Desta estrada principal saem vias secundárias que conduzem a vários pontos da ilha. Estas vias secundárias não são asfaltadas. No local em que o senador diz ter feito a famosa curva à direita, não há engano possível, a não ser para uma pessoa que não veja. Mesmo para quem tenha bebido um pouco é difícil qualquer erro. Naquele ponto da estrada qualquer pessoa tem tendência para virar à esquerda. A bifurcação para a direita não se vê senão quando se chega a meio da curva. Por isso, quanto a mim, se voltou à direita foi porque queria ir para a direita. Mas, estas suposições pouco contam para o caso. A finalidade do meu inquérito não é descobrir como o senador chegou à ponte, se foi por um infeliz acaso ou apenas porque queria respirar um pouco de ar fresco. Interessa-me apenas saber como ocorreu o acidente automobilístico. Interessa-me ainda saber por que razão, uma vez que o seu carro caiu à água, não chamou logo a Polícia, nem procurou qualquer outro auxílio».

A quem poderia ter-se dirigido? O local é deserto?

«Nem por sonhos. A cem metros da ponte existem duas casas, actualmente habitadas por veraneantes. As casas são bastante visíveis, bem iluminadas e têm telefone. Teria sido lógico gritar a chamar alguém».

Diga-me, como tomou conhecimento do acidente?

«Às oito e meia da manhã de sábado, alguém telefonou de Chappaquiddick advertindo-nos de que se encontrava um automóvel dentro de água, por baixo da ponte. Tinha sido visto, pela primeira vez, por dois rapazes que andavam à pesca. Naturalmente, atravessei o canal, no «ferry», que é o único meio de transporte que liga a ilha de Martha's Vineyard com Chappaquiddick. Uma vez chegado à ponte, notei que uma das rodas aparecia fora de água, e que o carro se encontrava caído, com o tejadilho para baixo. Despi-me e mergulhei. A corrente era muito forte e não consegui fazer nada, nem mesmo abrir a porta do lado do volante, que tinha o vidro aberto. Telefonei para a sede da Polícia pedindo que mandassem vir os bombeiros. Pouco depois, chegou John Farrar. John



O jovem senador Ted Kennedy, sobre cujas declarações à Polícia pairam dúvidas. Apesar da sua confissão de culpa, pensa-se que o seu futuro político continua comprometido.

mergulhou, com um respirador e conseguiu abrir uma porta. Foi ele quem encontrou o corpo da rapariga e o retirou».

Encontraram mais alguma coisa dentro do automóvel?

«Encontrámos a carta de condução do senador Edward Kennedy e, depois, uma mala de senhora. Era uma mala grande que se assemelhava um pouco àquelas que se usam para os piqueniques. Dentro estava uma carteira com documentos. Todos os documentos estavam passados em nome de Rosemary Keough, funcionária do Senado. Pensei que era normal, tratando-se do automóvel de um senador, e cheguei mesmo a pensar que a jovem afogada era Rosemary Keough, provavelmente secretária do senador. Então, voltei à sede da Polícia, a fim de tentar encontrar Ken-

neddy. Quando cheguei, informaram-me que Teddy tinha acabado de chegar para comunicar o acidente e que estava à minha espera. Eram quase dez horas. Foi ele próprio quem me disse que a jovem que encontramos não era Rosemary, mas Mary Jo. Rosemary era a sua secretária e devia encontrar-se, naquele momento, no hotel».

Não lhe parece estranho o pormenor da mala? Interrogou Rosemary Keough?

«Não a interroguei, porque ela partira precipitadamente. Apenas consegui falar-lhe pelo telefone. O próprio senador me disse que lhe telefonasse para o hotel, a fim de lhe perguntar como se escrevia correctamente o sobrenome da infeliz Mary Jo. Kennedy não sabia exactamente se a ortografia correcta era Kopechne ou Kopechnik. Telefonei-lhe logo, de facto, e houve uma coisa que me chamou a atenção. Quando disse quem era e o que pretendia, ouvi-a dizer para alguém que devia estar perto dela: «They are calling about Mary Jo», «É por causa da Mary Jo». Este pormenor fez-me chegar à conclusão de que as pessoas que tinham participado na festa estavam ao corrente do que tinha acontecido».

No entanto, Esther Newberg, uma das jovens que se encontravam na festa, declarou que não tinha tido conhecimento de nada na manhã seguinte...

«Li as declarações de Esther Newberg. Pode muito bem ter acontecido que ela não tenha tido conhecimento de nada, mas, em todo o caso, gostaria de poder falar com todos os que participaram na festa. Segundo «miss» Newberg, todos se encontravam demasiado cansados e aborrecidos e quase ninguém deu pela falta do senador e de Mary Jo. Depois, quando repararam que eles tinham desaparecido, não deram excessiva importância ao facto e pensaram que os dois tinham tentado apanhar o último «ferry», que parte à meia-noite. O resto do grupo, ainda segundo «miss» Newberg, adormeceu. Uns nos dois quartos de dormir, outros no chão da sala de estar. Isto contrasta com tudo quanto declarou o próprio Teddy, o qual afirma que, depois de ter tentado, em vão, tirar a jovem do automóvel afundado, voltou a pé para a vivenda (a cerca de duas milhas de distância) onde encontrou os seus amigos, que ainda estavam a comer. Seria possível que nenhum se tivesse apercebido da sua chegada, a despeito do seu aspecto — todo molhado e em estado de choque?».

Kennedy disse que tinha ido dormir para um automóvel, estacionado em frente à moradia, e que, depois, dois dos seus amigos o tinham encontrado e trazido para Martha's Vineyard.

«É como é que o trouxeram se àquela hora (deviam ser, pelo menos, três) o «ferry» não faz serviço? Ora, na televisão, Kennedy, disse ter atravessado o canal a nado, sob os olhares de seu primo Cargan e de Paul Markman. Em minha opinião, isto é inverosímil. Poderia ter utilizado um dos barcos ancorados junto ao molhe, mas, então, como se explicaria o facto de o senador ter sido visto atravessando o canal, na manhã seguinte, no «ferry» das oito, de Chappaquiddick para Martha's Vineyard? Para mim, isto significa apenas que Kennedy passou toda a noite em Chappaquiddick. No entanto, repito, tudo isto são suposições feitas por mim, e que qualquer pessoa poderia fazer, mas que não contam muito para o caso. Inte-



Gerry Grant, o piloto do ferry boat de Chappaquiddick, que na manhã seguinte ao acidente transportou o senador Ted Kennedy para Martha's Vineyard. À DIREITA: Mary Jo, que tinha sido secretária de Robert Kennedy, passou, em 1967, a desempenhar as mesmas funções junto de Ted, e o seu rosto tornou-se universalmente conhecido desde o acidente de Julho.



ressa-me apenas a mecânica do acidente rodoviário. Interessa saber se houve ou não negligência por parte do condutor. E, de tudo quanto pude averiguar no local, não houve negligência. É bastante provável que, uma vez chegado à ponte, e não conhecendo bem o local, tenha sido enganado pela própria luz dos faróis e pelo seus reflexos sobre a água. A ponte não está em linha recta com a estrada e forma uma curva. Se o condutor não for bastante atento pode acontecer o que aconteceu a Teddy. No que respeita ao abandono do local, após o acidente, o próprio Kennedy se declarou culpado, embora não tenha explicado os motivos que o levaram a proceder deste modo. Por isso foi condenado a dois meses de prisão que, no entanto, irá passar em liberdade condicional. Sob este ponto de vista, o caso está encerrado. O inquérito continua em aberto apenas porque existem pontos que é conveniente aclarar melhor».

Mas se, por exemplo, um dos participantes da festa confessasse que, com efeito, tinha visto Kennedy beber abundantemente antes de sair de ao pé do grupo, isto não seria suficiente para provar a negligência?

«Não, neste Estado. A menos que se conseguisse levar diante do tribunal uma ou mais testemunhas que declarassem ter visto o senador ao volante, em estado de embriaguez. Perante o juiz têm de ser apresentadas testemunhas ou provas concretas. Testemunhas não existem, provas concretas também não. Se apresentasse, perante o tribunal, todos as minhas suspeitas e suposições estaria apenas a fazer um papel um tanto ridículo».

Voltando ao automóvel, pode fornecer-me quaisquer outros pormenores sobre o que encontraram? Encontraram as chaves?

«Encontrámos. O único vidro que estava aberto era o do lado do volante. A rapariga foi encontrada no banco da retaguarda. Como todos sabem já, vestia umas calças azul celeste e uma camisa branca. O vestuário estava abotoado e em ordem. Nada fora do seu lugar. Não tinha qualquer marca ou ferida. Era evidente que tinha morrido por afogamento».

A propósito, por que razão não foi feita a autópsia?

«O médico afirmou que se tratava de morte por afogamento. Eu vi o cadáver e cheguei à mesma conclusão. Não existem, assim, quaisquer razões para pormos em dúvida o veredicto do médico. Em minha opinião, neste caso, a autópsia não serviria de nada».

Mas, não é normal fazer-se a autópsia, quando se trata de um acidente deste género?

«De modo nenhum. São poucos os casos que requerem autópsia».

Mas se a jovem tivesse morrido por qualquer outro motivo, por exemplo por um ataque cardíaco, a autópsia revelá-lo-ia. Não crê que, uma vez chegados a este ponto, seria melhor tentar aclarar todos os pontos discordantes?

«Trata-se de um acidente rodoviário que nos parece bastante claro. O automóvel caiu da ponte e uma jovem foi vítima desta circunstância. Temos depois as declarações prestadas pelo senador Edward Kennedy. Não há razão para duvidarmos da qualidade que declara um senador. Nem mesmo

quando se fazem muitas suposições e se levantam muitas hipóteses».

Antes disse-me que a versão de Kennedy não lhe parecia verosímil, agora diz-me que não há razão para duvidar...

«Isto significa que, pessoalmente, duvido muito de que os factos tenham ocorrido como conta o senador, mas, no que respeita às minhas funções, isso tem pouca importância. Não se pode pôr em dúvida a queda do automóvel, o acidente em si. As razões pelas quais o senador se encontrava naquele local são desconhecidas. Ele diz ter-se enga-

nado na estrada, eu penso que isso não é possível. Ele diz que mergulhou seis vezes, tentado salvar Mary Jo, eu duvido que o tenha feito. Ele diz que o acidente ocorreu antes da meia-noite, eu digo que era uma hora. Ele diz não se recordar de como conseguiu sair do carro, eu não o creio. «Finalmente» não acredito que só se tenha dado conta do que acontecera oito horas depois. Compreende?».

Então por que motivo prossegue com o inquérito e tenciona interrogar aqueles que participaram na festa?

«Para confrontar alguns dados e descobrir outros. A questão do tempo é a que mais me intriga. Kennedy diz que tentava apanhar o «ferry» da meia-noite, mas o vice-xerif Christopher Look declara tê-lo visto passar, na estrada, poucos minutos antes da uma. A morte de Mary Jo, segundo o médico, deve ter ocorrido cerca da uma. Algumas pessoas que habitam uma moradia vizinha à dos Kennedy dizem ter ouvido barulho cerca das duas. Depois, repentinamente, as vozes calaram-se. Estou convencido de que este silêncio súbito foi devido ao regresso de Kennedy. Através da companhia dos telefones, tomámos conhecimento de que, durante a noite, foram feitas da moradia muitas chamadas. Uma actividade telefónica notável, naquela noite. Todas as chamadas foram interurbanas».

Arena, uma última pergunta. Sabe, ou julga saber, por que motivo o senador atravessava a ponte, naquela noite?

«Bem. O que se poderá fazer, depois da meia-noite, na praia, acompanhado apenas por uma rapariga?».



AMADEU DOS ANJOS: UM PAI EM "TRAJE DE LUCES"

TEXTO MANUEL VIEIRA FOTOS JOAQUIM LOBO

Amadeu dos Anjos é pai. O toureiro «cara de menino» (não perde esse jeito) é pai duma linda menina. A pequenita, (três quilos e oitenta grammas) nasceu quando o pai se preparava para uma corrida de toiros, a sua primeira actuação nesta temporada. A paternidade foi a dupla estreia e alvoroçou os nervos do matador. No *burladero*, Amadeu não podia impedir que o pensamento lhe voasse para o quarto da clínica onde sua mulher, Elsa Castanheira dos Anjos, era toda atenções para a recém-nascida. E mal acabou a corrida, o toureiro foi ver a filha.

Ainda em *traje de luces* (pormenor insólito) Amadeu sorria, sorria, o rosto ca-traio, ao olhar aquele «dez-réis-de-gente», pequerucho e dorminhoco. Esperava-se um rapaz. Até já tinha nome — Nuno Miguel. Foi uma menina. Que importa. Viva a menina, viva a Patrícia, que assim será baptizada.

A avó Esperança, feliz, não sabia que dizer. O avô Castanheira distribuía uísques e charutos (por mãos alheias não ficaram os seus créditos de bem servir).

Amadeu olhava os toiros; mas o pensamento virava-se para Patrícia a filha que iria ver mal acabasse a corrida. Na barreira, à esquerda, o dr. Formosinho Sanches, médico que assistiu ao parto.



Chegada à clínica. Um pai em «traje de luzes» para visitar a pequena Patrícia. Junto do toureiro, o seu apoderado e amigo Fernando Camacho. EM BAIXO — Elsa Castanheira dos Anjos e seu marido olham, embevecidos, a filha recém-nascida.

E já ninguém recordava a hipótese desejada de que fosse um menino. Nem o dr. Formosinho Sanches, «aficionado» de primeira, que assistiu ao parto, e pensava apresentar um cachopo sobraçando uma mini-muleta, símbolo da profissão paterna, e, quem sabe, augúrio, embora prematuro, de igual tendência.

Nasceu a Patrícia. Publicamos a sua primeira foto, o seu primeiro contacto com a popularidade. E ficamos na certeza de apresentar os seus próximos irmãos, que o Casal da Fonte Santa, residência de Amadeu e Elsa, precisa de mais gente para cuidar da vida de cada dia.



BANHEIRO: A MEIA PROFISSÃO

O banheiro das nossas praias é, na grande maioria dos casos, pescador no Inverno. Deixa a faina das redes e anzóis pela faina dos toldos e pela vigilância dos que se divertem com o mar. Ser banheiro é meia profissão.

Pode ser visto quatro meses ao ano nos areais que cobrem a costa, com uma camisola branca sobre o tronco musculoso e espadaúdo, uns calções azuis, às vezes um panamá enfiado na cabeça. É o banheiro. Encontramo-lo encostado ao estabelecimento de banhos, fumando a sua «beata»; dentro do barquito de remos, vigilante, quando há pessoas na água; a correr pela praia dobrado sob o peso dos toldos.

Sua alma é de pescador. No Inverno dedica-se à luta diária da pesca mas, apesar disso, é quando o Verão chega e trabalha desde as cinco da madrugada às dez da noite que o banheiro sente toda a dificuldade que a vida comporta.

Levanta-se, ainda o sol está a nascer, para construir o cenário da praia, colocar os toldos, erguer as barracas, implantar os chapéus de sol das pessoas da cidade. E quando a praia enche, continua a ser solicitado. Uma barraca que está mal colocada, a senhora do toldo 53 que torceu um pé, às vezes alguém que se afoga muito para lá do sítio onde as ondas reventam.

Por vezes, a meio do dia, quando o calor é mais forte e as pessoas fogem do areal e se refugiam em casa, nas esplanadas, encontra um bocado livre e vai beber uma cerveja à esplanada de madeira que fica no meio da praia. Mas a pausa dura pouco. Em breve, chegam as cinco, a hora do banho da tarde e, em seguida, o tempo de abandonar a praia. E quando o sol se põe, incendiando o horizonte e a noite toma tudo, ele é ainda uma silhueta branca na tarefa de desmontar barracas.

Tem as espáduas desenvolvidas de nadar e de transportar os rolos dos toldos. Tem mãos largas, calosas das redes da pesca e de pegar nos remos. Tem os olhos piscos de perscrutar o mar e coser as redes. Uma hora para almoço, por turnos, e logo a seguir à refeição, se se dá o caso, mete-se à água em auxílio de temerários nadadores. Em praias de grande movimento monta meia centena de barracas nos dias úteis, mais de cem aos domingos. Ganha, normalmente, 60, 90 ou 100 escudos diários, acrescidos de mais umas dezenas de escudos de gorjetas. Não tem, porém, percentagem pelo número de barracas e toldos que montar. Gorjetas não são, evidentemente, modo de retribuir o trabalho de alguém, mas quando o dia vem cinzento, sobretudo, se é domingo, o banheiro fica triste. Há que tra-

balhar na praia, hasteando as bandeiras coloridas, sinalizadoras do perigo das ondas, que carregar mesas, cadeiras, bancos, pneumáticos, bóias, há que atender os clientes no estabelecimento de banhos.

O dia do banheiro é um constante vaivém. Mas apesar disso, o espaço entre um dia e outro é insuficiente para dormir. Quem falou em regime de oito horas de trabalho diário, quem falou em semana inglesa, que é isso de *tempos livres*?

Há os banheiros-salvadores, os auxiliares de banheiros, os moços, mas idênticas são as suas tarefas, épica a luta que travam dia a dia pela subsistência.

Para o banheiro, o areal e as rochas não têm segredos («O banheiro deve conhecer a praia onde trabalha como a palma da sua mão, saber-lhe os perigos, as correntes, os «qués» de cada uma»).

FALTA DE ASSISTÊNCIA

Um edital indica-lhe os deveres sem mencionar os direitos («Não temos assistência nenhuma»). Devem os banheiros empregar todos os esforços e todos os meios para socorrer banhistas em perigo, conservar as embarcações eficientes, andar limpo e uniformizado, tratar os banhistas com cortesia e... abster-se de discussões com eles.

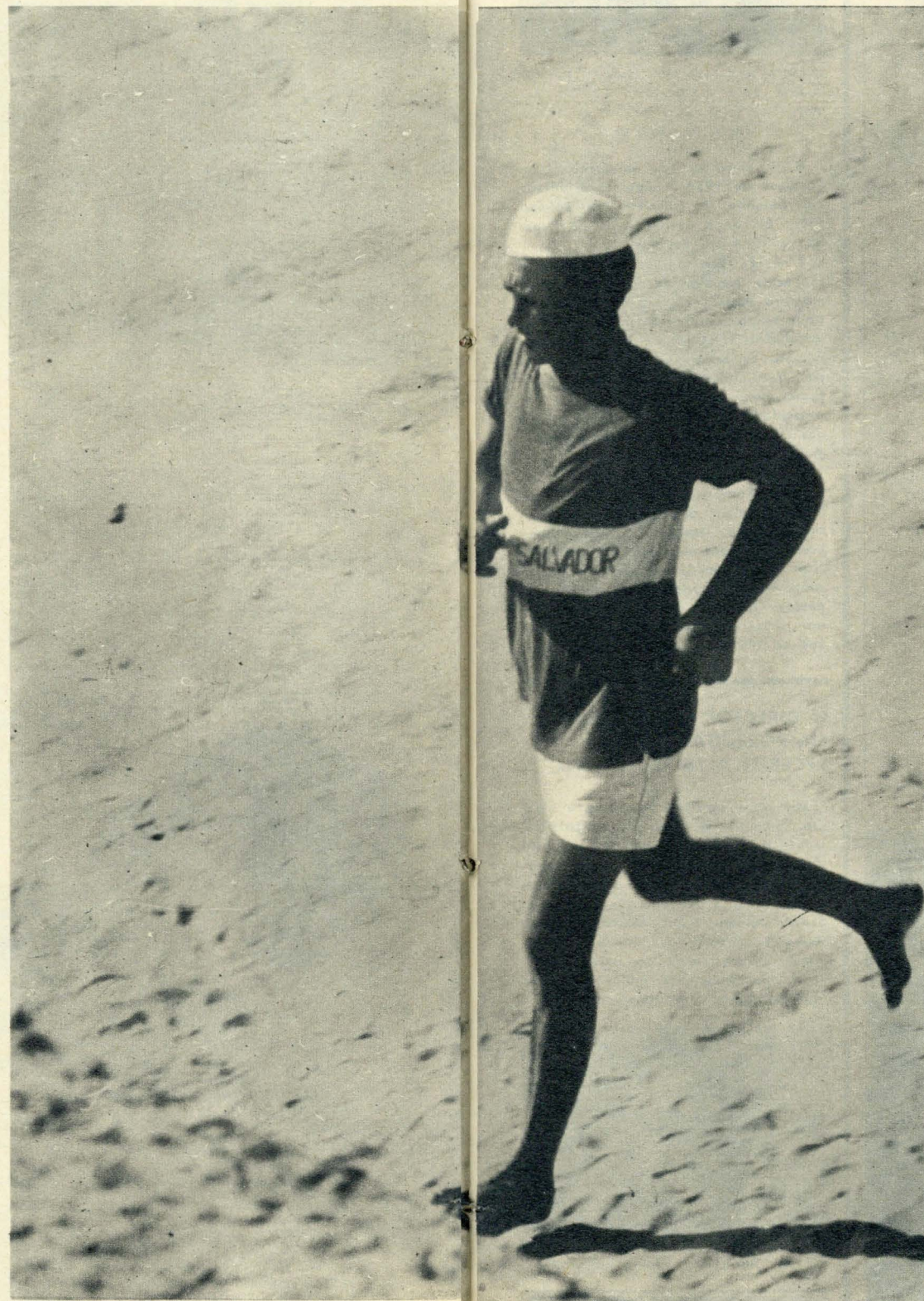
O trabalho é melhor recompensado do que a pesca, é certo, e não há as quebras motivadas pela falta de peixe ou temporal, mas é quase sobre-humano («Muito duro, muito duro, o nosso trabalho»). Por isso, o banheiro promete que não voltará, mas quando o Verão seguinte chega, sentindo na carne a falta de dinheiro, é atraído irresistivelmente pela praia e abandona as redes.

A areia não lhes queima os pés. «Às vezes vejo as pessoas aos pulos, porque a areia escalda, dizem elas, mas a nossa pele calejada não sente o calor da areia». A areia não lhe queima os pés. Mas cansa andar horas a fio na areia, enterrando e desenterrando os pés dos montes de areia. Daí lhes ficou um jeito especial de andar, com as pernas ligeiramente dobradas pelo joelho.

O pequeno almoço, para o qual não há intervalo, é ingerido (e digerido) durante a faina da manhã («Muitas vezes o café já está frio, embora uma pessoa da família tenha o cuidado de mo vir trazer quente ao estabelecimento de banhos»).



De entre os trabalhos que ocupam o sol-a-sol do banheiro, o maior é a constante vigilância dos que não sabem tomar as devidas precauções enquanto estão dentro de água, esquecendo que «há mar e mar, há ir e voltar».



ança na lida de banheiro há muitos anos. Menino e moço fez um exame na doca do Arsenal, em Lisboa. A prova consistia em mostrar a capacidade da natação no salvamento de um boneco especialmente construído para o efeito, que simulava um naufrago. Há alguns anos frequentou um curso para nadadores-salvadores, que terminou com a prestação de provas de fundo e velocidade, de imersão durante vinte minutos, de ir ao fundo buscar um naufrago simulado, de exercícios respiratórios, etc.

«O curso ensinou-me coisas úteis. Antigamente, quando aparecia um naufrago, uns diziam que se devia pôr de cabeça para baixo, outros de cabeça para cima, e faziam-se muitas asneiras. Hoje sabemos como se deve fazer, aperfeiçoámos os métodos».

Às nove horas da manhã, o primeiro nadador-salvador salta para o barco e vigia os banhistas, revezando-se com os colegas.

«Já salvei centenas de pessoas e nunca morreu alguém nas zonas vigiadas, dentro da época de banhos. Estamos habituados e quando vamos salvar alguém nem pensamos no perigo que corremos. O que é preciso é trazer a pessoa para terra. A maior percentagem de naufragos encontra-se entre gente nova e imprevidente que não se apercebe, não só por

imprevidência mas também por ignorância, dos perigos desconhecidos do mar».

É difícil a subsistência no Inverno. O peixe, quando existe, é vendido por baixo preço. Então compra tudo fiado, empenha a telefonia, o relógio, a camisa, espera pela época estival para alugar a casa onde habitualmente vive e poder pagar ao merceiro, ao padeiro, ao leiteiro, resgatar os objectos do prego. Eles são as formigas da praia, amealham no Verão para o Inverno. São quatro meses na areia mais difíceis do que oito no mar.

Aos 70 anos, tem uma reforma de 60 escudos, da Casa dos Pescadores («Não dá nem para comprar o velho tabaquito!»). «Quando já não se pode trabalhar, trabalha-se ainda, ou vai-se para o asilo, se houver vaga...».

Por isso, os mais novos vão desertando e procuram outro meio de vida. Ele, o banheiro, tem os pés demasiadamente pegados à areia quente e os olhos muito habituados ao azul da água: «Não sei, gosto disto, nunca pensei fazer outra coisa. Mas mesmo que quisesse mudar que havia eu de fazer? Não percebo senão disto, não tenho estudos e pouco mais conheço do que esta baía, mas parece-me que a solução não é abandonar, mas serem-nos dadas condições para podermos continuar esta vida...».



para o estudante

desenhar, pintar,
sagar, escrever
e colar
o professor aprova

Pelikan

Günther Wagner Pelikan-Werke Hannover

**informação
publicitária**

**LPE-MORRISON, AGORA
MEMBROS DA LEO BURNETT
— LPE INTERNACIONAL**

A London Press Exchange, Ltd., agência inglesa de publicidade, e a sua congénere americana Leo Burnett Company, acabam de reunir os seus interesses comuns no plano internacional. A nova organização será um dos maiores grupos internacionais de agências de publicidade em todo o mundo, com um montante de facturação que se eleva a 16 500 000 contos.



Durante a estada em Lisboa (da esquerda para a direita): Col. H. G. Morrison, R. D. L. Duiton, E. Thiele e E. M. Sinclair.

H. G. Morrison, Lda. foi formada em Portugal em 1956 e mais tarde filiada em Espanha. É associada da London Press Exchange desde 1963 em Espanha e 1964 em Portugal.

L. P. E. Morrison, Lda., tal como é conhecida actualmente, tornou-se agora membro desta vasta organização e continua tendo como presidente e director-geral Col. H. G. Morrison. Há grande número de benefícios a tirar das muitas facilidades proporcionadas pela fusão duma das melhores agências em capacidade criadora dos E. U., com uma das mais vastas e experientes empresas de publicidade europeias.

O Sr. Ed. Thiele, presidente da Leo Burnett Company juntamente com o Sr. H. Sinclair, director-geral da sucursal londrina, acabam de fazer uma breve visita aos escritórios da LPE Morrison, Lda., em Lisboa, onde tomaram contacto com todos os membros do pessoal tendo-se depois reunido para um jantar com os directores e executivos de LPE Morrison, Lda.

**O DIRECTOR DA «VARIG»
EM PORTUGAL
RECEBEU ALTA DISTINÇÃO**

Por altos serviços prestados à aviação comercial do seu país, especificamente à aviação luso-brasileira, o Chefe do Estado-Maior da Força Aérea, brig.º Carlos Alberto Sampaio, acaba de galardoar com a medalha de mérito de Santos Dumont, o Dr. Amílcar da Veiga Pinheiro, director da VARIG em Portugal, grande amigo do nosso País e figura destacada nos meios aeronáuticos da comunidade luso-brasileira.



Dr. Amílcar da Veiga Pinheiro

A «FLAMA»
É TRANSPORTADA
PARA O SUL DO
PAÍS PELA «EVA»

TL

A. TEIXEIRA LOPES



balamundi

papéis decorativos

UM ESTILO DE VIDA

RUA ANTÓNIO PEREIRA CARRILHO, 29 A • LISBOA-PORTUGAL • TELEFS. 56 11 29 - 53 07 79
RUA SANTA CATARINA, 285 1.ª ESQ. - SALA 3 • PORTO • TELEF. 31340

The Sands by Cutex



Este é um Verão para você ser admirada,
e não para ficar, de fora, a olhar.
Para ir à frente da onda. E não na onda.
Para viver na areia
as novas cores luminosas de CUTEX.

Sinta-se resplandecer!

Na sua boca, o brilho cantante de Sahara Sands.

Nos seus dedos bronzeados,

a cor viva violenta de Safari Sands.

Dance, descalça, sentindo as areias de CUTEX
nos seus pés... e nos seus lábios.



The Sands
de CUTEX é uma vaga de cor.
Está onde está a vida.
Está onde está você.

Bikini: Triumph International
Local: Hyannis 495, U.S.A.



John e Yoko tocam piano. À DIREITA — Numa reunião de dirigentes da «Apple» em que se discute o novo L. P. de John e Yoko, o famoso «Beatles» manifesta-se exuberantemente.

BEATLES

o suco da maçã

Ao rol dos poderosos impérios do capital terá de se acrescentar mais um: o Potentado da Maçã, cujos soberanos são mais famosos do que muitos chefes de estado. Chamam-se Ringo, Paul, John e George, dão pelo nome genérico de Beatles, continuam a entusiasmar o mundo todo e dirigem um pandemônio de telefonemas e contratos cujo principal fim é a edição de discos destinados a sucesso incondicional. Até agora, o maior fruto da maçã foi o sorriso e a voz de Mary Hopkins. Vamos lançar uma vista de olhos sobre este mundo de acetato e de fios eléctricos (e também de cores vivas mini-saias e fartas cabeleiras) tentando desvendar os bastidores de uma potência internacional...



Paul McCartney conversa com Mary Hopkins sobre o novo álbum do artista. À ESQUERDA — Paul McCartney toca bateria enquanto Donovan toca órgão e canta

SEGUE



O grupo de colaboradores que trabalham com o Beatles na Aple, a companhia editora de discos do conhecido conjunto. À DIREITA— Allen Klein, novo Director-Geral da Apple e substituto de Neil Aspinall, discutindo o novo plano de trabalho com um dos seus colaboradores.





CÉREBROS HUMANOS NO IMPÉRIO DOS BEATLES



Pela décima sétima vez, a voz de John Lennon grita, desesperadamente, «don't let me down». Uma máquina de escrever eléctrica matraqueia a um canto, enquanto cinco telefones tocam ao mesmo tempo.

São 18 horas e 15 minutos, na central da Apple Corps, a companhia editora de discos que alcançou um «record», até então considerado como improvável, no campo da publicação musical de todo o mundo.

Paul McCartney encontra-se num gabinete, falando com Mary Hopkin sobre o seu próximo álbum; John e Yoko encontram-se no andar de baixo, inspecionando a «maquette» do seu álbum; George está quase a chegar vindo de Stocbroker; Ringo chegará quando terminar as filmagens em Twickenham. Está marcado, para essa noite, um espectáculo dos «Beatles».

«...Sim, está bem,» diz Derek Taylor, director de um dos departamentos da «Apple», conseguindo, finalmente, agarrar o auscultador que pretendia, «arrancando-o» de um amontoado de telefones, «precisamos desesperadamente de 184 bolotas e, nesta época, é quase impossível encontrá-las.»

Um casal de «hippies», vindo da Califórnia, e vestido de cores exóticas, abraça-se, furiosamente, em cima de um sofá. Um empregado tira um embrulho castanho, de dentro de uma mala com papéis, e começa a cortar pão, a barrá-lo com manteiga, distribuindo-o depois pelos dactilógrafos. Um artista de «music-hall», desconhecido, vindo de Los Angeles, prepara-se para o seu terceiro dia de espera. Aguarda uma entrevista com John Lenon, que nunca chegará a obter.

«... apenas as crianças e os esqueleto guardam bolotas. John e Yoko querem enviá-las a 92 dirigentes governamentais, de todo o mundo (duas a cada um) como uma mensagem de paz...»

Taylor, vestindo uma camisola de gola alta, desliga o telefone, e



logo a sua secretária, que usa uma reduzida mini-saia, lhe entrega mais três auscultadores.

«A Vogue quer que a mulher de Paul faça um texto de seis páginas...»

«Este australiano está há três anos à espera de entrevistar Ringo...»

«Está aqui um homem que quer vender bolotas a uma libra cada uma. E telefonou uma mulher a dizer que tem guardadas 15 bolotas, que apanhou quando tinha três anos.

No piso inferior, os seis «fans» dos Beatles que, diariamente, decoram a entrada da «Apple», continuam nos seus postos. Para se poder entrar é necessário passar por cima deles. Nunca se afastam, enquanto um dos Beatles estiver na companhia. Foram os primeiros a ver chegar o «Mercedes» branco de George.

O que é que eles querem?

«Apenas olhar para os Beatles», diz Derek Taylor, afastando, temporariamente, os telefones e reclinando-se na sua enorme cadeira branca.

No primeiro andar, onde trabalham Neil Aspinall, director-ge-

ral da Apple, e Peter Brown, assistente pessoal dos «Beatles», John e Yoko inspecionam um monte de pacotes, contendo bolotas, demonstrando uma alegria verdadeiramente infantil.

«Para Richard Nixon, Presidente, Casa Branca, Washington D. C., U. S. A.»

«Para Sua Majestade Mohammed Al Badr. Rei de Moutawakelite, Reino do Yemen...»

Bolotas — mensagem de paz; bolotas para os Beatles.

Há seis anos, perseguidos pelas jovens adolescentes, os quatro Beatles compartilhavam o seu camarim, no Odeon, de Northampton, com um outro grupo «pop», e um enorme monte de cartas, bonocos e papel de cenário.

Mal foi anunciada a sua aparição no palco, ouviu-se um barulho tremendo. «Chiui!», gritou John. Então caiu uma chuva de mísseis de toda a espécie. George foi atingido num olho por uma maçã (Apple).

«Na altura», diz um dos Beatles, quando já se encontravam no camarim, «deu-me a impressão de que aquela gente queria devorá-nos.»

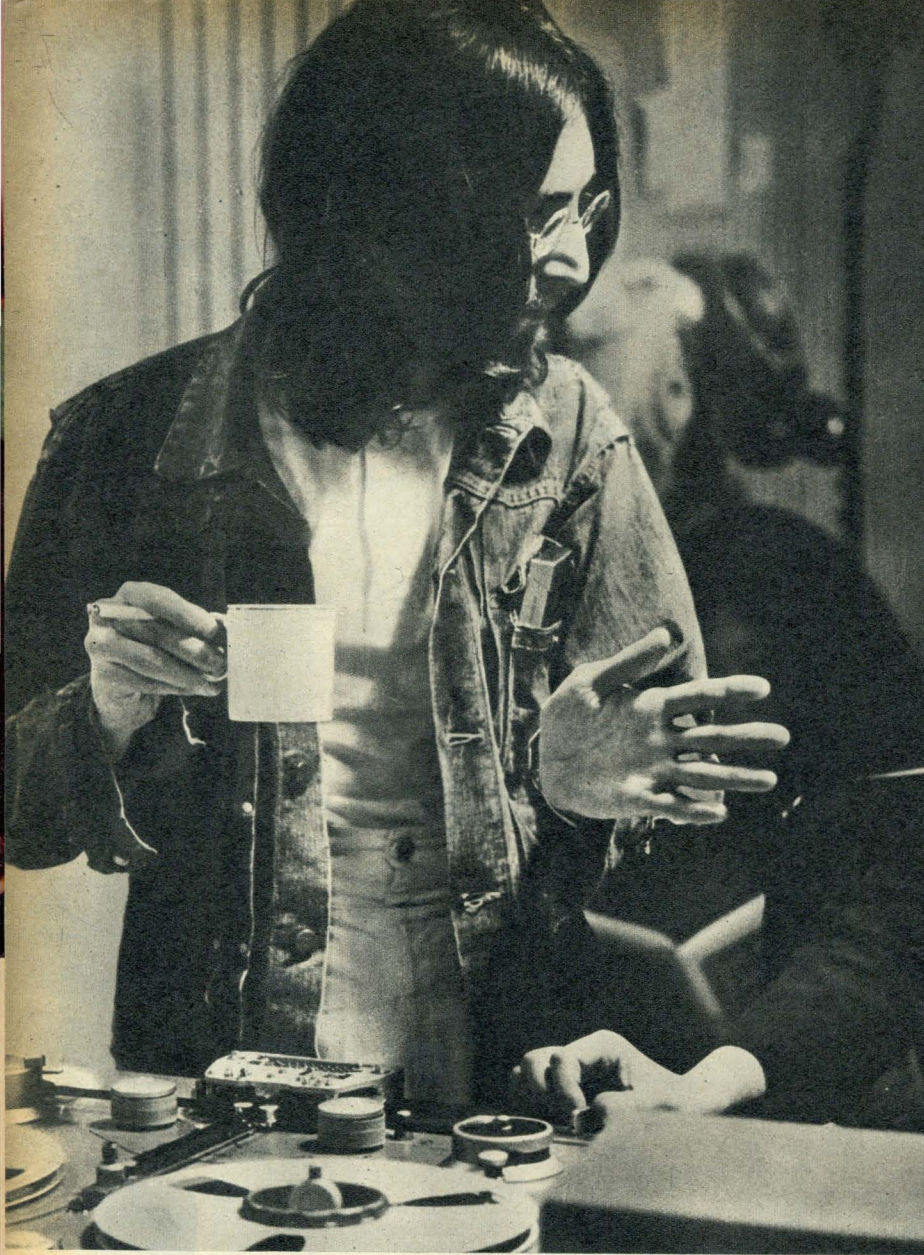
O auscultador do telefone está poisedo para que qualquer outra pessoa atenda. Se Derek Taylor, director de um dos departamentos da «Apple», atendesse todas as chamadas, não jaria mais nada.

À ESQUERDA: A entrada na sala de recepção da «Apple» é fácil. Só é difícil passar além dela. Debbie Wellum, a recepcionista (de costas), é inflexível.



Um dos mais antigos colaboradores dos Beatles. É Jim, o porteiro, que vemos na imagem.

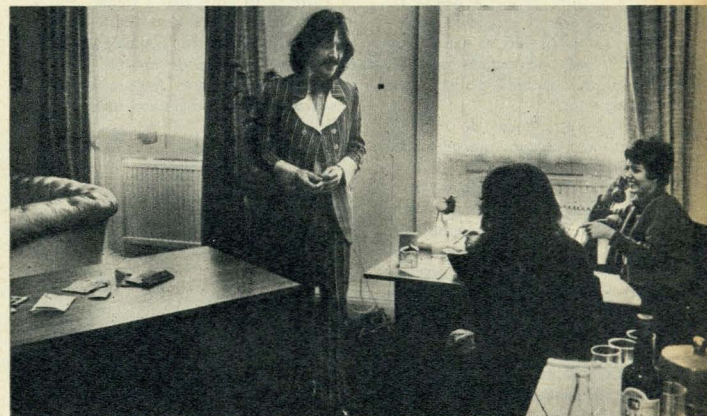
SEGUE



Mavis Smith é uma das raparigas mais invejadas de Londres, por ter Paul McCartney como patrão. À ESQUERDA: — John Lennon, fiel às tradições inglesas, toma o seu «chá das 5», que, por sinal é às 4.



Ringo Starr, à esquerda, cantor pop, artista de cinema e fotógrafo, admira através do visor os seus últimos slides. À DIREITA: — George Harrison conversa animadamente com Jackie Lonax (de costas) e com Frankie (à direita), sua assistente pessoal.



ESTES SÃO OS PATRÕES MAIS EXÓTICOS DO MUNDO



No rés-do-chão, Lauri e Melafrey, que trabalham com os Beatles, há seis anos, atende as últimas das 2000 estranhas chamadas telefónicas diárias.

«Fala a mãe de Paul McCartney», diz uma vozinha, que não pode pertencer senão a uma jovemzinha de 15 anos.

«Por favor, posso falar com George?», pergunta outra voz, tremendo levemente.

«Pode dizer-me como posso arranjar um emprego na Apple?»

«O Ringo está?»
«Ricos e pobres, famosos e insignificantes, «hippies» e burgueses, um primeiro-ministro ou um modesto funcionário público, todos querem comunicar com os

«Beatles», diz Derek Taylor. Taylor é um beatlemaniaco declarado, que leva muito a sério o seu trabalho na «Apple» e que ganha cerca de 430 contos por ano.

São quase sete horas da tarde e Taylor desce até à recepção para explicar, pacientemente, a um homem, que se encontra há longas horas à espera, que os Beatles estão demasiado ocupados para poderem dispor de tempo para irem inaugurar a sua loja de discos em Plumstead.

Sally, a secretária de Taylor, sentou-se debaixo da sua mesa de trabalho, procurando esquivar-se à chuva das chamadas telefónicas. O director-geral da «Apple» pergunta: «onde está Sally?».

«Debaixo da mesa», diz Mavis Smith.

«Oh!», respondeu o director. «E agora vamos apresentar-vos um espectáculo invulgar, ocorrido em Granada», diz um locutor da televisão que espera vir a entrevistar John Lennon.

Aspinall é um homem forte, com penetrantes olhos azuis e cabelo muito comprido. Trabalha com os Beatles há dez anos. Há dois anos que o seu trabalho passou a ser uma inspecção diária a todos os serviços da «Apple».

«Peço-vos o favor de não chegarem atrasados todas as manhãs» diz para os chefes dos diversos departamentos. «Isso não tem des-

culpa. As dez horas já todos devem estar cá.»

«Por favor, não ponham pausinhos de comer arroz em cima das máquinas de escrever, não deixem entrar escoceses bêbados, digam à rapariga que se escondeu na casa de banho que Paul nunca utiliza aquela onde ela está, não deixem entrar os fotógrafos que querem fazer fotografias de Allen Klein. Por favor...»

Aspinall senta-se na sua enorme cadeira octogonal. Na estante, em frente, os livros mais diversos, sobre os mais diferentes temas desde o «yoga» à «alimentação». O equilíbrio mental e físico são dois elementos absoluta-

mente indispensáveis para trabalhar na «Apple».

«Dantes», diz-nos, «apenas tinha de me preocupar com as cordas das violas, com os fatos que eles vestiam e com a segurança no caminho entre o hotel e a «Apple». Mas durante os últimos tempos tenho levado uma vida absolutamente extenuante. Aprendi mais do que durante o resto da minha vida.»

No andar de cima, George entra numa sala e é imediatamente «apanhado» por uma jovem «hippie» franco-canadiana. Derek Taylor entra, atrás dele, na sala, tosse, e como se não notasse a presença de George, diz para a rapariga: «Se realmente quer que George a

oiça, creio que esse não é o meio mais indicado.»

«Mas...»

George consegue libertar-se e Taylor segue-o. A voz da rapariga soa, desta vez, bem alto, cantando uma canção. George olha para um monte de fotografias, como se não a ouvisse, enquanto ela o olha com uma ansiedade tocante.

Quer ser contratada pela «Apple».

«Bem», diz Taylor, quando a canção termina, «que é que pretende da vida? Felicidade?»

«Tenho sido feliz», responde a jovem, rapidamente. «Agora quero ter sucesso.»



NOS BASTIDORES: UMA CUIDADA DESARRUMAÇÃO

«Está um homem ao telefone que quer falar com John sobre a formação de um grupo que lute pela paz», diz Sally.

«Diga-lhe que vá pregando a paz, sôzinho», responde Taylor.

«Ele não quer dinheiro...»

«Mas, ninguém diz o contrário. Ele quer apenas aborrecer o próximo».

George levanta-se, disposto a sair, mas Taylor segura-o com uma das mãos, enquanto, com a outra, tapa o bocal do auscultador do telefone. «Querem saber o que é que tu procuras nas raparigas». É uma repórter de uma revista de «teenagers».

«Boa-tarde», diz George. «Fala John Lennon. Acima de tudo procuro um certo número de qualidades espirituais, que eu próprio idealizei. Isto, evidentemente, não impede que aprecie a beleza física. Você tem uns olhos bonitos? Os olhos são as janelas da alma, conforme alguém já disse. Desculpe tê-la feito perder o seu tempo.»

No último andar do edifício, alguns empregados procuram pôr em ordem a correspondência. A «Apple» recebe diariamente dezenas de cartas de jovens, muitos deles (e delas) americanos, pedindo um emprego. Estas cartas são escritas nos mais diversos materiais, desde tecidos de lã a papel de forrar paredes.

«Caro Senhor, sei tocar bateria...»

«Caro Senhor, não é necessário que me paguem.»

Dois jovens americanos trabalharam, durante duas semanas, na «Apple», sem receberem qualquer salário. Um outro americano, Richard, trabalha, actualmente, nas

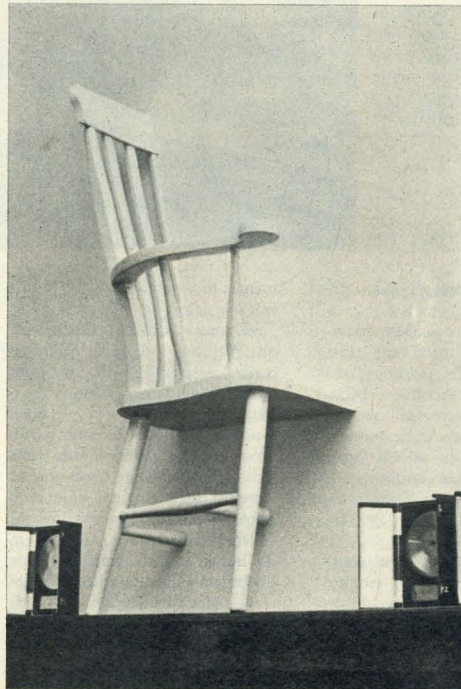
mesmas condições, arquivando recortes dos artigos dos jornais referentes aos «Beatles».

Os telefones são passados com tanta frequência por cima das secretárias, que os fios se encontram em estado lamentável. Há sempre alguém ao telefone.

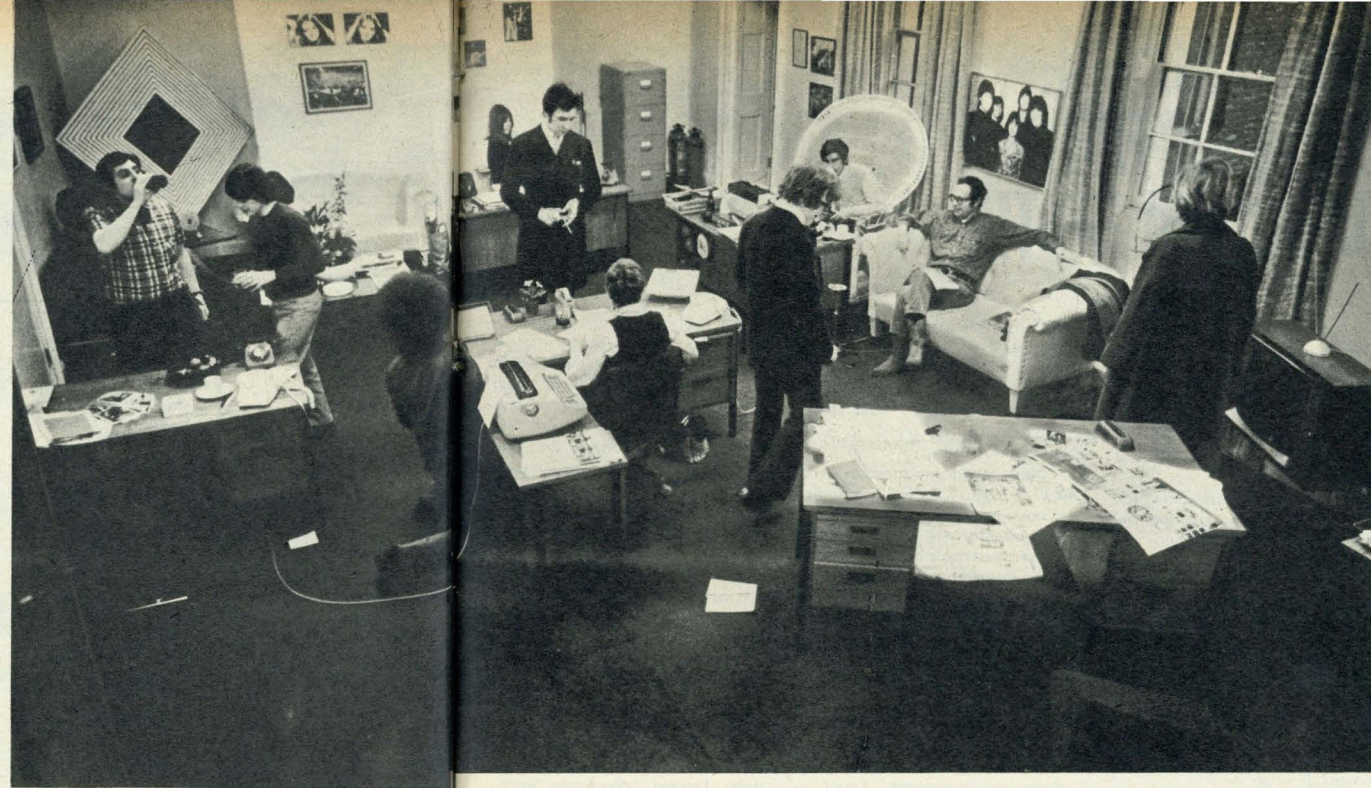
São oito horas da noite, mas as raparigas permanecem ainda nas escadas, esperando.

A despeito de toda a aparente desorganização, a «Apple» continua a obter um número de vendas considerável. Segundo consta do ficheiro de Richard, os discos que a «Apple» mais vendeu, até ao final de 1968, foram «Those Were The Days», de Mary Hopkin, e «Wonderwall», de George Harrison. Não contando com as gravações do conjunto.

Taylor escolhe um auscultador de entre os três que tem à frente. «Posso arranjar-lhe uma entrevista com um ministro ou uma fotografia autografada de um político célebre, mas uma fotografia dos quatro Beatles é muito mais difícil.»



No gabinete dos Beatles, situado no primeiro andar da «Apple», onde, normalmente, se encontra a fotografia do presidente da companhia, os Beatles preferiram colocar metade da cadeira do presidente.



Derek Taylor (à esquerda) discute um contrato com Peter Brown e Chris. O'Dell. À DIREITA: — No quarto andar da «Apple» existe um departamento, onde apenas se selecciona o correio e se atende o telefone.



Neil Aspinall em conversa de negócios com Gerry Moss, director da «A. and M. Records».



Uma reunião na «Apple». Todos parecem bastante ocupados.

«O único processo de arranjar fotografias a cores dos Beatles é dormir no sofá da sua «suite» no hotel, acordá-los logo de manhã e levá-los a qualquer sítio. Mas eu não o faria...», diz Brian Sommerville.

Sid Bernstein, um empresário americano, oferece quatro milhões de dólares por uma actuação dos Beatles nos Estados Unidos.

«Para o ano, oferecerão cinco milhões», diz George.

Assim termina um dia de trabalho na «Apple», um mundo estranho.

Olhando do alto do telhado do número 3, da Savile Row, Londres, vê-se um quadro psicadélico, composto por mini-saias, vendedores, pauzinhos de comer ar-

roz, latas de compota, bolotas (mensagens de paz), jornalistas, hippies, etc.. Este estranho quadro tem, como música de fundo, os discos dos Beatles, excepto quando estes se encontram em reunião, no primeiro andar.

«O que se passa com a «Apple?» perguntam as pessoas relacionadas com a indústria musical, bem como os cronistas da imprensa, que vão noticiando crises sucessivas, calamidades e outros boatos.

John Lennon convida Lord Beeching, antigo director dos caminhos de ferro britânicos, a dirigir

SEGUE



MARY HOPKIN: O MELHOR FRUTO DA ÁRVORE BEATLE

a «Apple»; o misterioso Allen Klein estuda os livros de contos da companhia; George Harrison e John Lennon assumem cargos directivos; Taylor, que trabalha com os Beatles há longos anos, está comprometido em vários outros empregos.

É John Lennon acrescenta: «Se a «Apple» continuar como até agora, falirá dentro de seis meses».

O que significa tudo isto?

Tudo isto significa, segundo me explicaram os Beatles, no decorrer de entrevistas sucessivas, que todos os membros do conjunto estão fartos de se sentirem manejados; querem orientar a sua vida profissional e privada.

Mas os Beatles não são bons homens de negócios.

Como diz Paul McCartney, que durante semanas veio, regularmente, aos escritórios da «Apple»:

«somos extremamente vulneráveis — sabemos isso. E cometemos muitos erros porque éramos demasiado ambiciosos, quando começámos. Tentámos fazer demasiado ao mesmo tempo e o resultado foi caótico.»

Num mundo de gigantes como a EMI, a RCA e a CBC a «Apple» é uma pequena companhia; mas foi quase forçada a subir e a vencer por pertencer aos Beatles.

A imagem dos Beatles como negociantes é uma piada triste, mesmo aos olhos dos próprios Beatles.

«Nunca deveríamos ter pensado em imitar (e superar) Marks & Spencers, quando resolvemos abrir uma «boutique» na «Apple». A «boutique» e outras secções que abrimos, ou pensámos abrir, eram demasiado prematuras. Agora resolvemos dedicar-nos, exclusivamente, à publicação de discos» diz Paul.

No entanto, Paul McCartney insiste em que a situação nunca foi tão má como algumas pessoas pretendiam fazer acreditar.

«Quando John disse que, dentro de seis meses, a nossa companhia iria falir, isto era apenas uma figura de estilo, um modo de falar. Ele pretendia apenas indicar o nosso processo de trabalho. Telefonámos a Allen Klein, e agora temos um bom corpo de colaboradores a trabalhar connosco.»

Os Beatles recordam, com um misto de ironia e de tristeza, os altos ideais que tinham quando inauguraram a «Apple». O apoio aos jovens com talento, a procura da confiança e da amizade em lugar da procura do dinheiro.

«Costumamos ser generosos», diz Paul. «Mas, agora, se um grupo nos pedir que compremos os seus amplificadores, dir-lhe-emos que continuem juntos, trabalhando e que depois venham ter connosco. De outro modo estaríamos apenas a praticar a caridade, e as pessoas ressentem-se com ela.»

Segundo afirmaram alguns jornalistas, os Beatles gastavam cerca de 20 000 libras por semana, em obras de caridade.

«A «Apple» é uma companhia com bases de segurança», diz John Lennon. «Perdemos muito dinheiro, mas a companhia conta com a nossa fama em todo o mundo.»





Mary Hopkin, intérprete de «Those Were The Days», um dos discos mais vendidos pela «Apple», até ao final de 1968. À ESQUERDA: — O Tribunal de Derek Taylor. Enquanto Taylor acende um cigarro, Mary Hopkin, com um ar pouco convincente, preside ao julgamento.

DEPOIS DE OPILCA, A PELE APETECE



Porque não experimenta? Em vez de utilizar processos antiquados e pouco práticos, depile-se, suave e instantaneamente, com um depilatório brando e perfumado.

opilca

é o depilatório feminino que deixa em breves minutos, a pele fresca, atraente e tão macia...



Um produto OLIVIN

Quando os toiros nem sempre são culpados...

Se há alguém prejudicado (para além do público, claro) com o estado anárquico em que se processa a toirada em Portugal, esse alguém é, sem dúvida, o ganadeiro. Ele cria o seu gado, selecciona-o e cuida-o, para a festa integral — isto é, com picadores e morte do toiro. Nem pode proceder doutro modo. Caso contrário, a sua ganadaria acabará numa mansada. Lidaram-se agora em Cascais oito bonitos exemplares da ganadaria de Jorge Tomás da Costa, a penderem para o manso e a revelarem sempre casta e às vezes, bravura. Se estes toiros fossem picados e se os toireiros tivessem em conta a condição dos hastados que tinham pela frente, toireando-os como precisavam e não como desejariam, outros fados teriam acontecido. E, claro, as culpas acabam sempre por recair sobre o mais fraco, neste caso os toiros, não porque fossem fracos mas porque não se podem defender... discutindo!

O redondo de Cascais é enorme, o maior de praças portuguesas. Daí o apercebermo-nos de certos factos que se diluem no comum de nossos ruedos. Mestre Baptista que teve no seu primeiro — o toiro para o seu toireio — voluntarioso, alegre e lindo tipo, matéria-prima para se pôr em órbita (o cavalo chama-se «Apolo-11») esteve aquém de si próprio, embora nos desse a verdade-emoção MB. Sincopou, contudo, a faena, retalhou-a, na falta directa de uma ligação justa, no binómio cavaleiro-toiro. Luís Miguel da Veiga, que havia de rubricar excelente actualização no sexto da ordem, liudou ao invés o seu primeiro, dando-lhe tábuas quando se deveria ter dobrado para dentro.

José Júlio e Mário Coelho ... uma parrelha que poderia dar que falar, dada a rivalidade real existente — passaram à tangente. Toureiro é espectáculo, beleza, movimento, diálogo, subordinado ao denominador comum de uma técnica que é tanto mais eficaz quanto menos perceptível for. Mas não a podemos negar, nem esquecer, nem menosprezar. Um toiro (e muito menos um toiro encastado) não admite vacilações, nem receios, nem meios passes. Pode passar sem correctivo a primeira hesitação. A segunda é natural que tenha uma voltareta ou uma cornada. O manso encastado precisa de um toireiro autoritário que lhe imponha a viagem e o acompanhe (sem deixar tocar no engano) segundo a segundo, com valor sereno. Os toiros são como as pessoas. O manso é o covarde que se verga e submete à lei do mais forte. Que recordo de Cascais? Umaz verónicas, uns delantales e um ou outro muletazo de José Júlio. Um esplêndido gércio de bandarilhas, umas gaoneras e um ou outro muletazo de Mário Coelho.

O triunfador da tarde foi, sem dúvida, o Grupo de Forcados Amadores de Évora, comandado por João Nunes Patinhas. Ali vimos um grupo, no que deve significar de coesão, de unidade, de interajuda, com os valores individuais a marcarem a necessária presença: António Maltez, Estêvão Lencastre, Picão Caldeira (formidável) e Januário Sequeira.

No cómputo final uma agradável tarde de toiros, com o senão, muito não, de três intermináveis horas de espectáculo.

SARAIVA MENDES



LEVIN

com **Bio-tex**
 não perde tempo
 com a roupa



Dê ao seu filho todo o conforto e toda a sua companhia

O sorriso dele quer dizer alegria. Quer dizer conforto. Conforto com a roupa que veste. Nada como Bio-Tex para tratar da sua roupa. Bastam apenas 20 minutos para que o Bio-Tex, sozinho, a torne macia, aveludada e imaculadamente limpa.

Ponha uma chávena de Bio-Tex no tanque ou meia chávena na máquina, ou uma colher de sopa se for num alguidar, com água quente. Ponha a roupa. Bio-Tex tem enzimas, substâncias biológicas que dissolvem na água toda a sujidade e mesmo as manchas mais difíceis: de ovo, leite, gorduras, suor, chocolate, molhos, óleo, etc.

Não esfregue. Na maioria dos casos basta passar a roupa por água limpa. Assim dura muito mais.

Bio-tex
 torna a lavagem quase desnecessária

Na compra
 de qualquer embalagem
 de



Vale
2\$00
 Troque-o
 no seu fornecedor habitual

(Carimbo)

Senhor Comerciante:
 este vale será remido pelo nosso representante na próxima visita



RUDOLF HESS: O FANTASMA DE SPANDAU

por GIULIO NASCIMBENI

Rudolf Hess será libertado? Ser-lhe-á reduzida a pena de prisão perpétua? São perguntas cuja resposta se apresenta bastante inquietante. As condições de saúde de Hess estão a piorar cada vez mais. A notícia conseguiu passar as paredes da prisão de Spandau. Foi depois confirmada durante uma conferência realizada em Munique, pelo delegado do ex-vice «Führer» do Terceiro Reich: «É verdade», disse Alfred Siedl, «Hess sofre de uma doença nas vias circulatórias que se encontra já num estado avançado e que veio juntar-se a velhos males crónicos: artrose, amnésia prolongadas, etc. Tem um aspecto pálido, embaciado, o aspecto de um homem que se encontra próximo do fim».

Alfred Siedl não acrescentou se apresentaria a petição da redução da pena. Há dois anos, em Julho de 1967, isto já fora tentado. O risco é sempre o mesmo: sobre o destino de Hess cai ainda o «niet» dos soviéticos. Os restantes vencedores, Estados Unidos, Grã-Bretanha e França, declararam-se já favoráveis à libertação, mas a Rússia não cedeu. Para os russos, Hess deve continuar um símbolo (um símbolo absurdo) da desconfiança e da punição à Alemanha.

No decorrer dos últimos anos só se têm visto raras fotografias de Hess, tiradas clandestinamente. Nessas imagens, Hess aparece mais como uma trágica sombra do que propriamente como um homem: as roupas largas sobre o corpo esquelético, os cabelos desgrenhados, a inconsistência de uma larva. Spandau é um bairro de Berlim-Oeste. O grande edifício onde se encontra Hess foi construído em 1878, tendo, então, sido destinado a prisão para uma guarnição imperial. Tem seiscentas celas, um ambiente tétrico: seiscentas celas para um único prisioneiro. E é assim desde o dia 30 de Setembro de 66, dia em que foram postos em liberdade Albert Speer, ministro do Armamento durante o nazismo, e Baldur von Schirach, dirigente da juventude hitleriana. No processo de Nuremberga, apenas dez se salvaram da forca: três foram libertos (Schacht, Von Papen e Fritzsche) e sete foram enviados para Spandau. Quatro foram postos em liberdade entre 1954 e 1957: Von Neurath, os almirantes Raeder e Doenitz, e Walter Funk.

Há quase três anos, portanto, que Hess vive num deserto de pedra e barras de ferro. Para o prisioneiro mais solitário de todo o mundo é como se a guerra tivesse acabado ontem. Em Spandau o tempo parou. Por toda a parte estão espalhados fios de alta-tensão. Das torres despontam canos de metralhadoras, alternam-se os turnos mensais de soldados americanos, russos, ingleses e franceses. No interior vagueiam vinte americanos. Quatro directores, quatro representantes das potências vencedoras, que se reúnem todas as semanas a fim de tomarem decisões quanto a um único detido. Por unanimidade, como dizem os regulamentos. O custo de todo este aparato é de cerca de 36 000 contos por ano. E mais ninguém, aconteça o que acontecer no mundo, poderá ocupar uma das quinhentas e noventa e nove celas da prisão que se encontram desocupadas. Segundo os acordos que se seguiram ao processo de Nuremberga não é permitido que quaisquer outros prisioneiros, que não sejam os condenados pelo Supremo Tribunal Aliado, sejam recolhidos em Spandau.

Spandau é um reino absurdo, uma incrível Babel onde são necessários quatro vistos (um russo, um americano, um inglês e um francês) para que Hess possa ter uma nova embalagem de pasta dentrífica. Hess é acordado às seis da manhã; às dez da noite volta a deitar-se. Tudo é regulado, preciso, como um perfeito mecanismo de relógio que marca o tempo, num silêncio já semelhante ao da morte. A grande cidade de Berlim não fica

longe, no céu desenham-se os rastros prateados dos «jets». As macieiras despontam das crateras provocadas pelas bombas. Mas Spandau é como que uma ilha cinzenta, habitada por um Robinson decadente que é proibido chamar pelo seu nome. Hesse é o prisioneiro «número sete».

A volta de Hess, a história dos últimos anos adensou mistério sobre mistério. Quem é este Hamlet de camisa cinzenta? Um doído ou um demente? Um missionário ou um utopista? Um personagem de um dos dramas de Luigi Pirandello que, como Henrique IV, orienta com lúcida sabedoria a sua loucura, ou um monstro que procurou o mais incrível dos alibis?

Hess, o velho e alucinado inquilino de Spandau, não dará nunca resposta a estas perguntas. Hesse permanecerá como um enigma, a despeito dos livros que foram escritos a seu respeito, dos testemunhos, do ódio e da piedade que suscitou. A trágica dimensão do local onde vive pertence, ela própria ao domínio de uma história que tem de ser elaborada a partir de hipóteses: os documentos verdadeiros não existem mais, os restantes protagonistas não vivem já.

Tudo começou na noite de 10 de Maio de 1941. Era sábado. A «Luftwaffe» lançava um duro ataque sobre Londres, mas, estranhamente, o alarme chegou até ao Norte, a toda a costa escocesa. O ronco de um avião rompia o silêncio. Vinha do mar e dirigia-se para terra. Os homens da base antiaérea não tardaram a identificá-lo. «É um «Messerschmitt 110»», gritaram ao telefone. A situação tornava-se impossível de suportar. Um avião daquele tipo não tinha autonomia suficiente para alcançar a



Hess na prisão. O ex-delfim de Hitler tem 75 anos e está gravemente doente. EM CIMA, À DIREITA: — O render da guarda inglesa, em frente da prisão de Spandau, em Berlim Oeste.



Escócia e voltar à Alemanha. Um «Spitfire» levantou voo. A noite estava esplêndida, quase não havia vento. A luz da lua iluminava os rochedos, as montanhas, os grandes prados.

Lá em cima, a dois mil metros de altitude, Rudolf Hess controlava mapas e instrumentos. Sabia da existência de um ponto preciso de referência — o farol de Noly Island, um dos poucos faróis que os ingleses mantiveram acesos durante a guerra. Quando o feixe luminoso brilhou no horizonte, Hesse alterou a sua rota. Sobrevoou cidades adormecidas: Belford, Coldstream, Peebles, Lanark. Gostaria, naquele momento, de estar na sua casa em Munique, em «Harthausstrasse». Durante meses e meses tinha passado longas horas em frente de um mapa da Escócia, decorando nomes das localidades, correntes, relevos de montanhas. Naquele país desconhecido, voando de noite à velocidade de cinquenta à hora, tinha que conseguir reconhecer o castelo «Dungavel House», residência do duque de Hamilton. Era aquele o objectivo da sua incrível missão.

«Dungavel House» apareceu-lhe como um monte de pedra maciço, envolvido pela luz da Lua. Ninguém parecia ter notado o seu «Messerschmitt». Durante momentos — como depois confessou numa carta a sua mulher — acreditou ter saído do mundo, ter chegado a uma terra espectral. Havia qualquer coisa de verdadeiro, sem que Hess pudesse dar-se conta disso, nesta estranha sensação. No momento em que avistara «Dungavel House» começava para Hesse uma outra viagem: uma viagem que, vinte e oito anos depois, ainda não está terminada.

O «Messerschmitt» não ia, no entanto, acabar nas mãos dos ingleses. Hess preparou-se para descer de pára-quadras. Parou os motores, abriu a portinhola. A violenta pressão do ar repe-

liu-o. Conseguiu vencê-la com uma complicada manobra. O «Messerschmitt» precipitou-se, produzindo um silvo agudo. Um dos seus dois motores encontra-se hoje no «Imperial War Museum» de Londres.

O homem que descia suspenso de um pára-quadras, trazia gravadas no capacete de voo, as divisas de capitão da «Luftwaffe». Mas era muito mais que um simples oficial, era um dos «senhores da guerra», um dos deuses do Olimpo nazi, vice-«Führer» da Alemanha, dirigente do partido, «Reichsmimister» sem carteira, membro do Conselho secreto de segurança, segundo possível sucessor de Hitler, depois de Goering.

Por que razão corria um tal risco? Porque chegava sôzinho e desarmado, a uma terra inimiga precisamente enquanto o «seu» «Reich» passava de uma vitória para outra? Sentia-se fascinado pelo «belo gesto» que praticava ou havia alguma coisa mais, para além disso, a utopia de uma esperança, uma obstinada vontade de modificar a história?

Convirá dar um aspecto retrospectivo da vida de Hess. Nasceu em 1894, no Egipto. Os pais eram alemães. Aos doze anos foi mandado para a Alemanha a fim de estudar num colégio em Gdeberg. Da sua infância no Egipto apenas um hábito ficara — sentava-se no chão, em imobilidade absoluta, os músculos relaxados, antes de enfrentar qualquer acontecimento importante. Tal como os camelheiros árabes em vésperas de uma longa peregrinação pelo deserto. No início da primeira guerra mundial, foi incorporado no mesmo regimento de infantaria bávara em que militava Hitler. Mas não se conheceram, e antes do

SEGUIE

RUDOLF HESS: O FANTASMA DE SPANDAU

final do conflito Hess passou para a aviação e tornou-se oficial.

A volta decisiva para a vida de Hess ocorreu em 1919. Era, então, um jovem sem dinheiro que não conseguia adaptar-se ao mundo em ruínas que o rodeava. A inflação alastrava. A república de Weimar governa entre contínuos receios e infinitas incertezas. A marinha imperial afunda-se a si própria. Os «separatistas» tentaram a instauração de um regime comunista. A única ajuda para a perturbação de Hess são as lições que o professor Karl Haushofer mantém na Universidade de Munique.

Karl Haushofer é um nome para recordar. Haushofer determinou o destino de Hess e o do próprio Hitler. A Alemanha afundava-se, mas o professor não parece contagiado pelos anos. Ensinava geografia política e inventou uma palavra que pronunciava imensas vezes. Era a palavra «Lebensraum», que quer dizer «espaço vital». Vinte anos depois, o mundo ouviu-a várias vezes nos discursos de Hitler.

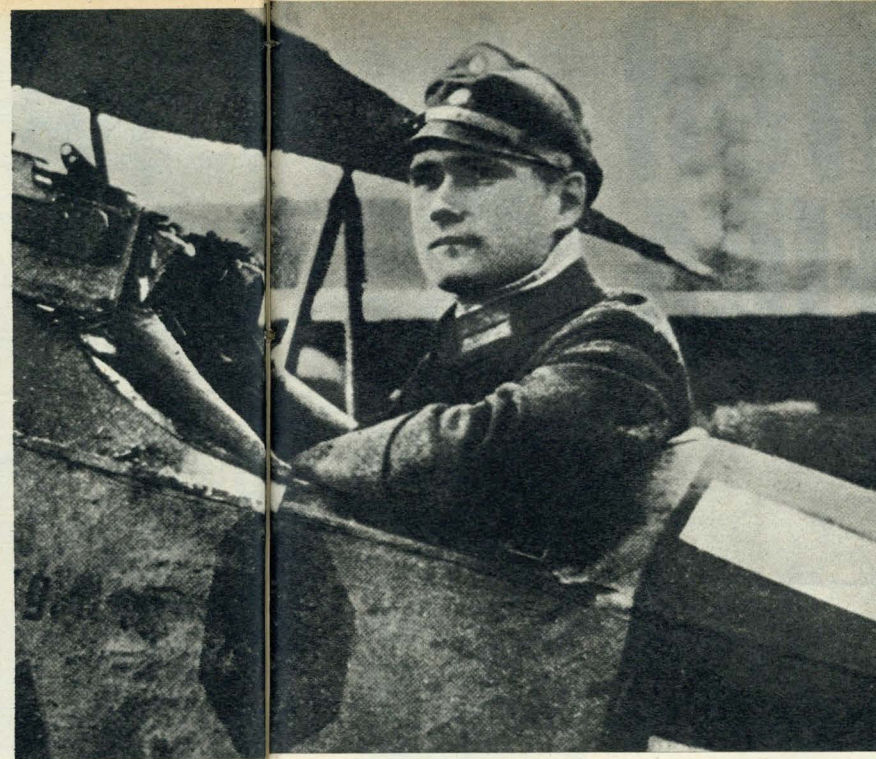
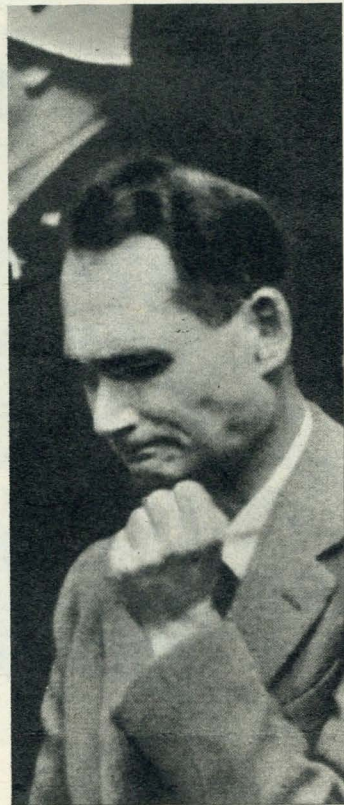
Hess extasiava-se perante as lições de Haushofer e tornava-se seu assistente. Um dia, apresentou-se ao mestre com algumas folhas na mão. O manuscrito intitulava-se «O homem que salvará o nosso país». Haushofer leu. Tratava-se de uma descrição de um imaginário «salvador», idealizado por Hess, que conseguiu agradar a Haushofer e convence-lo. O «salvador» encontrava-se na mesma cidade em que eles se encontravam. Toda uma vida pode ser decidida em poucos segundos. Estava-se em 1921. Vinte e cinco anos depois, no banco dos réus do processo de Nuremberga, Hess fará a sua rendição: «Durante muitos anos tive possibilidades de trabalhar com os mais dignos filhos da minha pátria». Dirá estas palavras, após a exibição de um filme em que se mostrava as atrocidades dos «Lager».

Após o insucesso do «putsch» de Munique em Novembro de 1923, Hess foi preso juntamente com Hitler. Na prisão, o futuro ditador começou a escrever o «Mein Kampf». Utilizava a máquina de escrever do director da prisão de Landsberg. Escrevia lentamente, servindo-se apenas de dois dedos. Hess revia os originais dactilografados. No «Mein Kampf» há um episódio que lhe é dedicado. Recorda quando, durante um comício, um opositor comunista o feriu na testa, atirando-lhe com uma caneca de cerveja; «O nosso comício tinha apenas começado», escreve Hitler, «Quando as minhas tropas de assalto atacaram, lançaram-se ao ataque como lobos. Naquele dia não tive bem consciência do que eles tinham feito, mas o golpe na testa do valoroso Rudolf Hess, ficou para testemunhar a sua acção».

Hess não se limitou a ser um romântico e decorativo lugar-tenente. É preciso que isto seja dito. O violento impacto do nazismo, na vida alemã, coloca-o sempre na primeira linha. Hess encontra-se entre os organizadores dos acontecimentos de Munique em 30 de Junho de 1934. Hitler estava farto dos SA, dos pretorianos que o tinham ajudado, nos anos precedentes, na conquista do poder. É este o destino de todas as vanguardas, conforme foi demonstrado por todas as revoluções. Violência contravilência: a primeira vítima foi Roehm, general do estado-maior das SA. A nova «élite» eram os SS. O Nazismo atingiu o ângulo das minorias. A imensa máquina de força e fanatismo toma conta do poder. Um ano depois são decretadas as leis raciais de Nuremberga, firmadas por Hess. Seguiam-se a conquista da Áustria e a invasão da Checoslováquia.

Mas quando, em Setembro de 1939, rebentou a segunda guerra mundial, o «valoroso Rudolf» sentiu-se posto de parte. Hitler procurava, sobretudo, o apoio dos militares e das SS. O partido tinha uma voz cada vez mais débil, enquanto no céu da Europa ecoa o urro dos «Stukas». Hess «assistiu» à conquista da Polónia, à ruína da França, aos assaltos à Inglaterra. Passa a levar uma vida burguesa. Passa semanas e semanas na sua casa em Munique no jardim e na piscina. Leva o filho Wolf Rüdiger, «Buz» para a família, a passear até ao jardim zoológico. A criança nascera, em 1937, onze anos após o seu matrimónio com Ilse.

Ilse Hess é a primeira pessoa a aperceber-se de que está a acontecer algo de estranho. Por que razão está aquele enorme



Rudolf Hess, oficial piloto durante a primeira guerra mundial. Depois de ter combatido na infantaria, Hess conseguiu ser transferido para a aviação. À ESQUERDA: — No decorrer do processo de Nuremberga, o antigo ajudante de Hitler parece não dar conta do que está a acontecer.

mapa da Escócia no gabinete do marido? Porquê tantas cartas dirigidas ao professor Haushofer? O antigo catedrático voltara a aparecer na vida de Hess. Ele próprio se mantém na sombra. Longe das páginas dos seus livros, a teoria do «espaço vital» torna-se qualquer coisa de insólito. No entanto, é aplicada pelas divisões dos «Panzer». Haushofer não tem medo. Considera-se, não um cultor de mitos desumanos como Alfred Rosenberg, mas o filósofo da «raça pura» que preparava, para Hitler, a ideologia do extermínio.

TINHA CONSCIÊNCIA DE SER UM MENSAGEIRO DO IMPOSSÍVEL

Haushofer sente que, não obstante as vitórias, a Alemanha está a encaminhar-se para trágicas incógnitas. Hitler (segundo a decisão tomada em Dezembro de 1940) atacará a Rússia, faltam apenas os planos da Operação Barba Ruiva. Mas primeiro seria necessário terminar a guerra com a Inglaterra. A ilha não cede, nem mesmo com as bombas rebentando sobre as cidades. Em duas frentes (a Oeste e a Leste), a guerra tendia a comprometer seriamente a sorte do «Reich». Hitler pretende propor um acordo aos Ingleses, para ter uma maior liberdade para lutar no Oriente. Isto deixa de ser um segredo.

Mas como fazer chegar isto ao conhecimento de Londres? Como demover o silêncio com que Londres tinha respondido a todas tentativas diplomáticas? Estas duas perguntas tornaram-se uma verdadeira obsessão para Haushofer e Hess.

Haushofer teve um sonho e resolveu contá-lo ao seu antigo aluno. No sonho, Haushofer via Hess pilotando um avião em direcção a um céu desconhecido. Num outro sonho, pareceu-lhe ver Hess caminhando pelos corredores de um castelo. A equação entre a imagem inconsciente e a realidade, depressa foi resolvida: Haushofer tinha um grande amigo na Escócia, o duque de Hamilton, íntimo de Churchill. Se Hess conseguisse encontrá-lo, se, apoiado na sua importância, o vice-«Führer», o «Reichsminister», percorresse a Inglaterra apregoando a paz, seria impossível dizer «não». O gesto seria suficientemente grande e clamoroso para convencer o Mundo.

Nenhum deles discutiu se a astrologia ou a nebulosa linguagem dos sonhos inspiravam, ou não, designios de grande projecção histórica. Está comprovado que as ciências ocultas conquistaram adeptos entre os «grandes» do nazismo. Mas será justo acrescentar que os sonhos de Haushofer foram apenas uma espécie de máscara para uma ideia pré-concebida por Hess.

O homem que, na noite de 10 de Maio de 1941, desceu na Escócia, tinha partido pouco antes do monte de Augusta, perto de Munique para a sua viagem de mil trezentos e cinquenta quilómetros tinha mandado instalar um reservatório suplementar. Foi capturado logo após a descida. David McLean, um camponês, viu, pela sua janela, o envólucro branco do pára-quedas descer sobre um prado vizinho. Quando chegou junto dele, Hess tinha, finalmente, conseguido pôr-se em pé. Coxeava. Durante a queda tinha fracturado um tornozelo. McLean conduziu-o para sua casa. Entretanto, a mãe e a irmã tinham-se levantado. Hess tirou da carteira uma fotografia de uma criança. «É meu filho», disse. «Esta manhã fui passear com ele. Agora, não sei se voltarei a vê-lo». «É alemão?», perguntou a senhora McLean. «Sim», respondeu Hess. «Tenho uma mensagem urgente para o duque de Hamilton. Levem-me depressa ao castelo de Dungavel. É aqui perto, não é verdade?»

Chegaram os soldados. Hess revelou a sua identidade. Conduziram-no ao hospital de Drymen e, finalmente, viu o duque de Hamilton. «A minha missão é uma missão de humanidade», disse. «Vim para negociar a paz». Churchill encontrava-se em casa de uns amigos, em Ditchley Park, em Oxfordshire. Estava a vez um

filme dos irmãos Marx, quando recebeu uma lacónica mensagem: «Rudolf Hess encontra-se na Escócia».

A incógnita que pesava sobre o destino de Hess reduzia-se a uma única pergunta: Hitler sabia onde ele se encontrava? A fantasia trabalhou, árdidamente, tentando encontrar uma resposta. Uma única coisa é certa: antes de partir, Hess escrevera uma carta ao «Führer», da qual guardava, em casa, uma cópia. Ilse Hess encontrou-a alguns meses depois. O documento foi destruído em 1945, quando a casa foi bombardeada e incendiada. Mas Ilse não esquecerá a última frase: «Se este plano fracassar e o Destino estiver contra mim, isso não trará quaisquer consequências para si ou para a Alemanha: ser-lhe-á sempre possível negar a sua responsabilidade quanto a este acto».

Ele próprio tinha consciência de ser um mensageiro do impossível. É oferecia, até, o «alibi» do delírio mental, ao homem a quem entendia dever servir, mesmo correndo o risco de sacrificar a própria vida. A Rádio Munique deu a notícia na noite de 12 de Maio. Entre outras coisas, o comunicado dizia que «uma carta deixada por Hess demonstrava, claramente, a presença de um distúrbio de carácter mental. A tese da paz foi a salvação. E encontrou, imediatamente, eco na Inglaterra. Nem Hitler, nem Churchill, embora por motivos bem diferentes, queriam que se difundissem vozes de paz. Encontrava-se pelo meio o prestígio de Hitler, já comprometido na conquista da Rússia. Churchill pensava na inquietação existente das suas frentes internas, na gente que passava noites de insónias nos refúgios».

Hess está louco, sofre de alucinações e de crises de misticismo, recita Goethe em voz alta e acredita ser o anjo da paz. Todos fazem o possível para que a notícia se espalhe. Os ingleses condenam-no à prisão, apenas em Junho de 1942, enviando-o para Abergavenny, na Gales meridional. Deram-lhe um nome em código. Chamavam-lhe Jay. Ilse recebia algumas cartas através da Cruz Vermelha. Numa delas vinha incluído um desenho, dedicado ao filho, e que mostrava um homem descendo, de um avião, de pára-quadras.

FANÁTICA EMPRESA, LOUCA BENEVOLENCIA

Hess voltou a ver os campos alemães em Outubro de 1945. A imensa tragédia terminara. Hitler fora vencido. Do grande «Reich» resta apenas um vulto destruído. No processo de Nuremberga, sentou-se entre Goering e Ribbentrop. Tinha as pernas cobertas por um cobertor militar porque se queixara de que tinha fric. Tremia, parecendo assistir a cenas horrorosas, e lia um livro de fábulas bávaras. Mostraram-lhe uma fotografia de Hitler e respondeu que não se recordava. Recusava defender-se, não queria ouvir defensores nem acusadores. O seu advogado insistia: «Não está em condições de afrontar este processo. Nem sequer procurou ver a mulher nem o filho».

Mas, um dia, Hess levantou-se e tomou a palavra. «A minha memória voltou ao estado normal», declarou. «As razões pelas quais simulei a perda da memória eram de carácter tático...» Defendeu-se, argumentou contra as acusações, contestou a legitimidade do tribunal que o estava julgando. Foi condenado a prisão perpétua. Foi declarado culpado de atentado contra a paz, por crimes de guerra e contra a humanidade. Aqui começou a agonia de Spandau.

Lúcido ou louco, simulador ou vítima, o enigma mantém-se, o dilema está por resolver. Hess tem 75 anos. O seu filho formou-se em engenharia. Ilse dirige um albergue, nas montanhas de Hindelang. «Para os juizes de Nuremberga», disse o filho, «o meu pai era um homem normal. Não se pode processar um esquizofrénico. A sua loucura, se existisse, não podia servir de argumento».

Além disso, a verdade, aliás bem dura, é outra. Apenas dois organismos sobreviveram ao tempo e à guerra: a comissão de «controle» das carreiras aéreas para Berlim e a direcção de Spandau. Se Hess fosse posto em liberdade, a prisão ficaria vazia e cairia o penúltimo símbolo de uma união já desaparecida no resto do Mundo. Por isso, o absurdo rito mantém-se. Churchill, um dos maiores inimigos da Alemanha, escreveu: «Qualquer que seja a culpa moral de um alemão, que colaborou com Hitler, Hess resgatou-a com a sua apaixonada e fanática empresa. Não é já uma questão de nazismo, é preciso esquecer. Spandau é apenas um lúgubre emblema, um bastão que vigia o deserto. O velho fantasma mantém-se no seu posto».

O TRANSISTOR NA PRIMEIRA PESSOA



Hoje vou-lhes falar de mim, transistor plebeu mas bom conversador, muito viajado (estive na Guerra do Vietnam). Vou falar dos meus problemas transistoriais, das minhas aspirações, narrar episódios da minha vida. Sempre é melhor do que passar os dias a conversar com os meus oito transistores

Todos me chamam transistor, mas o meu nome correcto é rádio portátil. Sou um vulgar rádio portátil negro, apesar de ter nascido no Japão, alimentado por quatro pilhas que o meu actual dono mensalmente me introduz no bucho, após operação de caixa aberta. Um transistor plebeu, de contrabando, desses que há nas lojas à venda por 300 escudos.

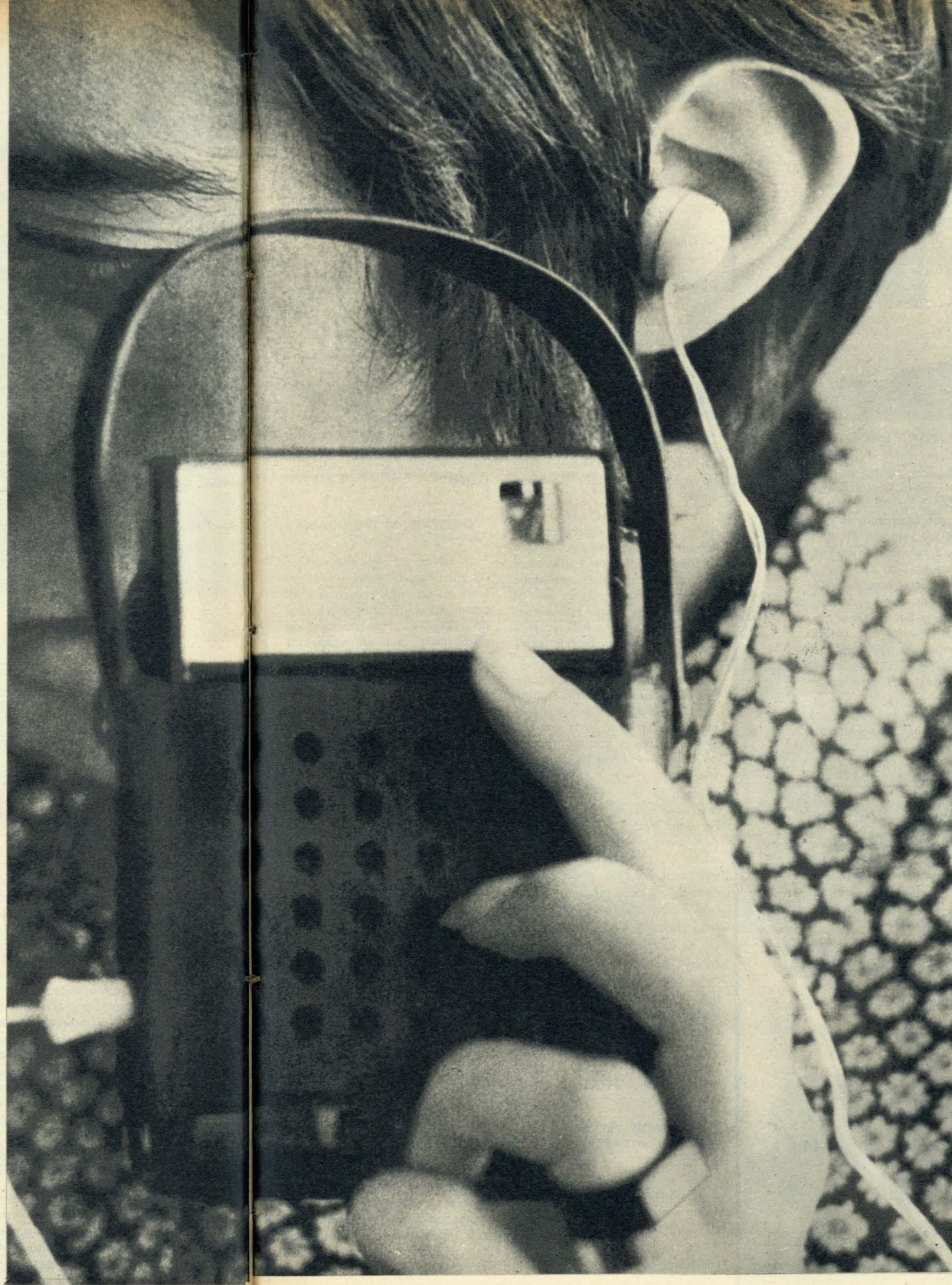
Feita esta apresentação, vou-lhes falar de mim (gosto muito de falar de mim), dos meus problemas transistoriais, dos meus anseios, daquilo que tem sido a minha vida de transistor.

Nós, os transistores, nascemos todos (e já somos biliões por esse mundo fora) da necessidade de restringir o volume, o peso e o consumo de energia. Eu, por exemplo, só gasto quatro pilhas por mês, uns dez escudos no conjunto. Bem sei que só apanho cinco postos, e um com certa dificuldade, mas a culpa não é minha, porque no Japão, apesar da tenra idade, sintonizava muito mais. Somos uma espécie electrónica relativa-

mente nova. Dizem os manuais que foi na década de 40 que nos tornámos viáveis. Desde essa altura registou-se um «boom» notável e há mesmo quem tenha sugerido a aplicação de técnicas neo-malthusianas de «contrôle» de fabricação. Só no meu país existem 11 grandes fabricantes de transistores e calcula-se que, em todo o mundo, durante o ano passado, tenham nascido 70 milhões de transistores, o que origina problemas de supertransistorização. Fenómenos de sub-emprego começam já a ser detectados que tem sido a minha vida no Japão. Basta dizer que 85 ou 90 por cento dos que nascem na minha pátria vêm-se obrigados a emigrar. No nosso caso, ao contrário do que sei acontecer na emigração humana, a emigração dirige-se dos países industrializados para os subdesenvolvidos. Apesar disso, muitos transistores tentam a sorte nos Estados Unidos. O ano passado a administração daquele país opôs uma certa resistência à entrada de transisto-

res do Extremo-Oriente, o que considero uma medida de acentuado cunho racista. A taxa de emigração desceu então um pouco, mas lá vamos quase todos deixando, sem esperança de retorno, o país do sol nascente.

Somos de raças muito variadas. Os três principais grupos étnicos são os rádios de bolso, os rádios portáteis (mais vulgarmente conhecidos pela grosseira designação de «garrações electrónicos») e os auto-rádios. Há grupos mais afastados que também são nossos parentes — até os misseis-balísticos, calcule-se. Mas esses são uns ingratos: como subiram na vida, já não ligam aos mais pequenos. Para evidenciar as diferenças que nos separam basta dizer que só uma família ali da Holanda tem uns duzentos tipos de irmãos transistores. De um a outros tipos há diferenças de preços, por vezes muito sensíveis. Eu, que custo 300 escudos (e se for de contrabando ainda me arranjam mais



«Por cima da pele de plástico visto invariavelmente um blusão de cabedal preto, que dá uma visão defeituosa da minha personalidade».

barato) sou dos mais acessíveis; outros há que custam contos de reis. Mas disso sabem os senhores melhor do que eu próprio.

Ora com isto tudo, tenho-me esquecido de falar de mim próprio. Tenho quatro anos, mas pareço muito mais velho, devido aos maus tratos físicos que o meu actual dono me tem dado. Por cima da minha pele de plástico preto visto, invariavelmente, um blusão de cabedal, preto também, o que dá uma indicação defeituosa da minha personalidade — porque não dizer? — da minha ideologia. Não mudo de fãtiota nem mesmo quando há festa lá em casa. Porque ir a festas não vou, isso é com os galdérios dos meus primos giradiscos portáteis. Comecei por emigrar para o Vietnam. Aí andei em campanha e capturei Rádio Hanói no silêncio da selva. Até que o meu dono foi morto, tendo eu ido parar às mãos de um americano que passava a vida a mascar «chewing-gum» e me vendeu, mal chegou a Saigão. Foi aí que um marinheiro português me encontrou, e me trouxe para «este país à beira-mar plantado», como toquei outro dia na Emissora, para casa de uma prima que vivia ali ao Vale Escuro. Habitado ao som mavioso da música do meu país, e às marchas heróicas de Rádio Hanói, confesso que estranhei, quando me puseram dias inteiros a tocar nos Emissores Associados. Só transmitia canções do Tony de Matos e do Teixeira. Cheguei mesmo a pensar com os meus oito transistores: «qualquer dia escangalho-me». Mas entretanto as pilhas gastaram-se.

NUMA CASA DE PENHORES

Como o dinheiro mal chegava para comerem, quanto mais para me sustentarem a mim, o pai da família, que andava na estiva, como estivesse três dias seguidos sem trabalho, empenhou-me. Ofereceram por mim 77\$50. Senti-me humilhado e só o moreno da minha tez impediu que se notasse o rubro que invadiu o meu plástico. Passei um ano muito aborrecido numa prateleira da casa de penhores, onde sempre me dispensaram bons tratos (por isso não concordo com aquilo que vi o Solnado fazer no Zip-Zip ao senhor prestamista). Fui leiloado e arrematado por 100\$00, o que tendo sido nova afronta, muito me alegrou, porque passei a ter sempre pilhas no bucho e aos domingos era uma grande festa, to-

SEGUE

O TRANSISTOR



espiral

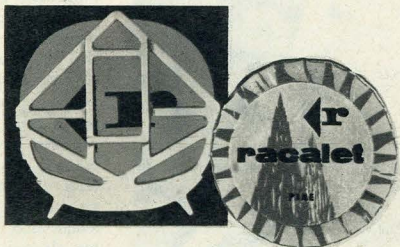
— Está lá? É a Teresa? Ó filha desculpa maçar-te a esta hora, mas tenho de desabafar com alguém. Imagina tu que o meu casaco verde, sabes, aquele que tinha a raposa que o Zé me trouxe... Quiz pô-lo ao ar, como costume fazer durante a estação quente, e que vejo eu? Já não tem raposa. Tem gato. E pelado. A traça roeu a minha rica pele até ao pelo...

— Coitada! Mas olha que a culpa é tua. Pois não te lembras do que a Dona Helena nos disse em casa da Becas: «Pois eu, cá, minhas ricas, nem bolinhas nem bolotas. Apesar de ser velha não gosto de cheirar a naftalina! Ponho RACALET em todos os roupeiros. E, com RACALET, nem traça da traça!

— Tens razão. Agora me lembro que até acrescentou que RACALET perfumava o quarto...

— Vês tu?

"QUEM TINHA RAZÃO ERA A DONA HELENA" **racalet** combate a traça.



Representante exclusivo: **F. LIMA & C^o SUCR, LDA.**
A VENDA NAS MELHORES PERFUMARIAS E DROGARIAS

cava todo o dia, nos sucessivos programas desportivos de todos os postos. E quando chegava a hora dos relatos todo o meu altifalante tremia de gozo, porque atroava os ares, no bairro ou no estádio, demonstrando a todos a excelência dos meus pulmões nipónicos. Durante todo este tempo nunca transmiti Emissora 2, e isso fazia-me grande espécie. Pensei, nessa altura, coisas esquisitas, mas o enigma creio tê-lo decifrado quando o meu dono desportista me perdeu no banco de um autocarro, da carreira Marquês de Pombal-Estádio da Luz. Um estudante de barbas e borbulhas, meu actual dono, ao encontrar-me salvou-me de longa permanência nos «achados da Carris», que ao tempo eram no Elevador de Santa Justa.

A primeira coisa que o estudante me fez foi operar-me, tirar-me todos os órgãos, mesmo sem eu estar doente, sem anestesia nem nada. Felizmente soube recolocar tudo, e parece ter ficado satisfeito porque nunca mais me voltou a abrir a não ser para me meter as pilhas, de boa marca por sinal.

O meu novo dono tem permitido que eu me instrua muito, pois faz-me apanhar os cinco postos que se podem ouvir em Lisboa e à noite leva-me para a cama e faz-me bater os postos estrangeiros.

Quando o meu dono está em casa ando sempre com ele. Transporta-me para a casa de banho, para a cozinha, para a mesa do estudo... Por vezes deixa-me cair e já perdi, por causa disso, um bocado de plástico, nas costas. Também é certo que estou muito sujo, todo cheio de cootão entre o blusão de cabedal e o plástico, o que origina muitas comichões, sobretudo no Verão. E aquela mania que ele tem de ouvir todos os noticiários também é «chata», mas enfim, ao menos não toco os «Serões para trabalhadores» nem os programas de anúncios do Armando Marques Ferreira

tudam a minha anatomia e todos os meus problemas físicos em geral. Havia contas, esquemas, um encanto que só visto. Semicondutores, diódios de cristal, rectificadores de selénio e de óxido de cobre...

Mas na minha vida há um grande desgosto, o desgosto da minha vida. É o seguinte: tenho pena de ser um rádio de contrabando. Preferia, antes, ter saído de uma fábrica, cuidadosamente encaixotado, facturado, e ser transportado num comboio ou num barco, com todas as comodidades. Pagar os direitos na alfândega, ser anunciado nos jornais e nas revistas, exposto numa montra enfeitada. Enfim, poder andar de cabeça erguida, ser um rádio respeitável.

QUESTÃO DE DIGNIDADE

E talvez até gostasse, apesar do meu actual dono ser muito bom, de ter uma existência mais calma. Ser comprado por um casal de velhos, que me mantivessem numa mesa, com um «naperon» de renda por debaixo. Também os transistores têm o ideal da «aura mediocritas». Começo a sentir-me gasto, já não estou para estas lidas, para este vaivém constante entre a casa de banho e a sala de jantar, para estas quedas que dou a toda a hora entre o fecho do contador de electricidade, onde ele me costuma pendurar, e o solo. É evidente que eu toco melhor junto à electricidade, mas também não há razão para ele me achincalhar colocando-me por sistema em cima dos electrodomésticos que, ou é impressão minha, ou me olham com ares de superioridade. Dir-se-á que são ninharias. Mas estas coisas custam a um transistor, com os diabos! São questões de dignidade! Assim como não gosto da maneira como tratam os rádios portáteis maiores, os «garrafões electrónicos», como lhes chamam desprezivelmente. São rádios de boas procedências, bonitos, com linhas correctas, úteis. Bem sei que esses sujeitos que pegam neles aos domingos para os exibirem pelas ruas, com a Maria Pereira em altos berros, ajudam muito a tal desprestígio. Mas de uma coisa podem estar certos. Se persistirem as manobras subversivas e difamatórias de que agora somos alvos, não hesitaremos e processaremos todos aqueles que atentem contra a dignidade dos seres transistorizados.

OS MEUS PROBLEMAS INTIMOS

Há alguns dias tive oportunidade de consultar uns livros que falam a meu respeito, isto é, acerca da minha espécie. Fiquei muito contente com a gravidade e a profundidade com que os homens es-

**PORQUE
TENHO
TANTO
CABELO
E VOCÊ
NÃO TEM?...**



Entre nós, meu caro amigo... é

PERSONAL

Aqui onde me vê, tenho idade para ser seu pai! Bem, seu pai não direi, mas seu irmão mais velho... Não acredita? Por causa da cabeleira? Pois é, pareço um rapaz.

Ainda ontem a «Pat» me disse com certo sorriso: «trrrinta e trrrés...». Quer saber o segredo? Vê este frasco?

É Personal, o tónico capilar que evita a calvície prematura pois é uma loção cientificamente preparada.

Fundamentado em vitaminas, hormonas, antibacterianos, antimicóticos (são estas palavras difíceis que lhe garantem resultado tão fácil), Personal é o tratamento contra a calvície e a caspa. Faça como eu: aplique sistematicamente o concentrado Personal nocturno e a loção Personal diurno na sua toilette matinal.

Vai ver que, dentro em breve, outra «Pat» lhe dirá, também com certo sorriso «twenty trrrés...»

Mas que isto fique entre nós... Não vale a pena darmos a chave do êxito a toda a gente! Lembre-se da concorrência, é



PERSONAL

À venda na sua farmácia habitual

Representantes:  Ayhami Peig, Lda.

Av. Grão Vasco, 45, r/c., Esq. Lisboa-5

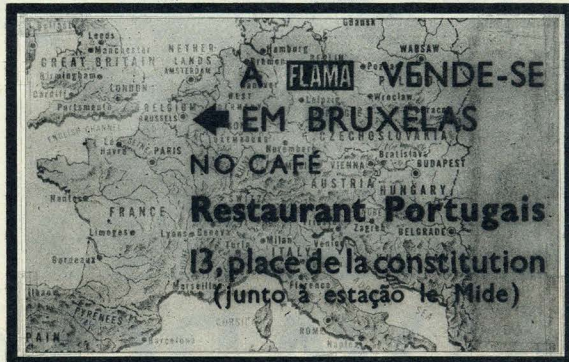
Agora o seu bilhete de identidade



Vale contos de réis...

POIS SE TIVER 65 OU MAIS ANOS DE IDADE COM ELE PODERÁ VIAJAR COM UMA REDUÇÃO DE 50% NA REDE GERAL DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

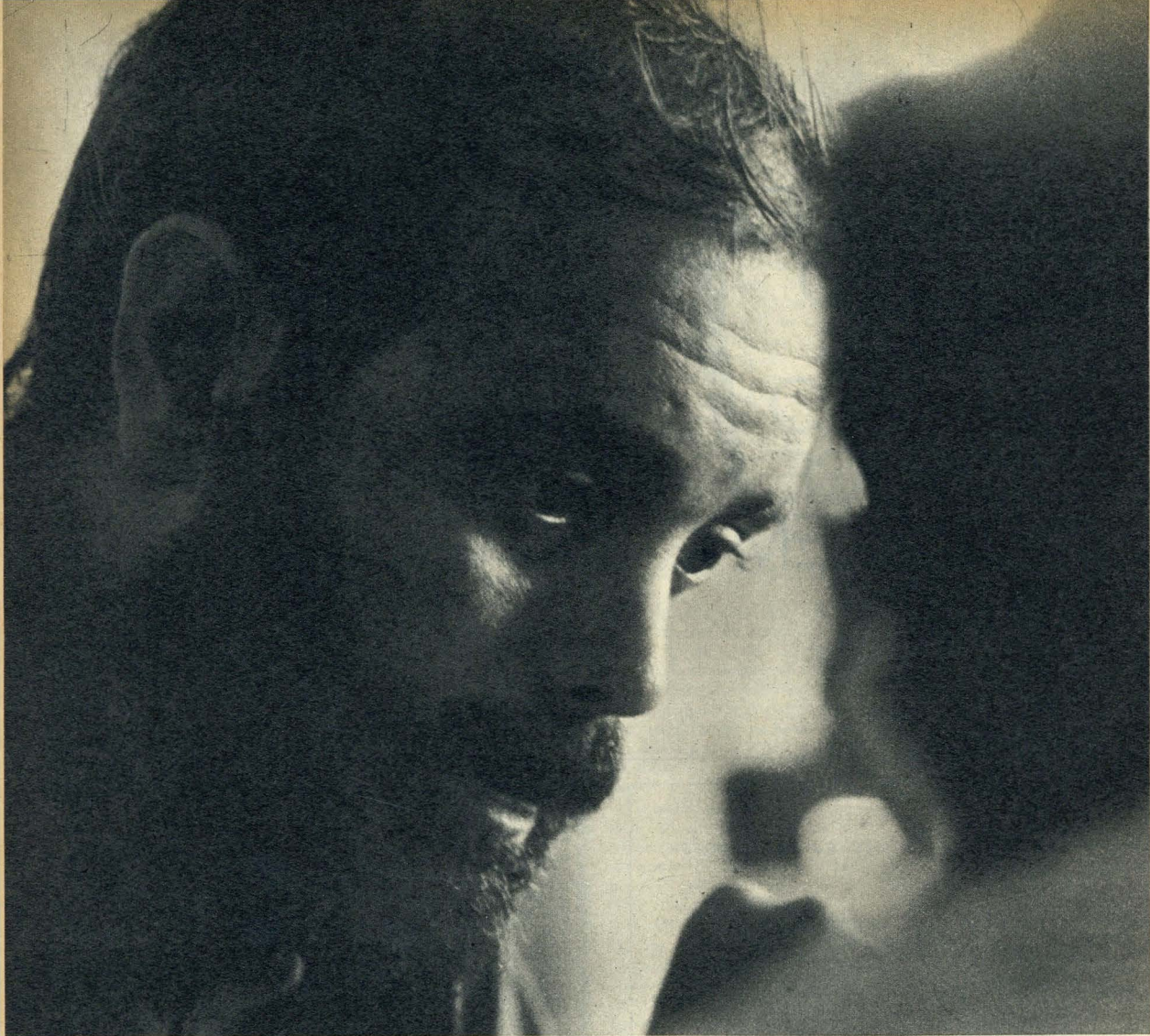
INFORME-SE NAS SECÇÕES DE INFORMAÇÕES OU NO DEPARTAMENTO COMERCIAL ESTAÇÃO DE SANTA APOLÓNIA — TELEF. 86 41 81



**A «FLAMA»
É TRANSPORTADA
PARA O SUL DO
PAÍS PELA EVA**

**A EMPRESA
CLARAS
TRANSPORTA
A «FLAMA»
PARA DIVERSAS
LOCALIDADES**

CETAVLEX
PARA AS QUEIMADURAS DO SOL



ÁLVARO GUERRA: UMA VOZ ENTRE O CLAMOR

TEXTO AFONSO PRAÇA
FOTOS IOAQUIM LÓBO

Sou apenas mais uma voz entre o clamor que assinala alvoradas inquietantes, agora que «os jornais não têm outra coisa a contar senão histórias da peste, e as pessoas dizem: «não há nada no jornal», como já acontecia no tempo de Alberto Camus.

Algum tempo passou já sobre este texto, publicado quando aquela voz surgiu «entre o clamor que assinala alvoradas inquietantes», na Primavera de 1967, a acompanhar o primeiro livro de um jovem escritor que, a partir desse momento, passou a constituir uma das três ou quatro revelações mais seguras na ficção portuguesa dos últimos anos. Título do livro — *Os Mastins*; nome do autor — Alvaro Guerra.

Mais de dois anos passaram já e os jornais continuam a não ter outra coisa a contar senão histórias da peste e as pessoas a dizer: não há nada no jornal. Mas a voz ganhou força e, entretanto, novo livro, *O Disfarce*, veio confirmar o que então se previa. E ainda antes de o jovem escritor ter na sua terra a projecção que, porventura, mereceria, eis que *Os Mastins* e *O Disfarce* são publicados em França, num só volume, em edição da Gallimard (coleção «Du monde entier»), traduzidos por Roberto Quemserat e com o título *Les Mâtis suivis de «Le printemps déguisé»*.

Para já, a edição francesa da obra de Alvaro Guerra despertou a atenção de editores de outros países, nomeadamente da U. R. S. S., E. U. A.; Alemanha e Checoslováquia, onde é muito provável venham a ser publicados os livros do jovem escritor.

Mas a voz não se pode calar...

— *Presentemente, trabalho num romance mais ambicioso que os outros, na medida em que tento cobrir uma realidade mais ampla. Chamar-se-á A Lebre.*

— *Será também uma alegoria?*

— *Não. Há uma certa dose de simbolismo nas situações, mas não é uma alegoria...*

Alvaro Guerra conversa calmamente, ao fim de um dia de trabalho, numa das salas de sua casa num nono andar à Penha de França, de onde se vê Lisboa e o Tejo.

UMA QUINTA COM UMA VACA, UM CAVALO, UM CÃO E UMA HORTA

Alvaro Guerra nasceu em Vila Franca de Xira, há 32 anos. Trabalhou na rádio e na publicidade, viveu depois em Paris onde voltou a dedicar-se à publicidade e seguiu-se um longo intervalo para o serviço militar que o levou à Guiné onde esteve dois anos e foi ferido. Actualmente, Alvaro Guerra trabalha de novo na publicidade como, de resto, muitos dos escritores portugueses.

Recordo este texto autobiográfico de Alvaro Guerra, enquanto penso que também o repórter procura, diariamente, salvar a vida e a possibilidade de contar o que viu. E pergunto:

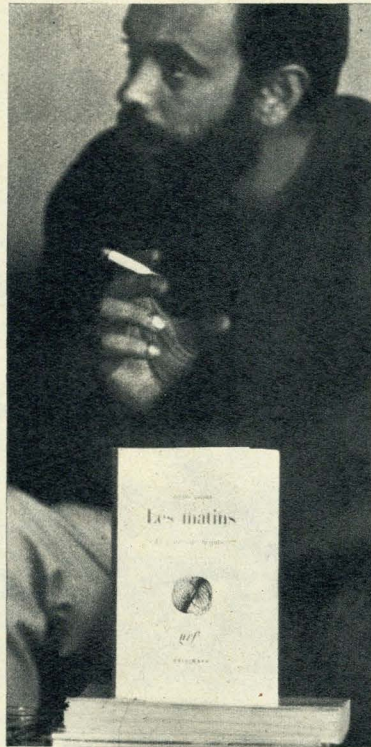
— *Escrever para si, é mesmo indispensável, uma questão de vida ou de morte?*

— *Acho que viver é melhor que escrever. Só não consigo imaginar-me a viver sem escrever.*

— *E escreve muito?*

— *Só nos fins-de-semana e, às vezes, à noite, quando não chego a casa excessivamente exausto.*

— *Como vê o escritor Alvaro Guerra?*



«Presentemente trabalho num romance mais ambicioso do que os outros». Alvaro Guerra não se cala perante o sucesso de *Os Mastins*.

— *Vejo-o como um personagem empenhado nas coisas importantes que se passam no tempo em que vive e considero-o cada vez mais intransigente. Há uma grande dose de afectividade nas atitudes que toma e ele gosta que isso aconteça porque fazem parte da sinceridade que caracteriza o seu «estar no mundo» e o ajudam a ir, ar-se inteiro nas coisas em que acredita...*

— *Que coisas? Salienta alguma?*

— *Talvez reserve um lugar particular à revolta permanente do homem e à ambiguidade que caracteriza o seu progresso.*

— *É sincero?*

— *Profundamente sincero.*

— *É ambicioso?*

— *A minha ambição maior é uma quinta (pequena) com uma vaca, um cavalo, um cão e uma horta, viver lá*



com aqueles que amo, estar com os meus amigos sempre que eles quiserem, escrever melhor, comunicar com mais rigor.

NÃO ESTOU INTERESSADO EM BATER-ME POR UMA CARREIRA LITERÁRIA

Alvaro Guerra começou a escrever muito cedo e quando, em 1962, terminou, na Guiné, a primeira versão de *Os Mastins* (um conto extenso) tinha já dois romances na gaveta. E só aos trinta anos é que o escritor publica o seu primeiro livro, iniciando uma carreira literária que decorre longe dos lugares onde os tambores publicitários se concentram. Evidentemente que todos os escritores gostam que os seus livros sejam vendidos e lidos, mas também aqui, sobretudo aqui, há publicidade e publicidade.

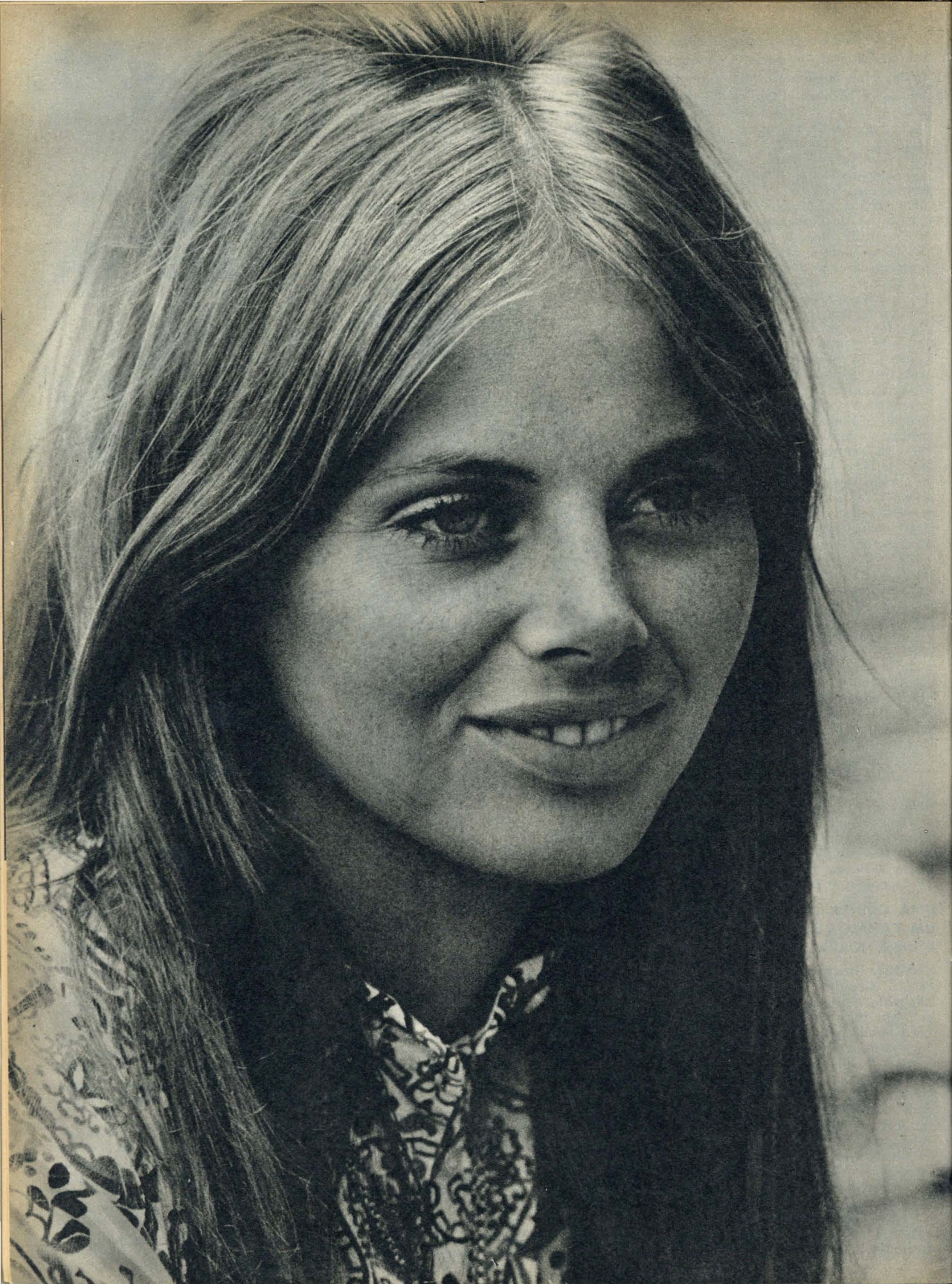
— *Não estou interessado em bater-me por uma carreira literária. É uma questão de pudor...*

— *Explique-se melhor.*

— *A partir do momento em que as pessoas começam a preocupar-se mais com a carreira literária do que com aquilo que têm para dizer (se é que ainda têm alguma coisa para dizer) desencadeia-se uma pobreza que se torna notória aos olhos das pessoas mais alertadas. E depois, eu tenho uma aversão profunda aos dogmas e aos mitos e penso que a maior descoberta ainda por fazer continua a ser o filtro da juventude.*

Alvaro Guerra persegue agora *A Lebre*, corre nos fins-de-semana e, às vezes, à noite, quando não chega a casa excessivamente cansado. Aos trinta anos, escrevia:

«Como escritor sem passado e homem de hoje pretendo dar ao futuro aquela parte da minha vida que pude salvar»



britt ekland

não é noivo, é irmão...

A atriz sueca Britt Ekland alcançou o sucesso e a fama por um processo inédito — através do casamento. Britt era praticamente desconhecida fora do seu país natal, quando foi anunciado, perante o espanto de todos, o seu casamento com o conhecido actor cómico inglês Peter Sellers. Pouco tempo após o casamento, Peter Sellers teve um forte ataque cardíaco que quase o fazia desaparecer do mundo dos vivos. Britt acompanhou-o e tratou-o durante toda a sua longa convalescença. Durante algum tempo Britt e Peter pareceram constituir um dos casais mais felizes do mundo do cinema. No entanto, actualmente, estão já separados. Britt foi para Roma, onde, actualmente, vive e filma. Comprou um apartamento vizinho ao do também célebre casal Sophia Loren-Carlo Ponti. O seu irmão Bengt, estudante de arquitectura, foi viver com ela e imediatamente recebeu uma proposta para desempenhar um papel num filme, que segundo parece lhe serviu para abrir as portas do cinema italiano.



Britt e Bengt Ekland. À primeira vista, poderemos ser levados a pensar que se trata de mais um casal do mundo do cinema. Mas Britt e Bengt são irmãos. À ESQUERDA: — No rosto de Britt, uma expressão calma e suave.

Página 1

PAGINA

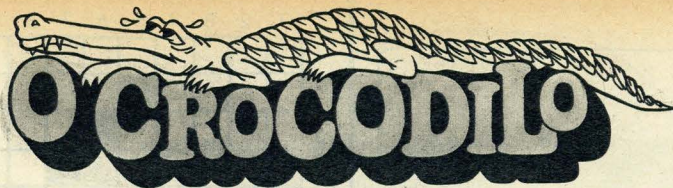
PÁGINA 1

página 1
página 1

PÁGINA 1
1

o ritmo
do
nosso
tempo

SINTONIZE RÁDIO RENASCENÇA DAS 19,30 ÀS 20,30 HORAS



«ELA» E A CANÇÃO PORTUGUESA

A "REVOLUÇÃO GUTURAL" CONTINUA AGORA EM FREQUÊNCIA MODULADA

Se alguém, nesta terra, ficou convencido de que a seguir aqueles vistosos programas da televisão a famosa ELA se calara definitivamente, tem agora a oportunidade de verificar como se enganou: basta escutar, pela manhã, a frequência modulada de Rádio Clube Português...

Modulada, sim senhores, que a coisa agora fia mais fino e, além disso, ELA jurou não pappar ninguém.

Não terá, evidentemente, as grandes audiências que desejava mas basta-lhe a satisfação de se saber escutada entre a clientela e a certeza da existência de um microfone disposto a tudo para que a revolução continue. Apoiado!

A «REVOLUÇÃO» ESTÁ TRANSFORMADA

Crocótilo ignora completamente os resultados de tantos anos de luta desinteressada, mas crê que ELA poderá provar, nem que seja «através de milhares de cartas recebidas», que a sua inteligente «Revolução Gutural» está «transformando» o programa da canção lusitana. Crocódilo crê, olá se crê!

O LIVRO-DOCUMENTO

Não sei com rigor se chegou a ser publicado um livro-documento com a «indimentável verdade dos factos». Não o encontro nos hotéis que frequento e mesmo nos principais «snaks» ninguém me deu conta da novidade. Nem sequer a crítica especializada se lhe referiu, o que, francamente, me deixa desanimado quanto à publicação de um outro livro de poemas da fadista Saudade dos Santos. Em todo o caso, admitese que a crítica tivesse ignorado, proposadamente, a publicação da obra, pois todos nós sabemos da má vontade, do azedume, da política caseira que, injustificadamente, tem prejudicado a actividade DELA.

A TERRÍVEL DÚVIDA

Uma dúvida que Crocódilo desejava tornar pública poderá ser posta nos seguintes termos:

Estando ELA a lutar pela canção lusitana, apoiando-se em argumentos válidos, como por exemplo: «defendendo o que é nosso» ou «o que é nosso é que eu defendo» ou, ainda, «é nosso, logo, eu defendo», deveria exigir-se que, pelo menos, os seus colegas

locutores e produtores da Rádio secundassem a campanha e, eles próprios, transmitissem as canções DELA.

Ora se as cantigas DELA não se ouvem em mais nenhum programa a não ser no DELA é porque se passa algo de anormal. É porque há uma data de programas da Rádio a cometerem gravíssima falta pela qual terão de prestar contas no dia do Juízo final. E olhem que um Juízo final com ELA deve ser cá uma estopada...

ELA MERECE UMA CAMPANHA

Portanto, aqui fica uma advertência aos excellentissimos donos dos programas radiofónicos: toquem os discos DELA, abusem das cantigas DELA, irrite o povo com os folclores DELA, insistam, chateiem, enervem... Por tudo quanto tem feito em prol (sempre o mais em prol possível) da canção nacional ELA MERECE ESTA CAMPANHA...

MENSAGENS DE FÉRIAS

Atendendo ao período de férias que felizmente muitos gozam, o pântano cede aos fregueses assíduos o espaço necessário para a troca de mensagens sobre assuntos de carácter geral. É uma iniciativa que pretende, por um lado, obviar às dificuldades que presentemente se verificam para a obtenção de ligações telefónicas interurbanas e, por outro, facilitar a missão dos C. T. T. nas suas visitas domiciliárias.

O Crocódilo insere hoje mesmo as primeiras mensagens e aproveita a oportunidade para desejar aos leitores em villegiatura as maiores felicidades, ricas banhoas e piqueniques sem formigas.

DO GERENTE DA LEITARIA DO SR. SERÓDIO, PARA O SR. SERÓDIO PROPRIAMENTE DITO, ALGURES EM ESPANHA: — «Senhor Seródio: é só para lhe dizer que na sua ausência sempre acabaram com a gorjeta. Diga-me com urgência se passo a meter menos café na água ou mais água no leite. A gente tem que se defender. Se quiser, não responda que eu já tomei as providências que o caso impunha. Sendo assim, pode ficar descansado. Cumprimentos à Senhora dona Ermelinda.»

DE ROSA BRANCA, PARA O SEU ALFREDO, EM FÉRIAS EM ALGÉS: — «Olha lá, ó menino, pelo facto de eu estar longe de ti não penses que podes abusar. Eu bem te vi no teatro Villaret quando mostraram a assistência. Isto agora com o «Zip» muda de figura. Com que então a menina que estava ao teu lado era a tua irmã? Olha lá: tu pensas que eu sou miope?»

DE MARIA DO ROSARIO, PARA O SEU NAMORADO, EM TRAS-OS-MONTES: — «... Por cá dizem que mandaram dois homens à Lua e por aí, também dizem?»

DO BIBI PARA A LICAS, ALGURES NO ALGARVE: — «Não percebo essa história do inglês. Então quando foste para o Algarve com os teus padrinhos não era por causa do «Portugal desconhecido à tua espera»? Então, em vez do Portugal desconhecido encontrei um inglês? Outra coisa que te quero dizer é o seguinte: «quando telefonares para o «Quando o telefone toca» e dedicares discos ao teu querido, não digas o meu nome completo. Tu sabes muito bem que para ti sou Bibi.»



da P
Baixinhos, v
de Xira. b
M
d

Clube dos Carecas

Aceitam-se inscrições p.ª Comissão Organizadora. Resp. 20
Rossio, 11. ao n.º 1669.

OS ANÚNCIOS DESTA SEMANA FINALMENTE, O "CLUBE DOS CARECAS"!

Há muito que a Imprensa vinha lutando pela união de todos os carecas vivos. Ninguém ignora a importância dos problemas a resolver e o que pode representar para o progresso do país a organização de uma actividade conjunta e devidamente planificada dos carecas em bom estado.

No estrangeiro, especialmente nos Estados Unidos, a classe dos calvos já há muito é reconhecida e respeitada. Em França e na Inglaterra e na própria Espanha, os lisos são uma força. É lógico que Portugal não quisesse ficar indiferente, tanto mais que é debaixo de uma careca que, muitas vezes, está uma cabeça e, o que é mais importante, uma cabeça que pensa.

A organização do Clube dos Carecas, proposta agora através de um anúncio de jornal, vem corresponder aos justos anseios da classe que, embora não esteja pelos cabelos, tem direito à sua urgente legalização.

E já agora, Crocódilo propõe ao «Zip-Zip» que, a exemplo do prestamista, procure entrar em contacto com alguém da organização do Clube dos Carecas de modo a acelerar a formação do grupo através de uma merecida campanha televisiva.

OPORTUNIDADE AOS FUTEBOLISTAS C. OU S. PRÁTICA

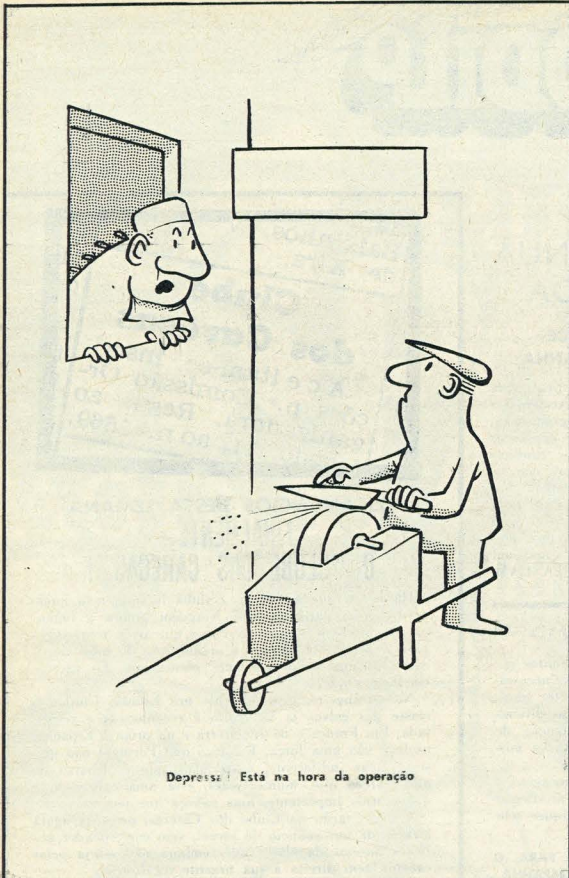
O outro anúncio desta semana, quatro linhas de corpo miudinho, não sei se é piada para um conhecido futebolista desempregado — ou se é mesmo a sério. A verdade é que um «clube popular» precisa de jogadores (ou precisava, pois é muito natural que já tenha contratado algum dos candidatos que responderam ao número 853) e não esteve com meias medidas, botou alvarças ao lado das scridas, precisam-se.

O facto da solicitação pública incluir a indicação c. ou s. prática dá a ideia de que o clube precisa mesmo e que está disposto a treinar quem se apresente s. prática, o que é extremamente importante para a data de sujeitos que passam a vida a dizer que essa história do pontapé na bola é que dá dinheiro.

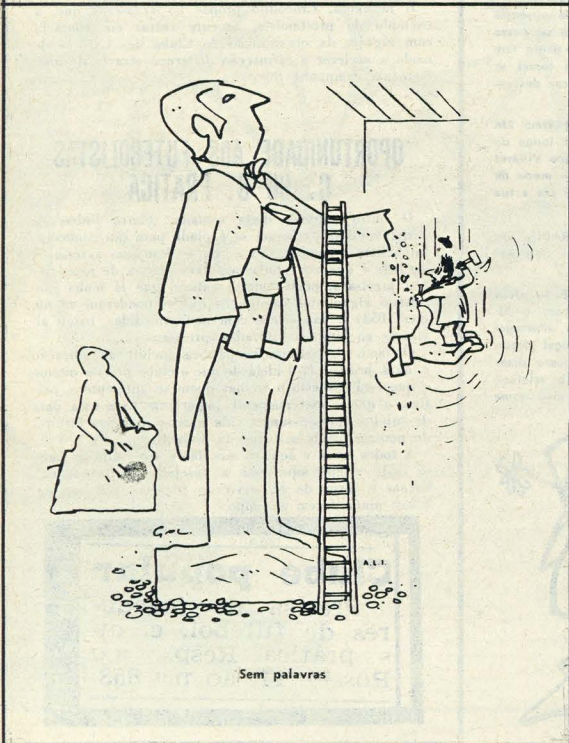
A todos esses, e aqueles que dão o seu chute no bairro onde vivem, aqui está a desejada oportunidade... Façam o favor de se servir do número 853 se, por acaso, ainda forem a tempo.

Clube popular

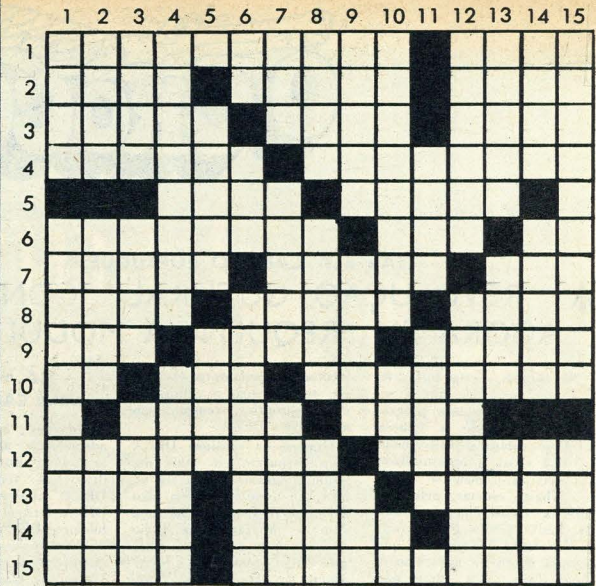
Precisa de jogadores de futebol. c. ou s. prática. Resp. a o
Rossio, 11, ao n.º 853.



Depressão: Está na hora da operação



Sem palavras



PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 977

HORIZONTAIS: 1 — O género humano; guarneçam de abas. 2 — Escolher; que atingiu a maioridade legal; prefixo de substituição. 3 — Leigo; variedade de porco doméstico (Bras.); predem-se com eles. 4 — Esqueleto; desonrado. 5 — Borboleta diurna; destinos. 6 — Mortificais; Transportes Internacionais Rodoviários; observei. 7 — Usaras; paladar; espécie de albufeira. 8 — Vantagens; os dois; sul-africano (Transval) de origem holandesa. 9 — Seguias; espécie de tartaruga (Bras.); barão de pião. 10 — Dinamarca-Suécia (iniciais); preposição; passaras de fora para dentro. 11 — Fica doente na cama; camareiras. 12 — Moça de campo; paixões. 13 — Irritam; pequeno intervalo musical; desejo veementemente. 14 — Azedo; rio da Rússia; despacha. 15 — Tanges; totalidades.

VERTICAIS: 1 — Auréola; polírias. 2 — Feminino de um (pl.); campos; roda. 3 — De preferência; ninhos; limalha. 4 — Obsoletos; disponhas em camadas. 5 — Pessoas excessivamente gordas; prender. 6 — Prefixo; camareira; debilitados. 7 — Dinamarca-Alemanha-Turquia (iniciais); terramoto; sem ângulos. 8 — Criada grave (pl.); terçado; prefiram. 9 — Predicados; espécie de boné chato, sem pala; nome de uma letra. 10 — Sabedores; parente; Austria-Turquia (iniciais). 11 — Ligar; intriga. 12 — Habituar; alardear. 13 — Fel; triturar; corrigi. 14 — Académico (abrev.); cidade da Austria; nome de homem. 15 — Reduziras a uma memória; ecoas.

Solução do problema n.º 976: Desfalecimento — i — Memei — marau — v — sb — leves — sós — lé — cró — safio — saber — rapa — matiz — levo — igara — nulas — mas — Calcuste — vai — ri — i — aldeia — caira — m — or — Aar — cardarei — nos — zeros — Avril — alas — sorar — Audi — ralar — ralam — AET — is — tir — mamem — ru — o — talar — dadar — d — municipalidade.

RAPARIGA
UM CURSO PARA TI!

A Escola de Enfermagem «Rainha Santa Isabel» pretende formar Enfermeiras que, sendo tecnicamente competentes, saibam dar aos problemas que se lhes depararem soluções cristãs ...

Rua Alexandre Herculano, 20
COIMBRA



Porquê uma rosa negra
bordada nesta camisa de homem?
A rosa negra é um símbolo.
A rosa é uma flor requintada.
A rosa negra é a perfeição do requinte.
A rosa negra não está imediatamente
à vista, é uma flor discreta.
Abra negligentemente o casaco
— confirme a opinião que os outros têm de si.

rosa negra

para homem



a camisa com o monograma da distinção

Agora também em Portugal • um exclusivo triple marfel 

KART

O cigarro que **ELE** fuma...

Conquista pela superioridade absoluta
do seu filtro de extraordinária eficiência



KART O cigarro que dá
Kilómetros de prazer.